

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PATRÍCIA RAFAELA OTONI RIBEIRO

O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO
DO MUNICÍPIO DE OLIVEIRA FORTES-MG:
A CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

JUIZ DE FORA
2013

PATRÍCIA RAFAELA OTONI RIBEIRO

**O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO
DO MUNICÍPIO DE OLIVEIRA FORTES-MG:
A CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2013

Ribeiro, Patrícia Rafaela Otoni.

O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes-MG: a concordância nominal e verbal / Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro. -- 2013.

197 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

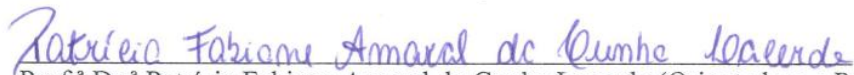
1. Sociolinguística Variacionista. 2. Redes Sociais. 3. Conservadorismo Linguístico. 4. Concordância nominal e verbal. I. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Esta dissertação, intitulada “*O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes-MG: a concordância nominal e verbal*”, foi julgada adequada para a obtenção do grau de MESTRE EM LINGUÍSTICA, linha de pesquisa “Linguagem e Sociedade”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Prof.^a Dr.^a Luciana Teixeira
Coordenadora do PPG-Linguística

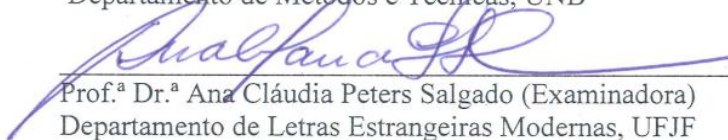
Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (Orientadora e Presidente)
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, UFJF



Prof.^a Dr.^a Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo (Examinadora)
Departamento de Métodos e Técnicas, UNB



Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Peters Salgado (Examinadora)
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, UFJF

Conceito emitido: A (100)

Juiz de Fora, 01 de março de 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me capacitado e por ter colocado em meu caminho pessoas especiais que contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, por ter acreditado nesta pesquisa e por estar sempre disposta a me auxiliar.

Agradeço às professoras Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo e Ana Cláudia Peters Salgado por terem aceitado compor a banca examinadora desta dissertação e, ainda, por terem colaborado para o meu crescimento acadêmico.

Em especial, agradeço à professora e amiga Lucia Furtado de Mendonça Cyranka, com quem aprendi a dar os primeiros passos na vida acadêmica e profissional e com quem conheci a Sociolinguística. Serei eternamente grata por tê-la em minha trajetória.

Também agradeço à professora Leila Rose Marie Baptista Maciel pela iluminada orientação de trilhar o caminho das Letras; e aos demais professores que, cada qual a sua maneira, me possibilitaram chegar até aqui.

Agradeço, ainda, a todos os membros do Grupo FALE da Faculdade de Educação da UFJF e, em especial, agradeço à amizade de Livia Nascimento Arcanjo, Simone Rodrigues Peron e Marianna do Valle Modesto Paixão, bem como os ensinamentos da Professora Doutora Tania Guedes Magalhães.

Agradeço a toda a minha família: à minha mãe, Suely; ao meu pai, Geraldo; aos meus irmãos, Higor e Natália; aos meus cunhados, Hugo e Priscila; aos meus sobrinhos, Fellipe e Pedro; ao meu avô, Antônio; e a todos os tios, tias e primos que souberam compreender os meus momentos de falta. Agradeço, também, ao Jamir, pelo apoio financeiro.

Por fim, agradeço ao Gabriel Amaral, pelo companheirismo e incentivo a todo momento. Obrigada pelo seu amor, pela sua amizade, pelos seus conselhos: sem você ao meu lado, nada disso seria possível!

RESUMO

Este trabalho investiga a variação linguística na concordância de número nos sintagmas nominais (SNs) e nos sintagmas verbais (SVs) entre os falantes do município de Oliveira Fortes-MG, com o objetivo de identificar o perfil sociolinguístico da comunidade. Partimos da hipótese de que o município, em função de sua socio-história e de suas características demográficas, tem um perfil marcado pelo conservadorismo linguístico, a partir da perspectiva de que, historicamente, no português brasileiro, a variante ausência de marca explícita de número é anterior à variante presença de marca explícita de número, em virtude da polarização territorial rural/urbana do país. A pesquisa pauta-se nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972], 1982, 1994, 2001) e, como desdobramento, nos estudos sobre Redes Sociais (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI- RICARDO, 1985, 2011). Para a investigação, foram coletados dados de vinte e quatro informantes, através de entrevista sociolinguisticamente orientada, ficha social e ficha de redes. O *corpus* apresenta 1407 ocorrências da variável concordância de número no sintagma nominal e 810 ocorrências da variável concordância de número no sintagma verbal, dentre as quais há o predomínio da variante ausência de marca explícita de número (89,6% nos SNs e 80,6% nos SVs). Em função desse resultado, confirmou-se a hipótese inicial, uma vez que foi constatado o conservadorismo linguístico em Oliveira Fortes-MG, motivado pelas particularidades do município e pela configuração das redes sociais dos moradores.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Redes Sociais. Conservadorismo Linguístico. Concordância nominal e verbal.

ABSTRACT

This work surveys the linguistic variation in number agreement in noun phrases (NP) and in verbal phrases (VP) among speakers from Oliveira Fortes-MG aiming to identify the sociolinguistic profile of this community. We have assumed that this town according to its sociohistory and demographic characteristics has a profile underlined by linguistic conservativeness from the perspective that, historically, the variant absence of the explicit number mark is earlier than the variant presence of the explicit number mark in Brazilian Portuguese. This happens because of the country territorial polarization rural/urban. This research is based on the pretext of the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972], 1982, 1994, 2001) and, as a development, on studies about Social Networks (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI- RICARDO, 1985, 2011). For the current investigation, it was collected some data from twenty-four informers throughout sociolinguistics oriented interviews, social forms and social networks. The *corpus* shows 1,407 occurrences of number agreement variation in noun phrases and 810 occurrences of number variation in verbal phrases. It was seen that there is a predominance of the variant absence of the explicit number mark (89.6% in NPs e 80.6% in VPs). Due to this result, it was possible to reaffirm the initial hypothesis, once it was testified that the linguistic conservativeness in Oliveira Fortes-MG is motivated by particularities of the town and its inhabitant's social networks settings.

Key-words: Variationist Sociolinguistics. Social Networks. Linguistic Conservativeness. Noun and Verbal Agreement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	19
1.1. Sociolinguística Variacionista: conceitos basilares	20
1.2. As redes sociais e o conservadorismo linguístico	25
1.2.1. O conservadorismo linguístico no português brasileiro	31
1.2.1.1. O conservadorismo linguístico no português brasileiro: aspectos sociais	33
1.2.1.2 O conservadorismo linguístico no português brasileiro: aspectos linguísticos	38
1.3. Conclusões.....	42
CAPÍTULO II - A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ABORDAGENS E PESQUISAS.....	44
2.1. O fenômeno da concordância de número	45
2.1.1. A concordância nominal	47
2.1.2. A concordância verbal	53
2.2. Conclusões.....	58
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	60
3.1. Caracterização da comunidade pesquisada.....	60
3.1.1. Aspectos geográficos	61
3.1.2. Aspectos históricos.....	64
3.1.3 Aspectos demográficos	66
3.1.4 Aspectos socioeconômicos	68
3.2. Seleção dos informantes	69
3.3 Obtenção dos dados	72
3.3.1. Ficha Social	72
3.3.2. Ficha de Redes	73
3.3.3. Entrevista sociolinguística	73
3.4. Tratamento dos dados.....	74
3.4.1. Transcrição.....	75
3.4.2. Critérios de análise.....	76

3.4.2.1. O suporte quantitativo	77
3.4.2.1.1. As variáveis e o grupo de fatores	77
3.4.2.1.1.1. Variável concordância nominal	78
3.4.2.1.1.1.1. Fatores linguísticos	78
3.4.2.1.1.1.2. Fatores sociais.....	79
3.4.2.1.1.2. Variável concordância verbal.....	80
3.4.2.1.1.2.1. Fatores linguísticos.....	81
3.4.2.1.1.2.2 Fatores sociais.....	81
3.4.2.2. O suporte qualitativo.....	82
3.5. Síntese metodológica.....	82
CAPÍTULO IV - ANÁLISE QUANTITATIVA.....	84
4.1. Análise da variável concordância de número no sintagma nominal	84
4.1.1. Fatores linguísticos.....	85
4.1.1.1. Saliência fônica	86
4.1.1.2. Posição linear	89
4.1.1.3. Classe gramatical	94
4.1.2. Fatores sociais	106
4.1.2.1. Zona de residência	107
4.1.2.2. Sexo	109
4.1.2.3. Faixa etária.....	110
4.1.2.4. Escolaridade.....	113
4.1.3. Aspectos principais: síntese	120
4.2. Análise da variável concordância de número no sintagma verbal	121
4.2.1. Fatores linguísticos.....	122
4.2.1.1. Posição/distância do sujeito	123
4.2.1.2. Saliência fônica	125
4.2.1.3 Traço humano do sujeito	127
4.2.1.4. Marcação de número no sujeito	129
4.2.2. Fatores sociais	134
4.2.2.1. Zona de residência	134
4.2.2.2. Sexo	135
4.2.2.3. Faixa etária.....	137
4.2.2.4. Escolaridade.....	140
4.2.3. Aspectos principais: síntese	143

4.3. Considerações gerais.....	144
CAPÍTULO V - ANÁLISE QUALITATIVA.....	146
5.1. A configuração das redes sociais dos falantes de Oliveira Fortes-MG.....	146
5.2. O perfil social dos informantes e a sua relação com a variação na concordância de número.....	151
5.2.1. Informante 01	155
5.2.2. Informante 02	157
5.2.3. Informante 03	158
5.2.4. Informante 04	159
5.2.5. Informante 05	160
5.2.6. Informante 06	161
5.2.7. Informante 07	162
5.2.8. Informante 08	164
5.2.9. Informante 09	166
5.2.10. Informante 10	167
5.2.11. Informante 11	168
5.2.12. Informante 12	169
5.2.13. Informante 13	170
5.2.14. Informante 14	171
5.2.15. Informante 15	172
5.2.16. Informante 16	173
5.2.17. Informante 17	174
5.2.18. Informante 18	175
5.2.19. Informante 19	176
5.2.20. Informante 20	177
5.2.21. Informante 21	178
5.2.22. Informante 22	178
5.2.23. Informante 23	179
5.2.24. Informante 24	180
5.3. O perfil sociolinguístico dos informantes e seu reflexo na comunidade: considerações gerais	181
CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	186
ANEXOS	193

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Caracterização das Redes: alta densidade.....	28
Figura 2 - Caracterização das Redes: baixa densidade.....	28
Figura 3 - Oliveira Fortes-MG (vista aérea do centro da cidade).....	61
Figura 4 - Localização de Oliveira Fortes em Minas Gerais.....	62
Figura 5 - Igreja Santana do Livramento.....	65
Figura 6 - “Piranguinha” e Estação Ferroviária.....	66
Figura 7 - Distribuição da População por Sexo/Idade.....	67
Figura 8 - Tessitura da Rede Social dos Informantes.....	147
Figura 9 - Zona Rural São Lourenço.....	148
Figura 10 - Zona Rural Formoso.....	148
Figura 11 - Zona Rural Cantarinos.....	149
Figura 12 - Zona Urbana.....	150
Figura 13 - Forças atuantes no perfil sociolinguístico da comunidade.....	181

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das variantes da variável dependente concordância de número no SN	85
Gráfico 2 - Distribuição dos elementos nucleares em função da saliência fônica (SN).....	87
Gráfico 3 - Distribuição dos elementos nucleares em função da posição linear (SN)	91
Gráfico 4 - Distribuição dos elementos não nucleares em função da posição linear (SN)	92
Gráfico 5 - Distribuição dos elementos nucleares em função da classe gramatical (SN).....	95
Gráfico 6 - Distribuição dos elementos não nucleares em função da classe gramatical (SN).....	96
Gráfico 7 - Distribuição dos elementos nucleares em função das marcas precedentes (SN)	102
Gráfico 8 - Ocorrências de marcas precedentes aos elementos nucleares em função da posição linear – visualização geral – (SN)	104
Gráfico 9 - Distribuição das marcas precedentes aos elementos não nucleares (SN).....	105
Gráfico 10 - Distribuição da zona de residência em relação à variação na concordância de número no SN	108
Gráfico 11 - Distribuição do sexo em relação à variação na concordância de número no SN	109
Gráfico 12 - Distribuição da faixa etária em relação à variação na concordância de número no SN	111
Gráfico 13 - Distribuição da escolaridade em relação à variação na concordância de número no SN	113
Gráfico 14 - Cruzamento das variáveis independentes escolaridade e faixa etária em relação à variação na concordância de número no SN	117
Gráfico 15 - Cruzamento das variáveis independentes escolaridade e saliência fônica em relação à variação na concordância de número no SN	118
Gráfico 16 - Distribuição das variantes da variável dependente concordância de número no SV.....	122
Gráfico 17 - Distribuição da variável posição/distância do sujeito (SV).....	125

Gráfico 18 - Distribuição da variável saliência fônica (SV)	127
Gráfico 19 - Distribuição da variável traço humano do sujeito (SV)	128
Gráfico 20- Distribuição da variável marca de número no sujeito (SV)	131
Gráfico 21 - Cruzamento das variáveis independentes marcação de número no sujeito e posição/distância sujeito/verbo (SV)	133
Gráfico 22 - Distribuição da zona de residência em relação à variação na concordância de número no SV	135
Gráfico 23 - Distribuição do sexo em relação à variação na concordância de número no SV.....	136
Gráfico 24 - Distribuição da faixa etária em relação à variação na concordância de número no SV	137
Gráfico 25 - Distribuição das variantes de concordância de número no SV:presença (padrão e não padrão) e ausência de concordância ...	139
Gráfico 26 - Distribuição da variação na concordância de número no SV: (padrão e não padrão) e ausência de concordância em função da faixa etária	139
Gráfico 27 - Distribuição da escolaridade em relação à variação na concordância de número no SV	141
Gráfico 28 - Distribuição das variantes de concordância de número no SV: presença (padrão e não padrão) e ausência de concordância em função da escolaridade	142
Gráfico 29 - Percentual das variantes da concordância de número no SN por informante.....	154
Gráfico 30 - Percentual das variantes da concordância de número no SV por informante.....	155

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Critérios analíticos para os tipos de rede (Bortoni-Ricardo, 2011, p. 138).....	29
Quadro 2 - Demonstração dos aglomerados da população oliveira-fortense (vista aérea)	62
Quadro 3 - Critérios de seleção dos informantes.....	71
Quadro 4 - Grupo de fatores linguísticos da variável concordância nominal.....	78
Quadro 5 - Grupo de fatores linguísticos da variável concordância verbal.....	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos elementos nucleares em função da saliência fônica (SN)	87
Tabela 2 - Tipos de SN, considerando a variável posição linear	89
Tabela 3 - Distribuição dos elementos nucleares em função da posição linear (SN)	90
Tabela 4 - Distribuição dos elementos não nucleares em função da posição linear (SN)	92
Tabela 5 - Posição linear dos elementos não nucleares em função da marca de plural (SN)	93
Tabela 6- Distribuição dos elementos nucleares em função da classe gramatical (SN)	95
Tabela 7 - Distribuição dos elementos não nucleares em função da classe gramatical (SN)	96
Tabela 8 - Classe gramatical dos elementos nucleares em função da posição linear (SN)	97
Tabela 9 - Classe gramatical dos elementos não nucleares em função da posição linear - 1ª posição (SN)	98
Tabela 10 – Classe gramatical dos elementos não nucleares em função da posição linear - 2ª posição (SN)	99
Tabela 11 - Classe gramatical dos elementos não nucleares em função da posição linear - 3ª posição (SN)	100
Tabela 12 – Distribuição dos elementos nucleares em função das marcas precedentes (SN)	102
Tabela 13 – Ocorrências de marcas precedentes aos elementos nucleares (SN)	103
Tabela 14 – Distribuição das marcas precedentes aos elementos não nucleares em função da posição linear (SN).....	105
Tabela 15 - Distribuição da zona de residência em relação à variação na concordância de número no SN	107
Tabela 16 - Distribuição do sexo em relação à variação na concordância de número no SN	109
Tabela 17 - Distribuição da faixa etária em relação à variação na concordância de número no SN	111

Tabela 18 - Distribuição da escolaridade em relação à variação na concordância de número no SN.....	113
Tabela 19 - Cruzamento das variáveis independentes escolaridade e faixa etária em relação à variação na concordância de número no SN	116
Tabela 20 – Cruzamento das variáveis independentes escolaridade e saliência fônica em relação à variação na concordância de número no SN	118
Tabela 21 - Distribuição da variável posição/distância do sujeito (SV)	123
Tabela 22 - Distribuição da variável saliência fônica (SV).....	126
Tabela 23 - Distribuição da variável traço humano do sujeito (SV)	128
Tabela 24 - Distribuição da variável marcação de número no sujeito (SV) .	130
Tabela 25 - Cruzamento das variáveis independentes marcação de número no sujeito e posição/distância sujeito/verbo (SV)	132
Tabela 26 - Distribuição da zona de residência em relação à variação na concordância de número no SV	134
Tabela 27 - Distribuição do sexo em relação à variação na concordância de número no SV	136
Tabela 28 - Distribuição da faixa etária em relação à variação na concordância de número no SV	137
Tabela 29 - Distribuição da variante presença de concordância de número no SV: presença padrão e presença não padrão em função da faixa etária	138
Tabela 30 - Distribuição da escolaridade em relação à variação na concordância de número no SV	140
Tabela 31 - Distribuição da variante presença de concordância de número no SV: presença padrão e presença não padrão em função da escolaridade	142
Tabela 32 - Variação na concordância de número no SN e no SV por informante	152

INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos que buscam estabelecer uma relação entre a estrutura linguística e a sociedade se constituem como fundamentais para o conhecimento da língua em uso. Nessa direção, as pesquisas pautadas na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972], 1982, 1994, 2001) têm sido de grande importância para a descrição e a análise dos processos de variação e mudança e, assim, através delas, é possível obter um panorama geral sobre o português brasileiro ou, ainda, conhecer, de modo bem específico, as particularidades de uma comunidade linguística dentro do vasto território nacional.

É com vista nesta última perspectiva que justificamos o presente estudo. Mediante pesquisa empírica, percebemos, no município de Oliveira Fortes-MG, um elevado uso de variantes linguísticas características da variedade rural do português brasileiro, dentre as quais a ausência de marcação explícita de número – ou seja, a ausência de concordância – nos elementos do sintagma nominal (*as pessoa*) e verbal (*nós vai*) se destaca por ocorrer de forma sistemática entre todos os moradores, inclusive entre os mais escolarizados.

Tal constatação nos fez pensar numa situação de conservadorismo linguístico, uma vez que, na história do português brasileiro, a supressão das formas de plural tem sido apontada como uma das características mais marcantes dos primeiros séculos, em que o país foi essencialmente rural, ao passo que a marcação de plural em todos os elementos teria sido difundida, posteriormente, por influência da urbanização e da crescente escolarização da população no território brasileiro. Em Oliveira Fortes-MG, especificamente, o conservadorismo linguístico seria motivado pela socio-história do município e pela configuração das redes sociais dos informantes (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY&MILROY, 1985; BORTONI-RICARDO, 1985, 2011), que se mantêm, ainda hoje, fortemente marcadas pela ruralidade.

Diante disso, realizamos um estudo sociolinguístico no município de Oliveira Fortes- MG, a fim de traçar o perfil da variação linguística no que concerne ao fenômeno da concordância de número no sintagma nominal (SN) e no sintagma verbal (SV).

Para a investigação, foram coletados, entre novembro de 2011 e janeiro de 2012, dados de vinte e quatro informantes, através de entrevista sociolinguisticamente orientada, ficha social e ficha de redes. Nas entrevistas, buscamos as ocorrências do fenômeno pesquisado e encontramos o total de 1407 ocorrências da variável dependente concordância de número no SN e 810 ocorrências da variável dependente concordância de número no SV. Os dados foram submetidos à análise quantitativa via GoldVarb/Varbrul 2001 e, posteriormente, a uma análise qualitativa, com especificidade para o perfil dos informantes.

A fim de cumprimos nosso objetivo – o qual é traçar o perfil sociolinguístico de Oliveira Fortes-MG em relação à concordância nominal e verbal –, organizamos este trabalho da seguinte maneira: no Capítulo I, apresentamos os pressupostos teóricos que norteiam nossa investigação; no Capítulo II, fazemos uma síntese de estudos já realizados acerca da variação na concordância de número no português brasileiro; no Capítulo III, esclarecemos os procedimentos metodológicos para todas as etapas da pesquisa, bem como discutimos as características da comunidade investigada; no Capítulo IV, apresentamos os resultados da análise quantitativa da variação, tanto da concordância nominal quanto da verbal; e no Capítulo V, realizamos uma análise qualitativa com base na configuração das redes sociais dos informantes na comunidade.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O presente trabalho se respalda teoricamente nos estudos sobre variação e mudança linguística, desenvolvidos sob a ótica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972], 1982, 1994, 2001). A partir desse modelo, o qual visa a estabelecer relações entre a estrutura linguística e a social, buscamos entender a variação e a mudança na realização da concordância nominal e verbal, com atenção especial ao processo de manutenção linguística (MILROY, 1992) de variantes conservadoras em relação a variantes inovadoras, o que é tratado por nós, neste trabalho, como conservadorismo linguístico¹.

Nesse caminho, adotamos, como um suporte teórico-analítico, a análise da influência das redes sociais dos falantes (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI- RICARDO, 1985, 2011) e, posteriormente, recorreremos aos estudos acerca do conservadorismo linguístico no português brasileiro.

A seguir, apresentaremos o escopo teórico que fundamenta este trabalho, organizando-o da seguinte maneira: na primeira seção, trataremos da Sociolinguística Variacionista; na segunda seção, discutiremos a noção de redes sociais, de forma a relacionar o isolamento das redes estabelecidas ao conservadorismo linguístico. Como desdobramento, esclareceremos e caracterizaremos o conservadorismo linguístico no português brasileiro, tecendo considerações sobre aspectos sociais e linguísticos. Por fim, apresentaremos nossas conclusões, com o objetivo de sintetizar fatores importantes do arcabouço teórico no qual se baseia esta pesquisa.

¹ Ressaltamos que, ao longo deste trabalho, os termos “manutenção linguística” e “conservadorismo linguístico” serão utilizados como sinônimos, se referindo ao processo de prevalência do uso da variante conservadora em detrimento da variante inovadora. Também os termos “mudança linguística” e “inovação linguística” serão empregados com a mesma acepção: o processo contrário ao conservadorismo linguístico, i.e., os usos da variante inovadora sobrepujam os da variante conservadora.

1.1. Sociolinguística Variacionista: conceitos basilares

A língua, concebida como um fenômeno social, não pode ser tratada separadamente da sociedade que a utiliza. Nesse sentido, os estudos linguísticos, após romperem com o paradigma formalista² – constituído pelo estruturalismo e pelo gerativismo –, se preocuparam com a função social que a língua desempenha nos mais variados contextos comunicativos. Com essa perspectiva, surgiu, na década de sessenta, uma nova corrente na Linguística: a Sociolinguística Variacionista.

A Sociolinguística Variacionista foi formalmente instituída com a publicação da obra *Empirical foundations for a theory of language change* (1968), de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog. Na busca por uma nova concepção de língua dentro de um cenário eminentemente formalista, Weinreich, Labov e Herzog contribuíram, através de sua obra, para a teoria geral da linguagem através da “Teoria da Variação e Mudança Linguística”. Lucchesi (2004, p. 163), tratando especificamente do estruturalismo, considera que

[...] a afirmação de uma nova maneira de conceber o objeto de estudo ocupa uma posição central no processo de ruptura epistemológica através do qual um modelo teórico sucede o outro na disputa pela hegemonia que caracteriza o desenvolvimento histórico de uma ciência. Isso transforma a sociolinguística variacionista num dos candidatos a suceder o estruturalismo como modelo hegemônico no estágio atual da ciência linguística, cuja gênese é definida pelo acirramento da contradição entre mudança e sistema no seio do estruturalismo. A importância dessa contradição pode ser atestada pelo surgimento, não apenas da sociolinguística, mas de um conjunto de escolas que se concentraram na tarefa de desenvolver um modelo que fosse capaz de dar conta de maneira satisfatória da dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico, isto é, dos fatos relativos à variação e à mudança e à interação entre língua e sociedade.

Assim, com o advento da Sociolinguística Variacionista, a língua passou a ser entendida como socialmente determinada e sujeita a variações e mudanças relacionadas às transformações dos padrões sócio-histórico-culturais de uma dada comunidade linguística. A grande problemática, alvo de investigação sociolinguística, se tornou a seguinte: *como, onde e por que ocorre determinada mudança linguística?*

² O paradigma formalista – tanto em sua corrente estruturalista como na gerativista, com as dicotomias *langue/parole* e *competência/desempenho*, respectivamente – não priorizou a relação entre a língua e os fatores sócio-históricos na compreensão dos fenômenos linguísticos.

Nessa empreitada investigativa, Labov (2008 [1972], p.19) considera que “a explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e a propagação das mudanças; e a regularidade da mudança linguística”. Nessa mesma direção, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) já haviam apontado cinco problemas para o estudo da mudança linguística: *i)* o problema da restrição (*constraint problem*); *ii)* o problema da transição (*transition problem*); *iii)* o problema do encaixamento (*embedding problem*); *iv)* o problema da avaliação (*evaluation problem*); e *v)* o problema da implementação (*actuation problem*).

Uma teoria da mudança linguística deve, portanto, fornecer respostas a esses problemas: *i)* o problema da restrição remete à questão de definir quais condições que favorecem ou restringem as mudanças e, por conseguinte, qual o conjunto de mudanças linguísticas possíveis; *ii)* o problema da transição coloca para a teoria da mudança a necessidade de definir e analisar o percurso através do qual a mudança se realiza; *iii)* o problema do encaixamento se refere à ideia de que uma mudança linguística só pode ser compreendida a partir de sua inserção no sistema linguístico que ela afeta e, além disso, da consideração de que uma mudança nunca é abrupta e não modifica um sistema como um todo: a mudança é lenta e gradual e está encaixada, também, na estrutura social; *iv)* o problema da avaliação leva em conta o papel do indivíduo diante da mudança e diante da própria língua; e *v)* o problema da implementação busca entender as razões de uma mudança ocorrer em um determinado momento e local e não em outro (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968], p. 104-125).

A obra de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) aponta, além dos problemas acima apresentados, alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística. São eles:

- 1) A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
- 2) A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
- 3) Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.

4) A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.

5) As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.

6) A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.

7) Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 125-126).

Esses princípios são basilares para a compreensão da mudança linguística. Mas foi Labov quem sistematizou a estratégia de estudo dessa mudança. Para ele, o modelo para explicar a mudança linguística “requer como ponto de partida a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos” (LABOV, 2008 [1972], p.19).

Essa consideração de Labov vem atrelada à evidência de que toda mudança implica variação, ou seja, ao terceiro princípio geral para explicar a mudança linguística, acima citado. Diante disso, no estudo da mudança, é necessário levar em conta a sua trajetória, cujas fases envolvem variantes linguísticas em coexistência e competição dentro de uma determinada comunidade e a sobrepujança de uma sobre a outra ao longo do tempo (LABOV, 1982, p. 20). Nessa competição, operam sobre a língua pressões sociais e, “somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas são imitadas e começam a desempenhar um papel na língua” (LABOV, 2008 [1972], p.43). Logo, a noção de “valor social” que subjaz à variação é bastante pertinente no território investigativo sociolinguístico.

Nesse sentido, sabe-se que, na sociedade, há determinadas formas que são consideradas prestigiadas e outras que são estigmatizadas, e o prestígio, ou o estigma, está associado não à forma linguística em si, mas ao falante ou ao grupo social a qual pertence. Para Labov, o estigma está relacionado a três aspectos que circundam o valor social atribuído às variantes: os *estereótipos*, os *indicadores* e os *marcadores*. Os estereótipos são as formas linguísticas socialmente marcadas, que caracterizam um grupo específico de falantes. Já os indicadores e os marcadores

dizem respeito, especificamente, aos traços linguísticos que permitem assinalar uma diversidade social. A diferença entre eles estaria no fato de que, para os indicadores, não haveria interferência da avaliação subjetiva ou da variação estilística, e os marcadores já consideram a variação estilística (MONTEIRO, 2000, p. 67). Nesses aspectos, está incluída, portanto, a avaliação dos falantes em função das representações linguísticas.

De acordo com Labov (2008 [1972]), uma variante, em geral, adquire prestígio quando associada a um falante com status superior ou, então, quando relacionada a situações de “prestígio encoberto”, isto é, como símbolo de identidade de um determinado grupo que não pertence à elite dominante. As motivações para a atribuição de valor social não estão, necessariamente, associadas ao nível da consciência dos indivíduos, mas, de qualquer modo, “em toda comunidade existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência” (LABOV, 2008 [1972], p. 251).

As influências se propagam na medida em que novas formas emergem diante dos falantes. Elas podem ser impulsionadas pela escola, pela mídia, pela mobilidade dos falantes ou, até mesmo, pelo simples contato com outros indivíduos de outras comunidades. A interação social tem grande papel nesse processo e a constituição de uma comunidade de falantes é merecedora de investigação. Por essa razão, a Sociolinguística Variacionista define como objeto de estudo a “comunidade de fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 150), a qual é constituída por falantes que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros, comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da língua.

Dentro de uma comunidade de fala, é possível investigar os processos de variação e mudança linguística, relacionando-os a fatores sociais característicos daquele grupo. Foi o que fez Labov, em estudo pioneiro para a Sociolinguística Variacionista, em 1963, numa comunidade de fala localizada na ilha de Martha's Vineyard, nos Estados Unidos. Com o objetivo de evidenciar a motivação social para a mudança linguística em progresso, Labov investigou a frequência e a distribuição das variantes fonéticas /ay/ e /aw/ nas diversas regiões e faixas etárias e nos grupos profissionais e étnicos dentro da ilha, na tentativa de selecionar fatores sociais que estariam relacionados à mudança da língua naquela comunidade de fala

(LABOV, 2008 [1972]). Através do isolamento das variáveis socialmente significativas e de sua correlação com os padrões das forças sociais gerais, tornou-se possível estabelecer métodos analíticos para a descrição da mudança linguística. A partir de então, conceitos como “regras variáveis”, “variantes linguísticas”, “variável dependente”, “variáveis independentes” passaram a ser centrais no escopo de investigação da Sociolingüística Variacionista.

Em síntese, as “regras variáveis” se constituem de duas ou mais formas em concorrência num mesmo contexto, e a escolha de uma depende de uma série de fatores, de ordem interna e/ou externa. Essas formas em competição constituem uma “variável linguística” e são tratadas como “variantes linguísticas”. Essas últimas seriam formas alternativas de se dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade³ (LABOV, 2008 [1972]).

De modo encadeado com o conceito de variável linguística, entende-se que esta pode ser subdividida em “variável dependente” e “variáveis independentes”. A “variável dependente” é o fenômeno estritamente linguístico em variação – as variantes. Já as “variáveis independentes” são os fatores condicionadores da variação, podendo ser esses internos (lingüísticos) e/ou externos (extralingüísticos.).

Os aspectos internos de um fenômeno em variação são delimitados em função de suas características linguísticas, as quais podem estar relacionadas ao campo da fonética, da morfologia, da sintaxe, da semântica, da pragmática etc. Já os aspectos externos dependem dos fatores sociais selecionados para investigação. Geralmente, como se pode observar em Mollica e Braga (2003), as variáveis sociais utilizadas nas pesquisas sociolingüísticas são: sexo/gênero, idade, escolaridade, classe social/renda, localização geográfica, profissão, grupo étnico, entre outras. De acordo com Mollica e Roncarati (2001, p.48),

[...] esses parâmetros extralingüísticos dividem a sociedade em grupos fixos, estabelecem correlações diretas entre uso de variantes e estratificação social e buscam identificar o *locus* da mudança no indivíduo em determinado ponto da estrutura social. Daí a coexistência de grupos inovadores e conservadores em uma relação dinâmica que pode apontar os caminhos da língua.

³ Há críticas em relação à definição laboviana de variante linguística, no sentido de que o valor de verdade entre as variantes pode não ser sempre o mesmo (cf. LAVANDERA, 1978). Contudo, não é nosso objetivo aprofundar essa questão. Assim, seguiremos a definição de Labov (2008 [1972]).

O estudo sociolinguístico de uma comunidade de fala envolve, assim, as características sociais dos falantes que pertencem à comunidade. A partir delas, é possível constituir uma análise do fenômeno linguístico, identificando, por exemplo, se o processo de variação está estável na comunidade, se determinada variante é de uso restrito de determinado grupo de falantes (homens/ mulheres, jovens/ idosos, escolarizados/ não escolarizados etc.), se há sobrepujança da variante conservadora ou da variante inovadora, e em que direção se apresenta a variação: se o caminho é de mudança linguística (inovação) ou de manutenção linguística (conservadorismo).

Sobre esse último aspecto, devemos lembrar, enfaticamente, um dos princípios elencados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.126): o de que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Assim sendo, temos situações de variação em que não ocorre uma mudança linguística. Isso pode se justificar por duas razões: i) as formas variantes convivem, cada qual com seu campo de atuação, configurando-se como variação estável; e ii) a variante inovadora, mesmo que recorrente, não suplanta a variante conservadora, desencadeando um processo de manutenção linguística, de conservadorismo.

Na próxima seção, nos deteremos, mais pontualmente, na temática do conservadorismo linguístico, tendo em vista que, nesta pesquisa, investigaremos se o perfil sociolinguístico dos moradores de Oliveira Fortes-MG se configura como conservador em relação ao fenômeno da concordância de número. Para tanto, discutiremos como o conservadorismo linguístico se relaciona com as redes sociais e, em seguida, abordaremos como se configura o conservadorismo linguístico no português brasileiro.

1.2. As redes sociais e o conservadorismo linguístico

Na contramão da mudança linguística situa-se o conservadorismo linguístico. Em função disso, da mesma maneira que há determinados aspectos que se configuram como facilitadores de mudança linguística, outros se apresentam como favorecedores de manutenção linguística.

Dentre os diversos aspectos influentes nesse processo de mudança/conservadorismo linguístico, destacamos aqui o contato/a interação entre os falantes. De acordo com Silva Neto (1976, p.184), “o fator responsável pelo desenvolvimento e evolução das sociedades é o contato. Ele traz consigo, vindos de fora, diferentes pontos de vista, diferentes ideias, diferentes atitudes. É, em suma, o responsável pela mudança cultural.” Em contrapartida, “o isolamento condiciona um tipo arcaico da vida e, conseqüentemente, uma linguagem mais conservadora” (op.cit, p.186).

De forma relacionada à constatação de Silva Neto, Labov (1994) destaca que, na relação entre contato e mudança, quanto maior é a frequência de contato entre os falantes, maior é a expansão da mudança. Assim, podemos considerar que, sem o contato entre falantes de repertórios linguísticos diferenciados, a variação não se expande, ou seja, fica restrita a uma determinada comunidade de fala. Nesse sentido, a própria configuração da comunidade de fala é subjacente ao contato.

Nas comunidades, os contatos são estabelecidos por redes familiares, afetivas, profissionais etc., e o sentimento de pertencimento à comunidade passa a ser constituído pelo compartilhamento das interações. Através dos vínculos, a língua passa a marcar a identidade daquele grupo, adquirindo, assim, valor social (LABOV, 2008 [1972]).

Sobre essa questão, Le Page (1980) considera que o comportamento linguístico de um falante é condicionado ao grupo com o qual deseja se identificar. E Gal (1979) reitera que esse condicionamento está relacionado à configuração das redes sociais que circundam o falante, ao status que os falantes querem pleitear e à associação cultural entre variáveis linguísticas e grupos sociais.

Com base em tais constatações, os espaços de interação entre os indivíduos, denominados por Milroy (1980) como “redes sociais” (*social networks*), ganharam espaço no terreno sociolinguístico na procura por uma conexão entre o isolamento das redes e a manutenção das línguas. As evidências de que as relações no interior de um grupo de pessoas eram favorecedoras ou não de mudança linguística instigaram pesquisas para a depreensão e caracterização das redes sociais⁴.

A pesquisa realizada por Milroy (1980), em Belfast, evidenciou que, quanto mais próxima era a rede de um indivíduo da sua comunidade local, mais sua

⁴ Dentre os estudos mais relevantes, Chambers (2009) destaca os de Labov (1972), Milroy e Milroy (1978), Cheshire (1982), Eckert (1989a, 1989b, 2000) e Lippi-Green (1989).

linguagem se aproximava do vernáculo⁵ local. Assim, a tendência para selecionar variantes conservadoras estava associada a um nível relativamente elevado de integração na comunidade.

A partir dessa evidência, consideramos que compreender a integração das redes sociais dos falantes na comunidade pesquisada é a chave para entender seu perfil sociolinguístico, principalmente no que tange ao conservadorismo. Para tanto, alguns conceitos relacionados ao paradigma de redes serão elucidados adiante.

Para Mitchell (1973, p. 22), uma *rede social* é “o conjunto real de vínculos de todos os tipos no interior de um conjunto de indivíduos.” A princípio, as redes são criadas entre os indivíduos mediante *laços sociais*. Tais laços podem ser caracterizados como fortes ou fracos. Os *laços fortes* são aqueles estabelecidos nos vínculos sociais com parentes, vizinhos e amigos, através de elevado grau de intimidade, cujo contato é contínuo e rotineiro. Já os *laços fracos* são decorrentes de atividades variadas, como as profissionais, com menor intensidade e sem vínculos extremos. Esses laços permitem a distinção entre redes de primeira e de segunda ordem: constituem redes de primeira ordem as formadas pela família e por amigos; e de segunda as compostas por pessoas com as quais o indivíduo passa uma boa parte do tempo, mas não confiando a elas segredos, conselhos etc.

A soma dos laços constitui a tessitura da rede, a qual, nos aspectos estruturais estabelecidos por Milroy (1980), envolve a *densidade* (density) e a *multiplexidade* (multiplexity). A densidade está relacionada ao número de ligações entre os indivíduos de um grupo, enquanto a multiplexidade está na capacidade dessas ligações. De modo ilustrativo, a caracterização das redes pode ser vista da seguinte forma, com base em Milroy (2004, p. 551):

⁵ Para Labov (2008 [1972]), o vernáculo é a língua utilizada no dia-a-dia por membros da ordem social. É o veículo de comunicação a partir do qual os membros da sociedade argumentam com suas esposas, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos.

Figura 1 - Caracterização das redes: alta densidade, estrutura multiplex de rede social, mostrando zonas de primeira e segunda ordem (MILROY, 2004, p. 151)

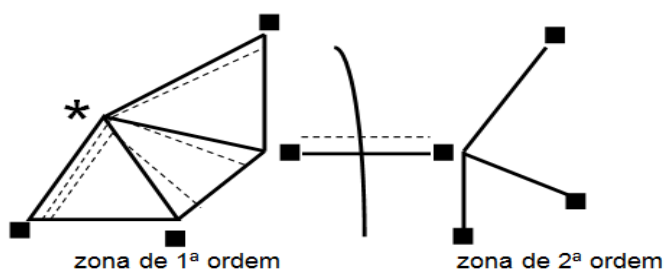
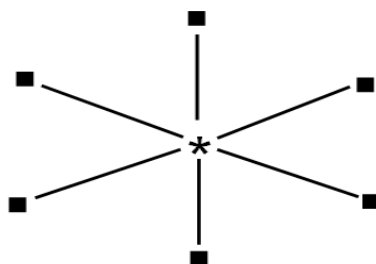


Figura 2 - Caracterização das redes: baixa densidade, estrutura uniplex de rede social (MILROY, 2004, p. 151)



Como se observa nas figuras 1 e 2, uma rede de densidade alta possui pontos interligados, inclusive entre as redes de primeira ordem e de segunda ordem. Já uma rede de baixa densidade apresenta pontos esparsos, sem ligações.

Ainda sobre a questão, Bortoni-Ricardo (2011) considera que as redes que possuem um limite territorial demarcado, restrito à família e a vizinhos, são consideradas isoladas; enquanto naquelas que não há um limite territorial definido, ou seja, em que as pessoas se relacionam em variados contextos sociais, as redes tendem a ser maiores e mais heterogêneas, tornando-se integradas. Logo, associando as definições de Milroy (1980) às de Bortoni-Ricardo (2011), as redes isoladas tendem a ser densas e multiplex, enquanto as redes integradas são frouxas e uniplex.

Ressaltamos que a importância da caracterização das redes sociais, a nosso ver, vai além da sua configuração no que tange à densidade e à multiplexidade. A

grande vantagem está nos aspectos linguísticos que elas implicam, ou seja, a manutenção e a inovação linguística, especificamente.

Nesse sentido, as pesquisas têm apontado (MILROY, 1980; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI-RICARDO, 1985, 2011) uma tendência para a manutenção e focalização do vernáculo nas comunidades com redes isoladas, em função da resistência à mudança linguística; e, em contrapartida, uma maior difusão dialetal nas redes integradas, mais abertas à inovação linguística.

No tocante a essas considerações, Bortoni-Ricardo (2011) sugere uma tipologia de redes, a qual se encontra representada no quadro a seguir:

Quadro 1 - Critérios analíticos para os tipos de rede
(BORTONI-RICARDO, 2011, p. 138)

Tipos de redes	Critérios analíticos			Características do repertório verbal
	Reforço de normas	Densidade de relações de papéis	Participação em grupos	
Redes isoladas	Sanção de grupo/consenso: resistência à mudança	Baixa densidade de relações de papéis: interação com um número limitado de pessoas	Grupo original de amigos como um grupo de referência	- <i>Focalização dialetal</i> - <i>Acesso limitado ao código de prestígio</i>
Redes integradas	Maior exposição às influências externas ao grupo	Alta densidade de relações de papéis: interação com pessoas com diferentes subtratos em muitos contextos sociais	Identificação com grupos mais prestigiosos	- <i>Difusão dialetal</i> - <i>Mais flexibilidade em relação ao controle do código e de estilos de prestígio</i> - <i>Hipercorreções</i>

A configuração das redes sociais em função do repertório verbal revela que os grupos mais coesos, mais densos⁶, cujas relações pessoais são bastante limitadas e específicas, se mostram mais conservadores e restritos a processos de inovação linguística. À medida que há difusão das formas prestigiadas, divulgadas pela grande mídia, pelo processo de escolarização ou, até mesmo, pela mobilidade

⁶ Cabe destacar que a densidade de relações de papéis (cf. BORTONI-RICARDO, 2011, p.138) se diferencia da densidade das redes (cf. MILROY, 2004, p.151), pois, na primeira, foca-se o indivíduo e, na segunda, a referência é feita à rede composta por diversos indivíduos.

geográfica, o repertório linguístico do falante tende a se modificar. Contudo, para que se chegue a um processo de mudança linguística, não basta que um falante tenha contato com inovações. Para Milroy e Milroy (1985, p. 347), a difusão precisa ser subsequente⁷ e, apenas quando os resultados do processo de difusão dialetal são observados, é possível rotulá-los como mudança linguística.

Considerando nossos interesses neste estudo – o qual inclui, de modo bastante central, a questão do conservadorismo linguístico associado à ausência de concordância nominal e verbal –, ressaltamos o potencial que as redes isoladas apresentam no sentido de favorecer o conservadorismo linguístico. Diante do alto grau de densidade que exhibe, a própria configuração dos grupos funciona como um mecanismo de resistência à mudança. Cabe destacar, conforme o faz Bortoni-Ricardo (2011, p.135), que “essa resistência não opera necessariamente ao nível da consciência. Pelo contrário, é consequência do próprio estado de isolamento”.

Nessa direção, Milroy pondera que a mobilidade geográfica está estreitamente relacionada à densidade da rede e, “em geral, as redes em áreas rurais tendem à densidade e multiplexidade, e em áreas urbanas à uniplexidade e frouxidão.” (MILROY, 1987, p.137)

Portanto, no território brasileiro, podemos considerar, assim como Bortoni-Ricardo (2011), que as redes isoladas são características das comunidades rurais, enquanto as redes integradas se constituem no espaço urbano, nas grandes metrópoles. Essa diferenciação se dá em função do processo histórico de constituição de nosso país e é acirrada pela crescente urbanização. Conforme destaca Silva Neto (1976, p. 80): “vê-se, pois, como no caso brasileiro é importante a distinção entre os falares urbanos e falares rurais”.

Para explorar essa configuração, trataremos, na próxima subseção, da configuração do português brasileiro, destacando questões relacionadas ao conservadorismo linguístico e, conseqüentemente, à polarização rural/urbana.

⁷ “Inovações do falante, assim como outras inovações, podem ser classificadas em termos de seu sucesso na difusão subsequente, como se segue: (1) Uma inovação do falante pode deixar de difundir além do falante, (2) A inovação do falante pode se difundir em uma comunidade com a qual ele/ela tem contato, e não ir mais longe, (3) Uma inovação do falante pode se difundir em uma comunidade com a qual ele/ela tem contato e, posteriormente, difundir daquela comunidade para outras comunidades, através de um falante inovador que tem laços com ambas as comunidades. Quando os resultados desse processo são observados, tendemos a rotular os resultados como ‘mudança linguística’”. (MILROY & MILROY, 1985, p. 347)

1.2.1. O conservadorismo linguístico no português brasileiro

Ao tratar do conservadorismo linguístico no português brasileiro, acreditamos ser imprescindível abordar certos elementos da história do Brasil, tendo em vista que a sua caracterização linguística está estritamente ligada à constituição histórica, social e demográfica do nosso país, conforme tem evidenciado os filólogos e os linguistas da Linguística Histórica, dentre os quais destacamos, numa linha cronológica, Serafim da Silva Neto, Antonio Houaiss, Sílvio Elia e Rosa Virgínia Mattos e Silva.

Contudo, não é nosso intuito aqui discorrer sobre a “história da língua portuguesa no Brasil”, porque receamos deixar de abranger todos os aspectos necessários e importantes dessa trajetória. Por outro lado, não podemos nos esquivar de tratar do tema, pois, como vimos na primeira seção deste capítulo, o estudo de uma mudança linguística – ou do conservadorismo, no nosso caso – envolve períodos de tempo, espaços geográficos, comunidades de fala etc., enfim, a sociedade e a sua configuração.

Diante disso, o que nos cabe fazer é situar, dentro da história da língua portuguesa no Brasil, o nosso interesse investigativo. Vale lembrar que partimos da hipótese de que a comunidade pesquisada possui características de conservadorismo linguístico, o qual pode ser refletido na manutenção da ausência de concordância de número no sintagma verbal e no sintagma nominal. Logo, se falamos em conservadorismo, não se pode negar a existência também de inovação: quando se trata de variação e mudança linguística, o par conservadorismo-inovação precisa ter sua configuração estabelecida. Tendo isso em vista, delimitamos nossa abordagem a partir do seguinte objetivo: temos o intuito de esclarecer o que caracterizamos como “conservadorismo linguístico no português brasileiro” e o que entendemos como “inovação linguística no português brasileiro”.

Também nos esquivamos aqui de estabelecer uma comparação entre o português de Portugal e o português do Brasil. Sabemos que há estudiosos bastante interessados na temática do conservadorismo/inovação linguística, relacionando, contrastando e problematizando a situação do português brasileiro em relação ao português europeu. Essa temática tem, inclusive, gerado o que Mattos e Silva intitula como “um debate já secular da crioulização prévia *versus* deriva natural” (2004,

p.92) e de “uma questão muito debatida, ainda não encerrada para alguns” (op.cit. p.122).

Nesse debate, em síntese, aqueles que defendem a hipótese da crioulização têm se centrado no contato da língua portuguesa com as línguas africanas a fim de postular, para o caso do Brasil, a ocorrência de um processo de transmissão linguística irregular que teria concorrido para a formação de uma língua de base crioula (LUCCHESI, 2001). Em contrapartida, os adeptos da hipótese da deriva natural defendem que nenhuma reestruturação geral, ou mesmo leve, teria ocorrido no português do Brasil, já que, em verdade, muitas das supostas particularidades do português brasileiro podem também ser atestadas em textos produzidos em Portugal até o século XVI (CUNHA, 2003).

Sem dúvidas, a discussão fundada na “crioulização x deriva” é pertinente, principalmente porque um dos principais argumentos do debate é o fenômeno linguístico da concordância de número, por nós aqui investigado. No entanto, nosso foco não está no contraste entre português europeu e português brasileiro, mas sim, e restritamente, no contraste de duas fases (a conservadora e a inovadora) do português brasileiro.

Em função de nosso recorte, resumimos nosso entendimento sobre a diferença entre o português brasileiro e o português europeu, fazendo as palavras de Mattos e Silva (2004, p.107) as nossas:

[...] a língua portuguesa, na sua variante brasileira, predominantemente nas variantes populares e vernáculas, mas não apenas nelas, deve as suas características inovadoras, em geral simplificadoras, em relação ao português europeu, tanto no plano sintático como fônico, à forma como foi aprendida pela massa populacional predominante ao longo do período colonial: como segunda língua; com modelos defectivos da língua-alvo; a do colonizador, mas não tão defectivos que propiciassem a formação de um crioulo estável e generalizado; na oralidade; sem o controle normativo da escolarização. A polarização sociolinguística marca o português brasileiro e, sem dúvida, reflete a nossa história passada e que se projeta no presente. A certa uniformidade constante na heterogeneidade variável de suas realizações, que a sociolinguística sobre o português vem demonstrado, sendo, certamente, a característica mais investigada a concordância variável de número, verbo-nominal e nominal, veja-se, por exemplo, o que afirmam Scherre e Naro: “Os processos variáveis de concordância de número no português vernacular do Brasil evidenciam um sistema perfeito, correlacionado a variáveis linguísticas e sociais” (1997:93-94). Essa uniformidade é herdeira da forma como foi aprendido o português do colonizador, língua politicamente hegemônica, pela massa dos africanos e afrodescendentes que majoritariamente se espalharam, na dinâmica do movimento migratório geográfico-social, pelo território brasileiro [...]. (MATTOS & SILVA, 2004, p. 107).

Do acima dito, destacamos algumas questões-chave para entender o conservadorismo linguístico no português brasileiro, as quais, a nosso ver, se tornam merecedoras de um aprofundamento teórico: i) a característica de simplificação das variedades populares e vernáculas do português brasileiro; ii) o papel do período colonial do Brasil no português brasileiro; iii) a polarização sociolinguística; iv) a concordância variável de número; e v) o movimento migratório geográfico-social dentro do território brasileiro.

Abordaremos, nas próximas subseções, cada uma delas. Em função da linearidade cronológica e/ou conceitual, agrupamo-las em aspectos sociais e aspectos linguísticos. Assim, nos aspectos sociais, falaremos do período colonial e dos movimentos migratórios ocorridos no Brasil ao longo de sua história. Nos aspectos linguísticos, teceremos considerações acerca da simplificação linguística no português brasileiro e trataremos da influência da escolarização na polarização sociolinguística do território brasileiro. A abordagem com foco na concordância de número, nosso objeto de análise, será realizada no Capítulo II.

1.2.1.1. O conservadorismo linguístico no português brasileiro: aspectos sociais

As evidências do conservadorismo linguístico no português brasileiro estão relacionadas à constituição histórica de nosso país, como já destacamos. Dessa história, observamos que o Brasil vivenciou momentos bastante representativos para sua formação linguística, os quais estão diretamente associados à distribuição da população brasileira pelos espaços sócio-geográficos rurais e urbanos.

Na linearidade histórica, observa-se que a ocupação dos territórios rurais predominou durante o período colonial (1532-1822), enquanto a urbanização ocorreu somente a partir da independência do país e foi fomentada, de fato, após a segunda metade do século XX.

O período colonial teve início em 1532, com a fixação dos portugueses nas terras brasileiras, com o objetivo de explorar o cultivo da cana-de-açúcar. Nesse período, as terras brasileiras, que já eram povoadas pelos índios, também receberam os escravos importados da África pelos europeus.

Naquela época, a ocupação territorial se deu a partir do litoral. A região Nordeste, especificamente a cidade de Salvador, foi a escolhida pela Coroa Portuguesa para a sede de administração das terras, após a criação do sistema de Capitânicas Hereditárias. As capitânicas ocuparam o Maranhão, o Ceará, o Rio Grande, Itamaracá, Pernambuco, a Baía de Todos os Santos, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, São Tomé, São Vicente, Santo Amaro e Santana, mas o sistema fracassou devido à dificuldade de administração da grande extensão territorial, à falta de recursos econômicos e aos constantes ataques indígenas.

Ao longo do fracasso das Capitânicas, os bandeirantes começaram a explorar o interior do Brasil, em busca de índios, escravos fugitivos e metais preciosos. Em meados do século XVIII, descobriram minas de ouro na região de Minas Gerais. Em decorrência disso, o centro econômico da colônia se deslocou para a região Sudeste, e a capital foi transferida para o Rio de Janeiro.

Sobre essa ocupação territorial, Teyssier (1982, p. 94) esclarece que:

[...] de início, só o litoral é colonizado. Com a fundação de São Paulo, porém, abre-se uma porta de entrada para o interior. No século XVIII, a exploração do ouro determina a ocupação do território do atual estado de Minas Gerais. Mas **em todo o período de colônia o Brasil permanece um país essencialmente rural**. As duas capitânicas sucessivas – Salvador, depois, a partir de 1763, Rio de Janeiro – e algumas vilas de importância média com que conta a colônia preenchem apenas funções políticas, administrativas e religiosas: o seu papel cultural e intelectual é dos mais limitados [...]. (grifo nosso)

Como o autor afirma, o Brasil foi um país essencialmente rural durante o período colonial. Essa característica também é evidenciada por Cunha (1968), para o qual as cidades e vilas do período colonial “não preenchiam certas funções urbanas que obrigassem ou incentivassem a fixação do elemento humano, disperso pelas plantações, pelas fazendas, pelos engenhos, pelas minas”.

O que começou a reverter esse quadro foi a rápida urbanização que a cidade do Rio de Janeiro vivenciou no início do século XIX, após a chegada do Príncipe Regente. A cidade entrou numa fase de ascensão e, em função disso, as elites rurais e as grandes famílias do campo migraram em busca dos prazeres da vida urbana, como destaca Elia (1976, p. 79). A população do Rio de Janeiro aumentou de modo acelerado e, juntamente com a população, crescia o movimento intelectual. A cidade viveu o progresso, e o ambiente urbano oferecia, aos brasileiros, uma

aproximação com a cultura lusitana, considerada, naquele tempo, superior à brasileira. (op.cit. p.134).

O espaço urbano proporcionava, assim, formação e informação para as elites. Em função disso, a efervescência cultural e as grandes transformações políticas em curso no mundo ocidental na passagem do século XVIII para o XIX tiveram repercussão no Brasil, de modo a contribuir para a luta e para a conquista da Independência do nosso país, em 1822, findando o período colonial.

Após esse período, a urbanização se fez, paulatinamente, mais crescente, e o êxodo rural foi um fenômeno recorrente. O espaço urbano oferecia a possibilidade de ascensão socioeconômica e, diante disso, o morador do campo migrava para as cidades em busca de melhoria de vida. Dentre os acontecimentos motivadores dos movimentos migratórios ocorridos no Brasil rumo à urbanização, destacam-se a construção de Brasília, no final da década de 1950, e o incentivo à industrialização na região Sudeste, a partir de 1960. Na atualidade, observa-se, cada vez mais, a diminuição da população rural e a aglomeração de pessoas nas grandes cidades.

Porém, apesar da constante redução, há, no Brasil, uma parcela expressiva da população que vive em áreas rurais. Nesse sentido, há de se levar em conta que

[...] o Brasil ainda hoje representa um conjunto de duas épocas estratificadas. No “sertão” encontraremos um quadro arqueológico da nossa civilização colonial no que diz respeito a raça, economia, costumes, folclore, mística. Não será muito exagerado dizer que em algumas regiões achamos os séculos XVII e XVIII. Isto é o que Pinder chamaria, a “não-contemporaneidade do contemporâneo” (SILVA NETO, 1976, p.113-114)

Diante disso, reforçamos que o delineamento rural x urbano não se esgota na divisão temporal da mobilidade geográfica acelerada no século XX. A divisão também é social, e, até hoje, temos comunidades rurais que não se urbanizaram, que continuam no ritmo colonial. E isso não ocorre só no “sertão”, em virtude do isolamento geográfico; isso também é motivado pelo isolamento social, conforme vimos na seção anterior e temos defendido neste trabalho. Como afirma Isquierdo (1998, p.105),

[...] percorrendo diuturnamente os mesmos caminhos, realizando uma atividade que não exige inovação tecnológica, o homem da mata, assim como não inova seu ritmo de vida, não necessita também inovar sua linguagem.

Como se evidencia, o conservadorismo sociocultural se associa ao conservadorismo linguístico, de tal modo que “a língua falada por grupos que habitam no meio rural é passada de geração para geração sem significativas alterações” (ISQUERDO, 1998, p.104).

Portanto, diante do que foi exposto acima, podemos considerar que o Brasil é, na atualidade, caracterizado e dicotomizado pelos seus espaços rurais e urbanos, pelas culturas rurais e urbanas e pelos “falares rurais e urbanos” (SILVA NETO, 1976, p. 80). Temos, nesses cenários, a atribuição da característica de inovação à urbanização, fomentada nos meados do século XX; e o caráter conservador à ruralidade, marca do período colonial e dos séculos subsequentes. A inovação e o conservadorismo se encontram nos hábitos, nas práticas profissionais, na política, na economia, na cultura etc. e se refletem na língua.

Sobre essa questão, Elia (1976, p.129-130) considera que:

[...] durante o período colonial, a cultura latina-cristã que os descobridores introduziram no Brasil nunca deixou de ser fortalecida com novos contingentes, que vinham unir-se aos mesmos representantes dessa cultura que se constituiu em nossa terra. Como portugueses, luso-descendentes, mestiços integrantes das classes dirigentes, eram portadores de uma cultura superior (porque já desenvolvera algum tipo de civilização), os elementos dessa cultura se foram impondo progressivamente e, entre eles, em posição proeminente, a língua. E foi a língua dessa cultura superior que se tornou a língua nacional do Brasil, na sua variante denominada “cultura”. Essa variante culta foi um fenômeno de urbanização, pois nas cidades se centravam a elite do saber. [...] Não tardaria que o Rio de Janeiro, primeira capital do Brasil independente, viesse a converter-se no foco de constituição e irradiação desse novo padrão linguístico.

Esse cenário apontado por Elia (op.cit) justifica as palavras de Lucchesi (2001, p. 107) no sentido de que

[...] já há algumas décadas, **o Brasil é um país eminentemente urbano**, cujas grandes metrópoles exercem uma profunda e extensa influência sobre as demais regiões. Essa influência cultural e linguística passa pela enorme expansão da malha rodoviária, pelo vertiginoso desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e pela massificação do ensino básico, em que pese toda a precariedade do sistema de educação pública. Assim, configura-se a tendência da mudança do português popular em direção aos modelos da norma culta, que atingem e influenciam as camadas mais baixas da população através da televisão, do rádio ou pelo contato direto, ou mesmo através do precário sistema de ensino. (grifo nosso)

Em função da urbanização e dos aspectos culturais a ela associados, a cultura rural passou a ser, gradativamente, desvalorizada. O ideário de que a “civilização”

estava nos centros urbanos favoreceu o desprestígio das comunidades rurais, como se percebe até na atualidade. Não obstante, essa desvalorização e esse desprestígio se refletem na língua, como já apontava Labov (2008 [1972]).

Nesse sentido – e na direção oposta ao processo de conservadorismo linguístico –, vemos a atuação da escola e da mídia como um fator que busca homogeneizar a língua em todo o território brasileiro, independentemente das divisões sócio-geográficas. Essa pretensa homogeneização se dá rumo à fala urbana, que, por sua vez, caminha em direção à língua padrão, à língua dos nossos colonizadores europeus⁸. Sobre essa questão, cabe destacar a força da explícita intervenção político-linguística por parte da Coroa Portuguesa no território brasileiro, mediante o Diretório do Marques de Pombal em 1758, que proibia o uso da língua geral e obrigava o uso oficial da língua portuguesa, já que, até hoje, é a língua portuguesa (e não o português brasileiro) que ocupa o lugar central (e/ou único) nas escolas brasileiras, bem como nos meios de comunicação em massa.

Logo, diante do exposto nesta subseção, evidencia-se que a divisão geográfico-social da história de nosso país está atrelada à história da nossa língua. Nesse sentido, o fato de o Brasil ter sido “um país essencialmente rural” no período colonial e hoje se configurar como “um país eminentemente urbano” se reflete na polarização linguística rural/urbana que se evidencia no português brasileiro atual, em função de um “conjunto de duas épocas estratificadas”. Da mesma forma – e como consequência –, os espaços geográfico-sociais, polarizados em função da história do nosso país, tendem a refletir o perfil linguístico conservador/inovador, embora, para essa caracterização, seja preciso levar em consideração, também, a influência da mídia e da escola.

A partir desses esclarecimentos, prosseguiremos com a abordagem dos aspectos linguísticos característicos do conservadorismo linguístico.

⁸ A fala urbana do português brasileiro, ainda assim, apresenta características dissonantes do português europeu (cf. PRETI, 1997; FARACO, 2008). Contudo, no que tange ao fenômeno aqui investigado como evidência de conservadorismo linguístico no português brasileiro, isto é, a ausência de concordância de número, pode-se considerar que a fala urbana (com marcação de concordância) se aproxima do padrão imposto pelos portugueses.

1.2.1.2 O conservadorismo linguístico no português brasileiro: aspectos linguísticos

A polarização do falar característico dos espaços geográfico-sociais rurais e urbanos é fundamentada nas particularidades de cada uma dessas variedades, no que tange a aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Evidentemente, as diferenças entre a fala rural e a urbana não interferem na “unidade” do português brasileiro⁹. Temos “diversidade na unidade” e “unidade na diversidade”, conforme destaca Silva Neto (1976).

Dentre as pesquisas sociolinguísticas brasileiras, há vários estudos que se voltam para a descrição dos falares brasileiros. Ao longo do desenvolvimento da linguística brasileira – e também da filologia –, alguns autores se enveredaram na caracterização do falar rural, e outros, mais recentemente, se esforçam na descrição do português urbano, como é o caso do Projeto Norma Urbana Culta – NURC. Paralelamente, encontramos atualmente, através da iniciativa do Projeto Para a História do Português Brasileiro – PHPB –, um extenso detalhamento sobre a configuração da nossa língua.

Em relação ao falar rural, Melo (1971, p.109) defende a tese de que o falar rural era o mesmo em qualquer lugar, com singularidades compostas por “pormenores”; e Silva Neto (1976, p. 142) acredita que essa unidade poderia ser explicada pelo fato de que “os falares rurais se originaram de um falar único, primeiro amalgamado na faixa costeira”.

Apesar do aparente radicalismo das afirmações, julgamos que elas são pertinentes na medida em que se baseiam na característica de simplificação evidente na variedade rural, que, conforme vimos, foi desenvolvida no português brasileiro juntamente com o período colonial. Àquela época, como destaca Teyssier (1982, p.93-94), o português europeu, o índio e o negro constituíam as três bases da população brasileira e, em decorrência disso, o processo de formação do português brasileiro foi influenciado por eles.

Para Silva Neto (1976, p.115),

[...] na constituição do português brasileiro há desde o século XVI duas *derivas*: a) uma *deriva* bastante conservadora, que se desenvolve portanto

⁹ Consideramos, assim como Bortoni-Ricardo (2004), que as variedades rurais e urbanas formam um *continuum* dialetal, em cujo centro estão as variedades “rurbanas”, a mistura dos dois polos. Contudo, neste estudo, priorizamos os extremos rural/urbano.

muito lentamente e b) uma *deriva* a que condições sociais próprias imprimem velocidade inesperada. No primeiro caso temos o falar de uma população proveniente de vários pontos de Portugal que, posta em contato num meio tão diverso, elaborou um denominador comum que não participava das mudanças operadas na metrópole e que, por isso mesmo, era muito conservador. No segundo, pelo contrário, temos o falar de grandes massas que tiveram de aprender a língua dos senhores de modo imperfeito e muito rapidamente.

Tivemos, portanto, uma situação de contato entre pessoas de línguas diferentes (português, tupi, banto etc). Sem entrarmos no mérito da discussão da criouliização linguística – até mesmo porque nosso foco não está na origem, mas sim no fruto desse contato –, acreditamos que a caracterização da fala rural se deve à forma de aprendizagem da língua emergente.

Como destaca Elia (1976, p.157-158),

[...] essa linguagem rural brasileira, de notável unidade, representa em parte uma conservação de formas antigas portuguesas que se arcaizaram na língua padrão, em parte também um conjunto de alterações e simplificações introduzidas na língua portuguesa por falantes, em muitos casos aloglotas, que a aprenderam de oitiva.

O aprendizado de “oitiva” fomentou um conjunto de alterações no português brasileiro do período colonial, ou seja, na variedade rural. Dentre essas características, elencamos, com base em Amaral (1982 [1951], Nascentes (1953) e Melo (1981)¹⁰:

- a) No nível fonético: nasalização do /i/ (igual>ingual, igreja>ingreja); perda de nasalização da vogal átona final (virgem>virge); síncope (cócega>cosca); inversão do /w/ (tábua>tauba); redução dos ditongos (baixo>baxo, autoridade>otoridade); vocalização da palatal /λ/ (filha>fia) ou hipercorreção (alfaiate>arfalhate); permuta de /l/>/r/ e /v/>/b/ (problema>probrema; verruga>berruga); apagamento de diferentes segmentos sonoros (*pode>pó, perto>per, como é>cumé, com a >ca, dentro da>denda, para>pa/pra, pra você>procê*); etc.

¹⁰ Tivemos o critério de elencar as características da fala rural que são consideradas como traços descontínuos no português brasileiro, já que há determinados usos que são comuns à fala rural e à urbana (traços graduais). (cf. Bortoni-Ricardo, 2004)

- b) No nível morfológico: flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal (os livros>os livro); ausência ou pouco uso do subjuntivo (ame>amá); prevalência da desinência de terceira pessoa do singular no uso dos verbos, exceto na primeira pessoa do singular (eu amo, tu/você/ocê,/cê ama, ele/ei ama, nós ama, voceis/ôceis/ceis ama, eles/eis ama), o que resulta na ausência de concordância verbal; alteração fonética das desinências do pretérito perfeito do indicativo (foram> foru; andaram>andaru); etc.
- c) No nível sintático: emprego dos pronomes retos como acusativo (ele viu nós na casa; não vi tu lá); etc.

Dos aspectos linguísticos elencados acima, destacamos a perda das flexões de número nos nomes e verbos, objeto deste estudo. Discorreremos sobre a ausência de concordância nominal e verbal, de forma detalhada, no Capítulo II.

Em contrapartida, com a mudança do cenário brasileiro para os espaços urbanos, a língua também se viu propícia à mudança. Com a urbanização, a escolarização foi subsequente, e as elites foram se aproximando da “língua portuguesa”. A situação linguística se altera, de fato, com a implantação, forçada, da língua portuguesa definitivamente em terras brasileiras em 1758, através da reforma pombalina já mencionada na subseção 1.2.1.1.

Apesar dessa imposição – a qual, de modo geral, fez com que a língua falada nos centros urbanos se tornasse muito mais próxima da língua culta (padrão) do que a falada nos distritos rurais, como aponta Lima Sobrinho (2000, p. 199) –, é o uso que define uma língua, são os falantes que fazem com que uma língua exista e lhe dão a configuração de seu *status quo*. Por isso, a língua falada nos centros urbanos não é idêntica à “língua portuguesa”, presente nas gramáticas normativas.

Hoje, já é possível delinear, com certa clareza, as características do falar urbano brasileiro, apesar da sua multiplicidade de variedades. Para tanto, consideramos, assim como Preti (1997, p.18-19), que

[...] primeiramente, é preciso lembrar que, dentro do contexto social das últimas décadas do século, tem predominado no Brasil, um processo de uniformização cultural, em decorrência de um fenômeno político de democratização, acentuado, entre nós, nos anos noventa, mas já perfeitamente observado nos fins da década de setenta. Esse processo vem se estendendo a uma faixa cada vez maior da comunidade urbana as possibilidades de acesso à escola (e até mesmo à universidade), assim

como lhe tem proporcionado um acesso mais fácil e intenso à informação, às fontes de notícia, aos meios informatizados. Por outro lado, um lazer, de certa maneira uniforme, preparado para atingir indistintamente todas as classes sociais, vem aumentando de forma acentuada a presença da *mídia* na cultura contemporânea, levando a sua linguagem oral e escrita a tornar-se padrão até para estudos da norma escolar.

A influência da cultura, da escola e da mídia é de fundamental importância para a delimitação do falar urbano. Numa escala, como se observa nas palavras de Preti citadas acima, a mídia possui o maior peso para a população, porque afeta a escola e a cultura e está acessível para a maior parte da população brasileira, em todas as regiões do país¹¹. Nesse sentido, o autor complementa:

[...] a linguagem do jornal, mas também a do rádio, da TV, do cinema, do teatro e da propaganda, mesmo quando escrita, representa uma associação do oral com o escrito, valendo-se das estruturas da fala espontânea, associadas aos preceitos da gramática tradicional, o que se tornou norma na linguagem urbana comum. (PRETI, 1997, p.19)

Ora, entendendo a “norma” para além do normativo, a fala urbana comum apresenta regularidades, normalidades em seus usos, o que permite a definição de uma norma urbana comum, em oposição à norma padrão (das gramáticas normativas). Essas regularidades se evidenciam através de determinados usos, os quais, com base em Preti (1997), são:

- a) No nível fonético: aférese (está>tá); síncope (para>pra); ditongação (vocês > voceis); alteamento de vogais (e>i/ o>u); etc.
- b) No nível morfológico: apagamento do /r/ do infinitivo (falar>falá); monotongação no pretérito perfeito (*falou>falô*); redução da desinência do gerúndio (falando> falanu); ausência de concordância entre o verbo e sujeito, principalmente quando o sujeito é posposto (baixou os preços); etc.
- c) No nível sintático: alteração na regência verbal (assistir ao filme>assistir o filme; ir ao cinema>ir no cinema); emprego do pronome reto de terceira pessoa como acusativo (ele viu ele na casa; não vi ele lá); etc.

¹¹ Cabe destacar que a mídia, hoje, tem abrangência nacional. A maioria das comunidades rurais tem acesso aos meios de comunicação e, sem dúvidas, também sofrem influência linguística do meio urbano. Por isso, mais uma vez, vale lembrar o continuum de urbanização que se estabelece na variação do português brasileiro (cf. Bortoni- Ricardo, 2004)

As diferenças entre a fala rural e a fala urbana revelam, desse modo, o processo socio-histórico de formação da nossa língua. Muitos outros aspectos poderiam aqui ser elencados no tocante a particularidades dentro de cada falar. Contudo, neste momento, o que nos parece relevante é destacar que a fala rural é conservadora e desprestigiada, enquanto a fala urbana é inovadora e dotada de prestígio social.

Não podemos perder de vista que o estabelecimento da variedade urbana do português brasileiro é fruto de um processo bastante divergente daquele que constituiu a variedade rural. Enquanto nesta o aprendizado foi assistemático, de “oitiva”, naquela houve, inicialmente, grande influência da escola, com seu caráter normatizador e, posteriormente, de um forte papel unificador desempenhado pela mídia. Essa diferença foi fundamental na formação do português brasileiro e ainda o é pelo que se pode perceber na diversidade linguística em nosso país.

1.3. Conclusões

Neste trabalho, a perspectiva da Sociolinguística Variacionista foi por nós adotada devido ao seu interesse em relacionar a variação e a mudança linguística à sociedade e ao fato de nos ajudar a compreender a sistematicidade das variações e nos fornecer um aparato teórico-metodológico para tal.

De modo agregado aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, os estudos sobre as redes sociais desenvolvidos por Milroy (1980, 1987, 2004), Milroy e Milroy (1985) e Bortoni-Ricardo (1985, 2011) nos serviram para identificar como a configuração das relações entre os indivíduos de uma comunidade influencia o seu perfil sociolinguístico. Nesse sentido, pudemos averiguar que o conservadorismo linguístico está relacionado à baixa densidade e à multiplexidade das redes sociais, as quais tendem a se tornar isoladas. Nessa direção, vimos que, no caso do Brasil, é pertinente julgar que os espaços rurais são mais propícios ao conservadorismo linguístico.

Para fundamentar essa constatação, buscamos, na história do nosso país, algumas evidências que teriam contribuído para o cenário de variação e mudança linguística e encontramos uma nítida influência do movimento migratório geográfico-social dentro do território brasileiro, principalmente da polarização rural/urbana.

Assim, pudemos esclarecer aspectos sociais e linguísticos – sociolinguísticos – do conservadorismo linguístico no português brasileiro.

Ressaltamos que, hoje, em função do papel da escola no ensino da variedade culta do português (tanto falada quanto escrita), não podemos dimensionar o perfil sociolinguístico de uma comunidade apenas em relação ao espaço geográfico rural/urbano, porque os moradores da zona rural têm acesso à escolarização e a outras influências urbanas, através da mídia, por exemplo. Por isso, temos de levar em conta outros fatores sociais que possam fomentar o conservadorismo linguístico. Diante disso, neste estudo, julgamos relevante considerar, além do espaço geográfico-social, a tessitura das redes sociais dentro da comunidade e, ainda, a influência da escolarização na vida dos falantes. Fazendo uma analogia ao que Naro e Scherre (2007) afirmam sobre as origens do português brasileiro, acreditamos que o fenômeno do conservadorismo linguístico no português brasileiro, em especial na comunidade de fala de Oliveira Fortes-MG no que se refere à concordância nominal e verbal, deve-se a uma “confluência de motivos”.

CAPÍTULO II

A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ABORDAGENS E PESQUISAS

Para este estudo, selecionamos, como objeto de investigação, um dos fenômenos variáveis característicos do português brasileiro: a presença de concordância/a ausência de concordância de número nos sintagmas nominais e nos sintagmas verbais. A escolha desse fenômeno foi motivada: i) pela evidência empírica de que a ausência de flexão de número predomina na fala dos moradores da comunidade pesquisada, independentemente da sua zona de residência (rural/urbana); ii) pela constatação de que a redução das flexões de número é um fenômeno recorrente desde o início da colonização brasileira; e iii) pelo desejo de se descreverem e explicarem as motivações sociolinguísticas que fazem com que os moradores do município de Oliveira Fortes-MG mantenham essa característica conservadora em sua fala.

A fim de elucidar algumas questões que serão evocadas em nossa análise, trataremos, neste capítulo, do nosso objeto de pesquisa, recorrendo a estudos já realizados sobre o assunto. Assim, nos deteremos, primeiramente, na descrição da variação da concordância de número no português brasileiro. Em seguida, para detalhar alguns dos trabalhos sociolinguísticos desenvolvidos no Brasil sobre o tema, dividiremos o fenômeno da variação da concordância de número em suas especificidades relacionadas ao sintagma nominal (concordância nominal) e ao sintagma verbal (concordância verbal). Nosso objetivo, assim, é abordar os aspectos relevantes da literatura consultada, com o intuito de justificar os critérios analíticos adotados neste trabalho.

2.1. O fenômeno da concordância de número

Enquanto fenômeno gramatical, a concordância está relacionada às flexões (de gênero, número, pessoa, tempo, modo, aspecto etc.) que se apresentam nos sintagmas nominais e/ou nos sintagmas verbais, de acordo com as relações sintagmáticas estabelecidas. São nessas relações que se estabelece o processo de “concordância”, ou seja, os elementos do sintagma ficam em acordo, em “harmonia” (PERINI, 2010, p. 273), em “solidariedade” (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 510). Assim, através de meios gramaticais, a concordância representa “a conformidade morfológica entre uma classe e seu escopo. Essa conformidade implica, portanto, na redundância de formas” (CASTILHO, 2010, p.411).

No entanto, nos estudos descritivos do português brasileiro, tem-se evidenciado que a concordância não pode ser tratada em termos de regras categóricas. Como destaca Castilho (2010, p. 273), “[...] a postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre aqui [no português brasileiro], dada a complexidade dos fatores determinantes da concordância e a instabilidade em sua execução em nossa língua”.

Para demonstrar como o fenômeno da concordância de número no português brasileiro é variável, Scherre e Naro (1998, p. 509) nos dão alguns exemplos em que há a presença de concordância (marca explícita de plural) e em que se evidencia a ausência de concordância (marca zero de plural):

1) CONCORDÂNCIA VERBO/SUJEITO

... eles ganham demais da conta (variante explícita);
... eles ganha0 demais (variante zero).

2) CONCORDÂNCIA ENTRE OS ELEMENTOS DO SINTAGMA NOMINAL

- os fregueses; as boas ações; essas coisas todas (variantes explícitas);
- essas estradas nova0; do0 meus pais (variantes explícitas e variantes zero);
- as codorna0; as porta0 aberta0 (variantes explícitas e variantes zero).

3) CONCORDÂNCIA NOS PREDICATIVOS E PARTICÍPIOS PASSIVOS

... as coisas tão muito caras, né? ... (variante explícita);
... que as coisa0 tá0 cara0, num dá mesmo ... (variante zero);
... os meus filhos foram amamentados ... (variante explícita);
... os meus filhos foram alfabetizado0 ... (variante zero).

(SCHERRE & NARO, 1998, p. 509)

A marcação do plural em todos os elementos é considerada a “correta” pelas gramáticas normativas do português. Como consequência disso, a marcação do

plural em todos os elementos também é a ensinada nas escolas, difundida pela mídia e dotada de prestígio social.

Porém, desde os primeiros estudos dialetológicos do português brasileiro, a redução da flexão de plural foi considerada como um fenômeno “geral do Brasil, constituindo a nota mais original e típica dos nossos falares” (MELO 1981, p. 98).

Nas descrições dialetológicas sobre os falares populares e/ou o dialeto caipira, encontramos as seguintes considerações acerca da concordância de número:

[...] a pluralidade dos nomes é indicada, geralmente, pelos determinativos: *os rei, duas dama, certas hora, umas fruta, aqueles minino, minhas ermã, suas pranta* [...] O plural da 1ª pessoa perde o “s”: *bamo, fômo, fazêmo*. Quando esdrúxula, a forma se identifica com a do sing.: *nóis ia, fosse, andava, andasse, andaria, fazia, fizesse, fazeria*. Nas formas do preter. perf. do indic. dos verbos em “ar”, a tônica muda-se em “e”: *trabaiêmo = trabalhamos, caminhêmo = caminhamos* [...] (AMARAL, 1982 [1951], p. 71-72).

[...] a flexão numérica por meio de “s” desaparece de todo na classe inculta: livro (singular e plural) [...] O plural é indicado pelos pronomes-adjuntos ou pelos numerais que precedem o substantivo: *os livros - os livro, dois livros - dois livro, meus livros - meus livro, estes livros - estes livro, poucos livros - poucos livro*. [...] O povo, como fez com as flexões nominais, corrompeu as flexões verbais, resultando daí faltas de concordância [...] (NASCENTES, 1953, p. 81; 94)

[...] o sinal de plural só aparece no determinante e o verbo de regra só apresenta oposição de formas entre a primeira e as mais pessoas: *aqueles cadera quebrô; os homi chegô (podendo ser “chegarô”); meus cobri num chega p’ra tanto; todos em casa vai bem; aqueles marinheiro tava tudo bebo*[...] (MELO, 1981, p.98).

Pelas informações apresentadas pelos autores, a ausência de concordância de número que hoje encontramos se equivale àquela descrita por eles, tanto em relação aos nomes quanto aos verbos. Contudo, para os dialetólogos, a redução do morfema de plural “s” se justificava apenas por uma questão fonética e se restringia a determinado tipo de falante (analfabeto, semiescolarizado, inculto e/ou caipira). Atualmente, com o avanço dos estudos sociolinguísticos, as explicações para essa variação têm se expandido. Sabe-se que, além dos condicionamentos fonéticos, outros aspectos linguísticos e sociais influenciam na variação. Trataremos disso nas subseções 2.1.1. e 2.1.2.

Contudo, cabe destacar, antes de nos determos, separadamente, nos fenômenos de concordância de número relacionados ao sintagma nominal e ao

sintagma verbal¹², que o processo que se observa na variação da concordância de número no nível da oração evidencia a atuação do princípio geral do paralelismo linguístico, em que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (POPLACK, 1980; NARO & SCHERRE, 1991, 1993; SCHERRE, 1988, 1994, 1998). Logo, a presença de concordância no sintagma nominal influencia a presença de concordância no sintagma verbal e, de igual modo, a ausência de concordância no sintagma nominal pode ser determinante para a ausência de concordância no sintagma verbal. Sobre essa relação, Scherre (1994, p. 44) destaca:

[...] a conclusão a que já cheguei, através da análise de um número significativo de casos, é a seguinte: a concordância verbo sujeito é sempre regida pelo núcleo do sujeito, se o sujeito em jogo tiver um só núcleo de estrutura sintagmática simples anteposto ao verbo. Nos demais casos, outros elementos podem entrar em jogo para assumir o controle da concordância. Por exemplo, em casos de sujeito de um só núcleo de estrutura complexa, o controle da concordância também pode ser assumido pelo núcleo do sintagma nominal inserido no sintagma preposicional; e, se houver mais de um sintagma preposicional, quem vai comandar a concordância é o núcleo do sintagma nominal que se encontra inserido no sintagma preposicional na posição mais alta, ou seja, mais à esquerda na construção sintática (cf., também, Saraiva & Bittencourt (1990); Scherre (1993); Scherre & Almeida, no prelo).

Feita essa ressalva, que será de fundamental importância no decorrer deste estudo, partiremos para a abordagem das pesquisas sociolinguísticas já realizadas sobre o fenômeno da variação na concordância de número no sintagma nominal, bem como daquelas focalizadas no fenômeno da variação na concordância de número no sintagma verbal no português brasileiro.

2.1.1. A concordância nominal

O interesse investigativo pelo fenômeno gramatical da concordância nominal de número no português brasileiro tem movido diversos pesquisadores. No âmbito da Sociolinguística Variacionista, Braga e Scherre (1976) foram pioneiras e, através de minuciosa análise, permitiram o entendimento da variação e abriram caminho para outros estudos da mesma natureza. Nessa direção, seguiram Braga (1977), Scherre (1978, 1988, 1994, 2001), Pontes (1979), Nina (1980), Guy (1981), Dias

¹² Não trataremos da variação na concordância de número nos predicativos e participios passivos separadamente por entendermos que essa variação segue os mesmos padrões da concordância de número nominal e verbal.

(1993), Lopes (2001), Andrade (2003), Santos (2010), entre muitos outros que verticalizaram as investigações para localidades específicas dentro do território brasileiro.

Dentre as constatações, Scherre (1994) nos mostra como a variação na concordância nominal de número do português brasileiro é bastante produtiva. Nesse sentido, a autora evidencia que:

[...] a marca explícita de plural pode ser encontrada (1) em todos os elementos flexionáveis do SN (os fregueses/novas escolas/suas tias/as boas ações/essas coisas todas /as partidas todas iguais/os meus ainda mais velhos amigos); (2) em alguns elementos flexionáveis do SN (essas estradas nova0/do0 meus pais/as minhas duas filha0/as mulheres ainda muito mais antiga0; (3) em apenas um dos elementos flexionáveis do sintagma nominal (as codorna0/uns troço0/as porta0 aberta0/os documento0 dela todinho0; (4) em nenhum dos elementos flexionáveis do SN (dois risco verde/uma porção de coisa interessante). (SCHERRE, 1994, p. 40).

Como se observa, a concordância nominal de número padrão apresenta a marca de plural em todos os elementos do SN. Já a ausência de concordância (ou a não concordância) se dá em função da omissão da marca de plural em um ou mais elementos do SN.

A partir desse quadro de variação no português brasileiro, os estudos sociolinguísticos sobre a concordância nominal de número no português brasileiro se concentram na investigação e análise de fatores que condicionam tal variação e, assim, têm evidenciado características gerais do fenômeno. Dentre essas características, destacamos:

- a) os itens lexicais que apresentam maior saliência fônica na relação singular/plural (*posição/posições; radical/radicais; mulher/mulheres*) tendem a apresentar mais marcas formais de plural no SN do que os que apresentam menor saliência fônica (*livro/livros*).
- b) a posição linear, aliada à classe gramatical dos elementos, influencia a aplicação ou não da concordância: quando os itens nucleares ocupam as primeiras e as terceiras posições do SN, há maior ocorrência de concordância; se os itens nucleares ocupam a segunda posição do SN, há menor chance de concordância, principalmente quando um ou mais itens

não nucleares antepostos ao núcleo do SN não apresentam marcas formais de plural (marcas precedentes).

- c) a escolarização favorece o aumento da concordância, principalmente quando aliada à inserção no mercado de trabalho.

As evidências elencadas acima são, de certo modo, categóricas no português brasileiro, tendo em vista que foram constatadas em variados estudos, com diferentes amostras. Nesse sentido, os fatores linguísticos saliência fônica, posição linear, classe gramatical e marcas precedentes, bem como fatores sociais, com destaque para a escolarização, se mostram fundamentais na compreensão da variação na concordância nominal de número no português brasileiro.

Contudo, não são apenas esses fatores que têm sido investigados, e há de se ressaltar que as singularidades também são significativas para aguçar novas pesquisas. Na relação entre língua e sociedade, sabe-se que os resultados podem diferir na medida em que também diferem as comunidades de fala e os falantes, e, até mesmo, a escolha dos aspectos a serem investigados, como destaca Labov (2008 [1972]), depende da comunidade alvo.

Tendo isso em vista, procuramos identificar, para a presente pesquisa, alguns estudos que pudessem auxiliar nossas análises de forma mais específica. Assim, selecionamos os trabalhos de Scherre (1988), Dias (1993) e Santos (2010). A escolha desses trabalhos se pautou no fato de que o trabalho de Scherre (1988) é considerado um “clássico” sobre o tema, servindo de base para todos os estudos subsequentes; o trabalho de Dias (1993) tem como foco o contraste rural/urbano na variação da concordância nominal de número; e o trabalho de Santos (2010) é o mais recente sobre o assunto e, além disso, adota como *corpus* amostras de fala de um município do Estado de Minas Gerais.

O trabalho de Scherre (1988), intitulado *Reanálise da concordância nominal em português*, busca apresentar, descrever e analisar a variação observada no português brasileiro em relação à concordância de número no sintagma nominal. Para tanto, a autora utiliza como *corpus* uma amostra de dados de fala de 64 informantes, dentre os quais estão incluídos adultos e crianças residentes no município do Rio de Janeiro. A estratificação é feita de acordo com o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização dos informantes. Em sua análise sociolinguística, Scherre investiga, além dos fatores sociais da estratificação, alguns fatores

linguísticos, os quais são analisados de forma atomística – considerando todos os elementos do SN – e não atomística – considerando o SN como um todo. Para a primeira análise, Scherre (1988) elenca os seguintes grupos de fatores: a saliência fônica, a posição linear, a classe gramatical, as marcas precedentes, o contexto fonético/fonológico seguinte, a função sintática do SN e os traços mórficos, semânticos e estilísticos do substantivo e/ou do adjetivo. Para a análise não atomística, a pesquisadora analisa: a configuração sintagmática, a pluralidade do contexto, a função textual do SN, a localização do SN em relação ao verbo ou à oração, o *status* informacional do SN, o grau/formalidade do SN, a pluralidade do SN, a animacidade do SN e a saliência fônica na dimensão processos.

Como resultados gerais, Scherre (1988) constata que exercem influência sobre a concordância as seguintes variáveis linguísticas: a saliência fônica, com as suas dimensões processos e tonicidade; a relação entre os elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN; as marcas precedentes em função da posição; o contexto fonético/fonológico seguinte; a função resumitiva do SN; a formalidade dos substantivos e adjetivos; o grau dos substantivos e adjetivos; e a animacidade dos substantivos.

Mediante os apontamentos de Scherre (1988), traçou-se, no campo investigativo da Sociolinguística Variacionista, um parâmetro de partida para diversos estudos, principalmente no tocante aos fatores linguísticos favorecedores da ausência de concordância nominal de número. Para nós, nesta pesquisa, eles são bastante válidos. Por essa razão, nos deteremos em algumas constatações da autora sobre alguns dos fatores linguísticos considerados como relevantes em sua análise atomística, bem como as ponderações feitas pela pesquisadora em trabalhos posteriores (SCHERRE, 1994, 1996, 1998, 2001; SCHERRE & NARO, 1992, 1998, 2000, 2006), nos quais ganham destaque os seguintes fatores: a saliência fônica; a relação entre os elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN; e as marcas precedentes em função da posição. Dada a sua relevância para esta pesquisa, cada um dos fatores elencados acima serão detalhados.

Ao analisar a saliência fônica, Scherre (1988) agrupa os fatores em cinco níveis, com base em Braga e Scherre (1976): 1) inserção de -s e abertura vocálica ou plural metafônico (*ovo/óvulus*); 2) inserção de -s e mudança silábica (*milhão/milhões*; *imóvel/imóveis*); 3) inserção de -es em palavras terminadas em -r

(*flor/flores*); 4) inserção de -s em palavras de plural regular (*livro/livros*); 5) inserção de -es em palavras que terminam em -s/-z (*rapaz/rapazes*). Além disso, ela divide os princípios da saliência fônica em: (1) processos morfofonológicos de formação do plural; 2) tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares; 3) número de sílabas dos itens lexicais singulares.

Porém, em seus resultados, Scherre (1988) nos mostra que, apesar de alguns aspectos da saliência fônica serem importantes, o principal fator que influencia a presença/ausência da marcação de plural é a saliência fônica [+]/[-] saliente. Sobre isso, a pesquisadora afirma, em trabalho posterior: “a dimensão mais forte da hierarquia [da saliência fônica] pode ser considerada para reduzi-la a apenas dois níveis: [+saliente] para as oposições acentuadas e [-saliente] para as não acentuadas” (NARO & SCHERRE, 1999, p.32).

As demais variáveis (relação entre os elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN; e marcas precedentes em função da posição) são decorrentes de análises inicialmente separadas e conjugadas das variáveis posição linear, classe gramatical e marcas precedentes.

Para examinar as variáveis separadamente, Scherre (1988) adota os seguintes procedimentos em sua análise: i) a variável posição linear é dividida em: primeira posição; segunda posição; terceira posição e quarta e quinta posição do elemento no SN; ii) a classe gramatical é dividida em nove categorias (substantivo, categoria substantivada, pronome pessoal de terceira pessoa, adjetivo, quantificador, possessivo, adjetivo 2, indefinido, artigo e demonstrativo); iii) as marcas precedentes se dividem em cinco fatores: ausência fora do SN e zero na primeira posição; marcas formais imediatamente precedentes (s-; ss-; 0s-; sss-); segmento precedente não flexionável, incluindo todos os numerais, em qualquer posição (n-; sm-; ns-; sn-; n0-; ssm-; nsm-; s0m-; n0m-; ssmm- e s0mm-); s- precedente mas não imediatamente (s0-; s00; ss0-); sintagma preposicional inserido dentro de um SN mais alto com marca semântica de plural (SPrep).

Após as análises separadas, a pesquisadora cruza as variáveis e afirma: a) para posição e classe gramatical: “generalizando, qualquer classe gramatical anteposta ou qualquer classe gramatical posposta ao núcleo do SN apresenta, respectivamente, mais ou menos chances de conter marcas formais de plural” (SCHERRE, 1988, p. 220); b) para posição e marcas precedentes: “o efeito das marcas precedentes é absolutamente regular para qualquer classe gramatical que

ocupa as referidas posições, ou seja, marca formal precedente favorece o aparecimento de marca formal no segmento seguinte; forma zero precedente favorece o aparecimento de zero no segmento seguinte” (SCHERRE, 1988, p.184).

Portanto, diante dessas constatações, destacamos que os grupos de fatores linguísticos utilizados no presente estudo se estabelecem em função dos resultados do trabalho de Scherre(1988), reiterados em trabalhos posteriores.

Para nortear, ou ainda, justificar nossa análise sobre as variáveis sociais que influenciam na variação da concordância de número no sintagma nominal, tomamos como base o trabalho de Dias (1993).

Dias (1993), orientada por Scherre, em sua dissertação de Mestrado, busca situar o fenômeno em relação à variação diatópica, ou seja, num contraste entre moradores da zona rural e da zona urbana, ampliando, assim, a perspectiva sobre a variação na concordância nominal de número no português brasileiro. O *corpus* utilizado pela pesquisadora é constituído por dados de 20 falantes brasilienses com quatro anos de escolarização, sendo que dez residem na área urbana, e os outros dez na área rural de Brasília- DF. Em seus resultados, Dias (1993) constata que a procedência dos falantes (rural/urbana) é o fator social por excelência, ou seja, o de maior relevância para a variação, sendo o fator zona rural o favorecedor da ausência de concordância.

A outra pesquisa por nós destacada é a empreendida por Santos (2010), cujo foco é a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo-MG, município localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Nessa pesquisa, encontramos uma análise já pautada nos resultados de pesquisas anteriores (BRAGA & SCHERRE, 1976; POPLACK,1980; GUY, 1981; SCHERRE, 1978, 1988; FERNANDES, 1996; CARVALHO, 1997; ANDRADE, 2003, entre outros), uma vez que Santos (2010) busca situá-los e compará-los com a situação de variação linguística encontrada na comunidade de fala pesquisada.

Em seu trabalho, Santos (2010) constitui um *corpus* a partir de 27 entrevistas sociolinguísticas em que os falantes são estratificados em função do grupo social (classes alta, média e baixa), da faixa etária (jovem, de 17 a 23 anos; adulto, de 40 a 47 anos; idoso, acima de 60 anos) e da escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior).

Os fatores investigados pela pesquisadora são de ordem linguística e extralinguística. Dentre os primeiros, Santos (2010), com base em Scherre (1988),

divide o SN em “elemento nuclear” e “elemento não nuclear” e, a partir deles, analisa a posição e a classe gramatical dos itens com e sem flexão de plural. Os fatores extralinguísticos são sexo, faixa etária, escolaridade e grupo social. Após a análise dos dados, a autora verifica que a ausência da concordância nominal de número ocorre em 52% dos dados e que a variação do fenômeno se configura como estável na comunidade investigada. Diante disso, afirma o seguinte:

[...] com relação às variáveis linguísticas, pelos dados analisados e pelas comparações estabelecidas com outras pesquisas, percebemos que não há apenas uma tendência forte em direção a garantir a informação de plural no primeiro elemento do SN, como também uma redução significativa das flexões nominais nos demais elementos. (SANTOS, 2010, p. 99)

Em relação aos aspectos sociais, a pesquisa em Pedro Leopoldo-MG evidencia que o sexo masculino tende a realizar mais a ausência de concordância do que o sexo feminino; o aumento da escolaridade desfavorece a ausência de concordância, sendo que, no nível superior, os adultos e os idosos realizam mais concordância do que os jovens; enquanto, no nível médio e no Ensino Fundamental, todas as faixas etárias apresentam preferência pela não concordância. O fator grupo social revela que o grupo de nível baixo utiliza menos concordância em relação aos demais, e, ainda, o grupo de nível alto apresenta mais ausência de concordância do que o grupo médio.

O trabalho de Santos (2010) contribui, portanto, para a representação da variação da concordância nominal de número em Minas Gerais, principalmente porque revela que, na fala dos moradores da zona urbana (de modo atrelado a outros fatores sociais), também há sobrepujança da ausência de concordância em relação à sua presença.

2.1.2. A concordância verbal

Os estudos sobre a concordância verbal no âmbito da Sociolinguística Variacionista são desenvolvidos no Brasil desde a década de 1980, assim como os da concordância nominal. O primeiro trabalho sobre o tema foi o de Lemle & Naro (1977). Posteriormente, diversos estudos foram realizados, dentre os quais destacamos: Naro (1981), Nicolau (1984), Bortoni-Ricardo (1985), Rodrigues (1987),

Graciosa (1991), Scherre e Naro (1992, 1993, 1998, 2000, 2006), Naro e Scherre (1991, 1993, 1999, 2007), Vieira (1995), Anjos (1999), Monguilhot (2001), Lopes (2001), Vogt Barden (2004), Monte (2007), Gonçalves (2007), Faria (2008), entre outros.

Como se pode observar, o interesse pelo fenômeno da variação na concordância verbal no português brasileiro é bastante grande, já que instiga pesquisas há mais de trinta anos. Contudo, apesar da expressividade numérica de estudos já desenvolvidos, não é possível dar o assunto por encerrado, visto que cada cenário de investigação apresenta um panorama específico de variação.

Dessa diversidade, selecionamos alguns trabalhos para nortear, embasar e dialogar com a presente pesquisa. Para tanto, escolhemos o de Lemle e Naro (1977), por ser o pioneiro; o de Naro (1981) – bem como os seus trabalhos subsequentes –, por nos apontar fatores linguísticos e sociais importantes para análise da concordância verbal; o de Bortoni-Ricardo (1985), por realizar um entrecruzamento da variação com as redes sociais dos informantes; e o de Gonçalves (2007), por ter sido realizado em uma comunidade linguística, situada em Minas Gerais, que, além de se assemelhar à comunidade que nós investigamos, busca analisar a variação em função do contraste/*continuum* rural/urbano.

O trabalho de Lemle e Naro (1977) investiga a variação da concordância verbal na fala de 20 adultos semiescolarizados, moradores da área urbana do Rio de Janeiro. A análise, de cunho sociolinguístico, se baseia nos seguintes fatores para a aplicação ou não aplicação da regra de concordância: i) a classe morfológica da forma verbal; ii) a posição do sujeito; iii) o sexo e; iv) a idade.

Em seus resultados, os pesquisadores verificam que, em relação ao primeiro fator, quanto menor for a saliência fônica da oposição singular/plural da forma verbal (*fala/falam; falava/falavam; come/comem* etc.), mais frequente é a ausência de concordância; em contrapartida, quando há maior saliência fônica na oposição singular/plural (*disse/disseram; fez/fizeram; é/são* etc.), maior é a ocorrência de concordância. O segundo fator (posição do sujeito) também se mostra relevante, tendo em vista que os verbos com sujeito anteposto apresentam mais marcação da concordância do que aqueles com sujeito posposto. Os fatores sociais (sexo e idade) revelam que a aplicação da regra da concordância é mais produtiva no sexo feminino e nas pessoas de faixa etária mais elevada. Além disso, os pesquisadores

apontam que a classe menos favorecida socioeconomicamente é a que mais apresenta ausência de concordância.

O trabalho de 1977 é ampliado por Naro em 1981, procurando estabelecer uma hipótese geral sobre o fenômeno da variação da concordância de número numa linha de mudança sintática. Sobre isso, Naro (1981) verifica que a concordância de número no português brasileiro, especificamente a verbal, caminha em duas direções opostas: uma em direção a um sistema sem marcas, e outra em direção a um sistema com marcas. Ainda sobre a questão, o autor considera que a variação na concordância verbal de número no português brasileiro se configura como um processo lento de mudança linguística, caminhando em direção a um sistema sem marcas, ou seja, de ausência de concordância¹³.

Em sua análise, Naro (1981) reitera as constatações de Lemle e Naro (1977) no que se refere à saliência fônica e acrescenta a relevância da distância entre o verbo/sujeito na aplicação ou não da regra de concordância, ou seja, quanto maior a distância entre o núcleo do sujeito e o verbo, maior a probabilidade de ausência da regra de concordância verbal.

No que tange ao sexo, origem e faixa etária dos informantes, a análise quantitativa realizada por Naro (1981) não os aponta como significativos. Apesar disso, o pesquisador averigua que o grupo de falantes que acompanha novelas apresenta maior frequência de concordância do que aqueles que não acompanham. Tal fato evidencia a influência da mídia no comportamento linguístico dos falantes.

Em trabalhos posteriores, Naro enfatiza a relevância da saliência na relação sujeito/verbo para a aplicação ou não da regra de concordância verbal. Em um dos seus estudos (NARO & SCHERRE, 1999), o pesquisador destaca que a saliência pode ser evidenciada em três dimensões, organizando, assim, as constatações das pesquisas anteriores em uma única categoria: “o princípio da saliência”. Tais dimensões são: i) a posição e distância do sujeito em relação ao verbo; ii) a

¹³ Cabe destacar que a visão de Naro (1981) sobre a variante conservadora/inovadora não é equivalente à adotada por nós neste trabalho. Para ele, a ausência de concordância é a variante inovadora, com o argumento de que o português do Brasil é descendente de alguma outra variedade anterior do português que tinha as regras de concordância categóricas e obrigatórias (cf. ESPÍNOLA & HORA, 2004, p. 223). Apesar de a perspectiva de Naro (1981) ser direcionada a outros momentos históricos do português, não a vemos como divergente da nossa concepção. Trata-se, apenas, de um diferente ponto de partida: ele partiu de estágios do português (europeu/brasileiro), e nós partimos de estágios dentro do português brasileiro (rural/urbano).

oposição fônica entre as formas singular e plural do verbo; e iii) o traço humano do sujeito ou do SPrep.

Em síntese, a dimensão de saliência que se constitui pela distância entre o sujeito e o verbo correspondente se verifica do seguinte modo: “quando o sujeito se encontra separado do verbo por outros elementos linguísticos que possam mascarar, ou pelo menos tornar menos evidente, a relação entre o sujeito e o verbo, torna-se mais frequente a presença de formas não marcadas do verbo.” (NARO & SCHERRE, 1999, p. 30). Para mensurar essa distância, utiliza-se de categorias como a quantidade de sílabas que há entre o verbo e o sujeito ou, ainda, a posição do sujeito (anteposto ou posposto ao verbo).

A dimensão da oposição fônica entre as formas singular e plural do verbo se assemelha àquela evidenciada por Scherre (1988) em relação à concordância nominal, apresentada na seção anterior. Ou seja, quanto maior a saliência, maior ocorrência de marcação de plural; e, quanto menor a saliência fônica da oposição singular/plural, maior ocorrência de não concordância. Nesse sentido, mensura-se essa dimensão da saliência fônica através dos traços [+saliência] ou [-saliência].

A saliência apontada através do traço humano do núcleo do sujeito ou do núcleo do SPrep revela que “a forma plural é mais usada em construções do tipo as mães hoje em dia num liqam pros filhos, com sujeito de um só núcleo [+humano], do que em construções do tipo essas troca de experiência vai crescendo, né?, com sujeito [-humano]” (NARO & SCHERRE, 1999, p.32).

Seja qual for a forma de manifestação da saliência, “o princípio é sempre o mesmo: mais saliência da relação sujeito/verbo se correlaciona com mais uso da concordância” (NARO & SCHERRE, 1999, p.36).

Também parece ser sempre o mesmo o princípio do paralelismo linguístico, isto é, o de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (POPLACK, 1980; NARO & SCHERRE, 1991, 1993; SCHERRE, 1988, 1994, 1998). Seja através do nível discursivo ou oracional, a evidência é a mesma: o traço morfológico de número nos últimos elementos do sujeito plural é um dos fatores responsáveis pela variação na concordância verbal. Se há a marca de plural explícita, há concordância; se a marca é 0 (zero), não há concordância verbal (SCHERRE & NARO, 1993, p. 4-8).

Outras evidências bastante corroboradas nas pesquisas sobre a variação na concordância verbal são observadas em relação aos fatores sociais. Nesse sentido, as influências da mídia, da escolarização, da inserção no mercado de trabalho e do

nível socioeconômico sinalizam, como um somatório de fatores, que a variação não é aleatória. Além disso (ou por isso), a marcação da concordância decorre de uma tentativa de busca de prestígio social, já que a ausência de concordância de número no Brasil é fortemente estigmatizada. O sexo e a faixa etária dos falantes tendem a se apresentar de modo análogo a todas as pesquisas sociolinguísticas: os jovens e as mulheres utilizam mais a variante de prestígio do que os mais idosos e os homens.

Somadas a esses fatores sociais, a mobilidade geográfica dos falantes e as suas relações sociais também podem ser consideradas como influentes na variação nos usos de concordância verbal. É o que constata Bortoni-Ricardo (1985) em seu estudo sociolinguístico de migração e redes sociais, desenvolvido com 33 falantes migrantes de áreas rurais de Minas Gerais e residentes em Brazlândia, cidade satélite de Brasília-DF. Através de sua amostra, coletada com base no paradigma de redes sociais, a pesquisadora investiga três variáveis linguísticas: a vocalização da palatal /λ/, a redução dos ditongos crescentes finais e a concordância verbal na 3.^a pessoa e na 1.^a pessoa do plural.

O estudo de Bortoni-Ricardo (1985) sobre a variação na concordância verbal leva em conta os fatores sociais sexo, idade e exposição à mídia e os fatores linguísticos relacionados à classe morfológica do verbo e à posição do sujeito, com base no trabalho de Naro (1981).

Dos resultados encontrados por ela, destacamos que:

[...] podemos concluir com confiança que, à medida que os migrantes rurais se envolvem mais com a cultura dominante, tendem a exibir melhor controle da regra da concordância. Tal processo gradual de recuperação das desinências verbais é condicionado por uma escala de saliência [...]. (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985], p.234)

Portanto, a partir do acesso/contato com a variante padrão, prestigiada, o falante tende a efetuar mais a concordância. Porém, ainda assim, o grau de saliência fônica da oposição singular/plural é o que mais influencia nesse processo, já que, quando a saliência fônica é menor, prevalece a ausência de concordância.

A pesquisa de Bortoni-Ricardo (1985) também nos permite afirmar que falantes nativos e residentes em comunidades rurais efetuam menos concordância do que aqueles que moram em áreas urbanas.

Nessa direção, Gonçalves (2007) busca, em sua pesquisa sobre a variação na concordância verbal de terceira pessoa no município de Braúnas, no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, analisar o fenômeno em função da procedência geográfica (rural/urbana) dos informantes e constata que a ausência de concordância verbal é predominante, tanto na zona urbana (58%) quanto rural (74%), ainda que seja mais produtiva na zona rural. A pesquisadora justifica esse resultado, apontando que:

[...] como grande parte da população que forma a comunidade braunense é originária da área rural (migrante para a área urbana), ou tem parentes que moram ou já moraram no campo, é forte o vínculo dos braunenses com a vida rural. (GONÇALVES, 2007, p. 66)

Tendo isso em vista, ratificamos que a ausência de concordância na zona urbana de pequenos municípios pode ser explicada pelos vínculos entre os falantes ou, em outras palavras, pela característica de suas redes sociais. Assim, apesar de Gonçalves (2007) não ter realizado uma análise voltada para esses vínculos, observamos que seu trabalho sinaliza, na conclusão, a importância de se buscarem outras perspectivas de análise para o fenômeno. A autora afirma o seguinte:

[...] acreditamos, então, que cabe ao pesquisador investigar outras possíveis influências que, normalmente, não têm sido controladas nos estudos variacionistas, ou seja, atentar para questões tais como as abaixo, relativas aos falantes da comunidade pesquisada:

- a. A origem do falante permite o contato efetivo com os meios de comunicação?
- b. Os falantes/informantes participam das mesmas atividades sócio-culturais?
- c. Que tipo de música os informantes ouvem?
- d. Quantos têm contato com pessoas mais escolarizadas ou de outras regiões mais urbanizadas?
- e. Quantos leem livros, jornais, revistas etc.? (GONÇALVES, 2007, p.103-104)

Nesse sentido, Gonçalves (2007) aponta a importância de pesquisas futuras que se voltem para uma análise mais detalhada da influência individual sobre o fenômeno, sinalizando, portanto, um caminho para a nossa pesquisa.

2.2. Conclusões

Neste capítulo, tratamos de algumas abordagens sobre o fenômeno da concordância de número no português brasileiro para que pudéssemos situar nossa

investigação dentro de um vasto universo de pesquisas já realizadas sobre o tema. Para tanto, apresentamos como a variação na concordância de número ocorre no português brasileiro e, posteriormente, elencamos algumas pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas com foco na análise da variação da concordância nominal e da concordância verbal. Nessa etapa, procuramos destacar fatores linguísticos e sociais que se revelaram importantes em trabalhos anteriores e que, portanto, embasaram e nortearam nossa análise, tanto quantitativa quanto qualitativa.

Assim, em relação à concordância nominal, temos a contribuição de Scherre (1988) para o levantamento dos fatores linguísticos pertinentes para a análise do fenômeno da variação da concordância de número no sintagma nominal, bem como o suporte de Dias (1993) em relação aos fatores sociais, especificamente no que se refere à relevância da zona rural como fator para a ausência de concordância. Somado a esses dois, temos o trabalho de Santos (2010) como um dos mais recentes sobre o tema, o que nos possibilita utilizá-lo como um ponto de partida em nossa pesquisa, tanto no que tange aos fatores linguísticos como aos extralinguísticos. Todos esses trabalhos – bem como os aqui não retratados –, contribuem, cada qual a seu modo, para nossa investigação sobre o conservadorismo linguístico na fala dos moradores de Oliveira Fortes-MG.

Em relação à concordância verbal, encontramos, em Naro (1981) e em seus trabalhos subsequentes, os fatores linguísticos e sociais para a análise da variação da concordância de número no sintagma verbal. Em Bortoni-Ricardo (2011, 1985), percebemos a importância de investigar a relação da variação com as redes sociais e a mobilidade dos indivíduos, o que muito nos servirá na análise qualitativa dos nossos dados. De igual modo, a pesquisa de Gonçalves (2007) nos permitiu levantar algumas hipóteses sobre a comunidade pesquisada, principalmente em relação aos espaços rurais e urbanos.

Como um todo, os trabalhos sobre o fenômeno da variação na concordância de número no português brasileiro demonstram que há tendências linguísticas e/ou sociais para a atuação das variantes. Essas tendências, portanto, serviram como critérios para nossas análises e se encontram sistematizadas no Capítulo III, mais precisamente na seção 3.4.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As escolhas metodológicas adotadas nesta pesquisa foram pautadas nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, tendo em vista que nosso foco de investigação foi a variação linguística observada em uma comunidade de fala em relação à concordância nominal e verbal. Nesse sentido, o rigor metodológico da Sociolinguística Variacionista foi seguido desde o início da coleta de dados até o momento de análise. Após a seleção da comunidade a ser pesquisada¹⁴, organizamos os critérios de escolha dos informantes e as estratégias para a obtenção do *corpus*. Após a coleta, os dados foram preparados para serem analisados. O processo de tratamento dos dados considerou aspectos relevantes para a análise quantitativa, os quais, posteriormente, possibilitaram a análise qualitativa.

Todas essas etapas serão detalhadas nas próximas seções, seguindo a ordem em que foram efetivadas.

3.1. Caracterização da comunidade pesquisada

O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi obtido através de informantes nascidos e residentes no município de Oliveira Fortes-MG. Conforme já apresentamos, desde a introdução deste trabalho, Oliveira Fortes-MG apresenta uma configuração peculiar em comparação a outros municípios brasileiros, a qual aguça a investigação. A caracterização da comunidade pesquisada, incluindo seus aspectos geográficos, históricos, demográficos e socioeconômicos, será apresentada a seguir.

¹⁴ Salientamos que a escolha da comunidade se deu mediante o fato de a pesquisadora ser nativa do local e perceber, empiricamente, a prevalência de ocorrências com ausência de concordância de número na fala dos moradores de Oliveira Fortes-MG.

3.1.1. Aspectos geográficos

A comunidade escolhida para a pesquisa foi Oliveira Fortes, uma pequena cidade de Minas Gerais. A localidade, apesar de ser considerada, em termos de legislação, um município, conserva características de um vilarejo tranquilo e calmo. Há poucas casas, alguns estabelecimentos comerciais, a Prefeitura Municipal, a Câmara Municipal e poucos oliveira-fortenses. Em sua pequena praça, as crianças brincam e os mais velhos se encontram no coreto para ver a vida passar. A imagem do centro da cidade encontra-se representado na figura a seguir:

Figura 3 - Oliveira Fortes-MG (vista aérea do centro da cidade)

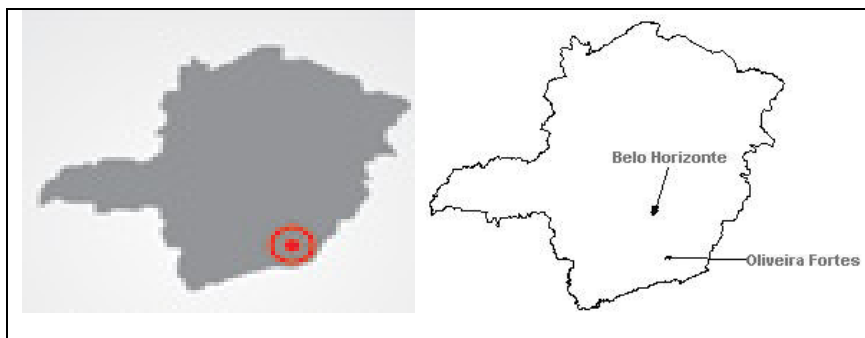


Fonte: Site da Prefeitura Municipal

Em termos geográficos, o município de Oliveira Fortes está situado na mesorregião da Zona da Mata de Minas Gerais e na microrregião de Juiz de Fora, ocupando uma área de 111 km², a qual se limita com os municípios Aracitaba, Barbacena, Paiva, Santos Dumont e Santa Bárbara do Tugúrio. As principais estradas de acesso são a Rodovia BR-040 e MG-452¹⁵. Oliveira Fortes está localizada a 75 km de Juiz de Fora, 23 km de Santos Dumont, 64 km de Barbacena e 236 km de Belo Horizonte, capital do Estado, conforme pode ser visto no mapa a seguir:

¹⁵ O trecho da MG-452 entre a cidade de Oliveira Fortes-MG e a BR-040 foi pavimentado em 2000. Antes, o acesso à cidade era precário, com estrada de terra batida.



Figura 4 - Localização de Oliveira Fortes em Minas Gerais e em relação à capital mineira

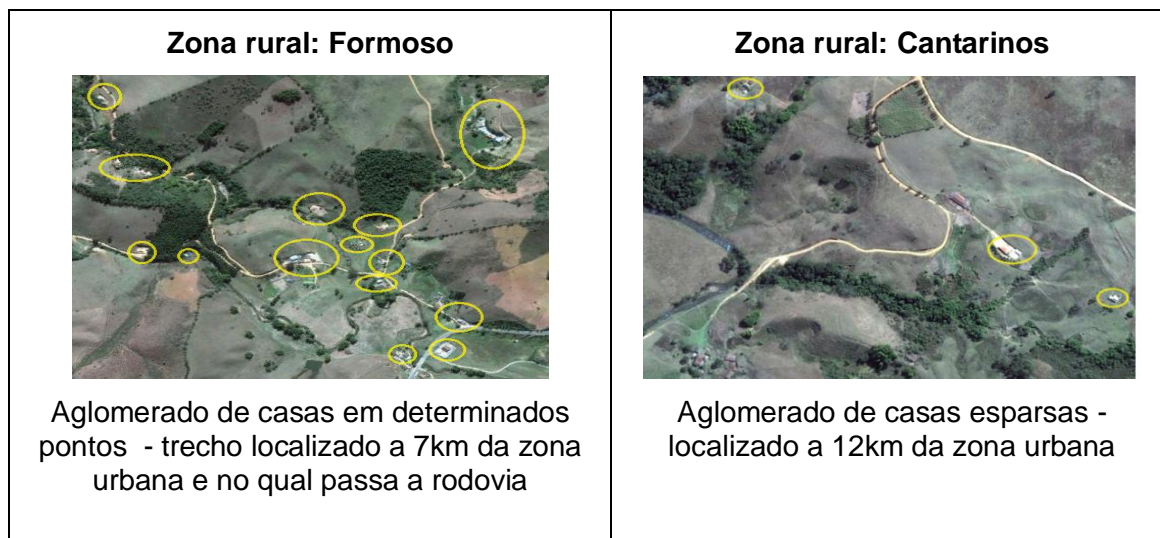


Em sua região interna, a cidade possui uma divisão territorial bastante definida em termos de rural/urbano. A zona urbana é composta pelo centro e pelos bairros Patrimônio e Vila São José. A zona rural é dividida em comunidades, sendo que algumas apresentam maior concentração de moradores – Campestre e Formoso –, enquanto em outras residem apenas algumas famílias – São Lourenço, Buracão, Araras, Cantarinos (ou Usina) e Boa Vista. Cabe destacar que as comunidades rurais que possuem mais habitantes são aquelas que se aproximam da estrada (rodovia), permitindo uma maior mobilidade dos moradores, ou seja, um melhor acesso à cidade.

O quadro abaixo apresenta imagens – vistas aéreas obtidas através do programa *Google Earth* – dos diferentes tipos de aglomerados da população oliveira-fortense:

Quadro 2 - Demonstração dos aglomerados da população oliveira-fortense (vista aérea)

Zona urbana	Zona rural: São Lourenço
	
<p>Aglomerado de residências - área que totaliza 19h/km²</p>	<p>Aglomerado de casas em função das famílias - localizado a 6km da rodovia e a 9km da zona urbana</p>



Em relação à caracterização geográfica do município, destacamos que a localidade, apesar de apresentar a divisão geográfica entre os espaços rurais e urbanos, não atende, efetivamente, às características de urbanização. Com a sua população somando um pouco mais de dois mil habitantes, Oliveira Fortes-MG, que até 1953 era considerada um distrito de Barbacena, foi elevada à categoria de município por uma motivação histórica e política do governo brasileiro, o qual, através de uma legislação (lei nº 1039, de 12 de dezembro de 1953), emancipou várias localidades, mesmo que não desempenhassem funções urbanas. Como destaca Marques (2002, p. 97):

[...] no Brasil, adota-se o critério político-administrativo e considera-se urbana toda sede de município (cidade) e de distrito (vila). Segundo o IBGE, é considerada área urbanizada toda área de vila ou de cidade, legalmente definida como urbana e caracterizada por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; as áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano, e aquelas reservadas à expansão urbana (1999). Conforme salienta Gabões (2001), não é feita qualquer referência às *funções* peculiares dos diferentes aglomerados que constituem um fator fundamental na diferenciação entre o espaço rural e o espaço urbano. Nessa classificação, o espaço rural corresponde a aquilo que não é urbano, sendo definido a partir de carências e não de suas próprias características. Além disso, o rural, assim como o urbano, é definido pelo arbítrio dos poderes municipais, o que, muitas vezes, é influenciado por seus interesses fiscais.

Portanto, salientamos que a área geográfica do município de Oliveira Fortes-MG considerada oficialmente como zona urbana é “pretensamente urbana”, de tal modo que se define em decorrência da presença de alguns elementos que são ausentes na zona rural, tais como o maior índice de densidade demográfica (hab/km²).

3. 1.2. Aspectos históricos

A única documentação sobre a história de Oliveira Fortes-MG disponível é uma pesquisa realizada pelo Instituto Paulo Freire (IPF/JF), em 1996, com o objetivo de elaborar a Carta Escolar. Os pesquisadores do Instituto buscaram fazer um levantamento sobre as origens de Oliveira Fortes-MG e, conforme eles mesmos destacaram, foi “uma espécie de garimpagem (...) e não teve a intenção de ser a verdade absoluta sobre seu passado, mesmo porque as fontes de informação estão baseadas em registros precários.” (CARTA ESCOLAR, 1996, p.17).

De acordo com esse documento, as origens de Oliveira Fortes-MG remontam aos tempos imperiais. Em meio à mata, situando-se nas chamadas “áreas proibidas”, acredita-se que os primitivos da região eram os índios Goitacases, também denominados como “Croatas”, “Caiapós” e “Pombas”.

De forma entrelaçada com a história da formação de Minas Gerais, considera-se que o surgimento da comunidade tem relação com a abertura do Caminho Novo, por volta de 1703, estreitando a ligação entre o Rio de Janeiro e a região mineradora. Através dessa nova rota, surgiram, às suas margens, postos oficiais de registro e fiscalização do ouro, o que permitiu o estabelecimento dos dois primeiros povoados da Zona da Mata Mineira, representados atualmente pelas cidades de Barbacena e Matias Barbosa, conforme destaca Cunha Lacerda (2009, p. 22). A partir deles, no curso da história, a ocupação foi se intensificando rumo ao interior, principalmente após o fim da era mineradora e o desenvolvimento das práticas agrícolas. Nesse período, a região da Mata favoreceu o surgimento das propriedades agrárias, com a colonização e o solo propício para a exploração do café.

Especificamente em Oliveira Fortes-MG, o que se tem registrado é que, no período imperial, as famílias de Afonso Costa Viana, Antonio Carvalho Campos e Francisco José de Oliveira Fortes fixaram-se na região, desenvolvendo o povoado em torno da capela Santana do Livramento (figura 05). Naquele tempo, as atividades eram centradas na agricultura e na pecuária, e os trabalhadores eram formados por escravos vindos da África e por outros nativos.

Figura 5 - Igreja Santana do Livramento



Em 1831, Oliveira Fortes-MG já aparecia no censo como “distrito da capela do Livramento”, pertencente à comarca de Sabará. A população, à época, era de 1.366 moradores, dentre os quais 233 eram cativos.

Oliveira Fortes-MG – também denominada “Livramento” e “Santana do Livramento”, em alguns períodos da história – foi distrito de Pomba (1941) e de Barbacena (a partir de 1846). Apenas em 31 de dezembro de 1943, pelo decreto-lei estadual nº 1058, o distrito passou a se denominar Oliveira Fortes, em homenagem ao capitão Francisco José de Oliveira Fortes, um dos desbravadores e pioneiros da localidade. O distrito foi elevado à categoria de município em 12 de dezembro de 1953, através da lei estadual nº 1039, se desmembrando, assim, de Barbacena.

Dentre seus patrimônios históricos mais relevantes, estão a usina “Companhia Força e Luz” e a estação ferroviária. A usina foi inaugurada em 1927 e fornecia energia para as cidades de Oliveira Fortes, Paiva e Aracitaba. Ela foi desativada em 1981, após a chegada da energia elétrica da CEMIG. Atualmente, é um ponto turístico da cidade.

A estação ferroviária, por sua vez, funcionou durante o período de 1911 a 1969. O ramal de Mercês, também chamado de Ramal de Piranga, ligava Oliveira Fortes a Palmyra (Santos Dumont). Os resquícios daquele tempo hoje se mostram na Estação do centro da cidade, como sede da agência dos Correios, conforme pode ser visto na imagem a seguir:

Figura 6 - “Piranguinha” e Estação Ferroviária da cidade de Oliveira Fortes-MG (1911-1969), atualmente sede da agência dos Correios



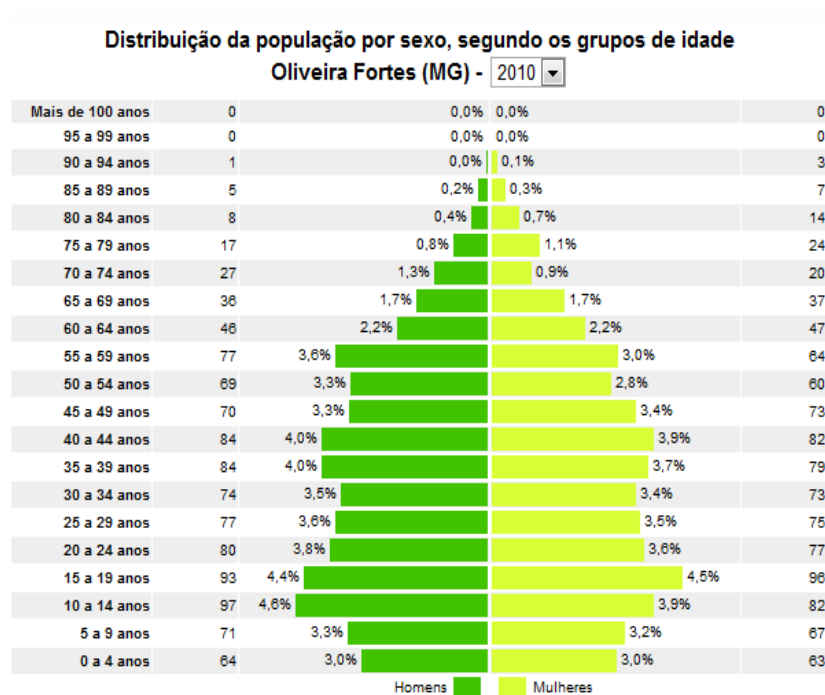
O que se sabe sobre a história de Oliveira Fortes-MG é, infelizmente, pouco. Há apenas fragmentos de fatos e limitação a dados políticos. Da história que interessa especificamente para a presente pesquisa, muito se perdeu ou pouco se registrou. Informações sobre os povos que ali se fixaram, suas origens e descendências são desconhecidas. Não se sabe quais eram as etnias dos escravos nem dos “livres”. De acordo com os relatos dos moradores mais antigos e com base nos nomes das famílias, sabe-se que residiram ali, em algum momento, portugueses, italianos e turcos; e, por causa do nome do principal rio do município, Cambuta, suspeita-se que havia escravos de origem quimbundo/banto.

3.1.3 Aspectos demográficos

O município de Oliveira Fortes-MG possui 2.123 habitantes, de acordo com o último censo demográfico (IBGE/2010). Trata-se, portanto, de uma população pequena, se comparada a outros municípios mineiros.

Em relação à faixa etária, os moradores de Oliveira Fortes-MG apresentam as seguintes características: 21% têm até 14 anos; 16,3% têm entre 15 a 25 anos; 36,4% estão na faixa de 26 a 49 anos e 26,3% possuem mais de 50 anos. A distribuição entre faixa etária e sexo pode ser visualizada na figura a seguir, com informações fornecidas pelo IBGE.

Figura 7 - Distribuição da população por sexo/idade. Fonte: IBGE–2010



Outro fator peculiar do município é a divisão populacional no espaço rural/urbano. São 1117 moradores da zona urbana (56,42%) e 943 moradores da zona rural (43,58%). Como se vê, a distribuição é quase equânime.

Em contrapartida, o número de domicílios da zona rural é bem reduzido em comparação aos da zona urbana. Segundo o relatório produzido pelo Centro de Pesquisas Sociais da UFJF em 2010 (doravante CPS), 35,02% dos domicílios estão localizados na área rural, e 64,98% na área urbana. Além disso, há que se considerar, dentre esses números, que há famílias na zona rural que possuem propriedade na zona urbana (7,6%), e há famílias urbanas com imóvel na zona rural (33,6%). No que tange à residência, apenas 29% dos habitantes de Oliveira Fortes-MG nunca residiram na zona rural (CPS, 2010).

Diante disso, observa-se que há uma relação rural-urbano muito intensa. A mobilidade geográfica dos oliveira-fortenses está concentrada dentro dos limites do próprio município, através do deslocamento rural-urbano.

Os moradores que migraram da zona rural para a zona urbana afirmam que a principal razão de se mudarem para a “cidade” – como costumam chamar a zona urbana – foi a facilidade de acesso a recursos como saúde e escola. Segundo eles, a vida na cidade é melhor porque, além dos recursos, há o conforto e a tranquilidade da vida na “roça”.

Cabe destacar que a população oliveira–fortense é, majoritariamente, nativa no município. Ou seja, 54,45% das famílias sempre moraram na cidade, e apenas 16% residem em Oliveira Fortes-MG há menos de 10 anos.

3.1.4 Aspectos socioeconômicos

O perfil demográfico de Oliveira Fortes-MG se reflete nos seus aspectos socioeconômicos, dentre os quais destacamos a escolarização, a renda e a situação de trabalho dos moradores.

Em relação à escolarização, os habitantes do município possuem baixo nível de escolaridade, sendo que quase 15% são analfabetos ou sabem apenas assinar o nome. O Ensino Médio só foi completado por 16,55%, e, destes, apenas 5% ingressaram em curso superior. Entrelaçada aos anos de estudo está a idade dos moradores. Aqueles que estão em idade regular de escolaridade – 6 a 17 anos – estão estudando. Já os mais velhos – com mais de 50 anos – já abandonaram os estudos, sendo que a maioria deles tem, no máximo, o 5º ano do Ensino Fundamental. A faixa intermediária – 18 a 49 anos – apresenta uma maior concentração de pessoas com Ensino Fundamental completo e Ensino Médio. O que se observa, como um fenômeno geral, é que, quanto maior idade, menor a escolaridade.

O fator escolaridade, assim, reflete-se diretamente nas oportunidades de trabalho dos moradores. A maior parte daqueles que estão ativos no mercado de trabalho exercem atividades que exigem pouca escolaridade, tais como o trabalho rural (37%), a carpintaria (7,23%), os serviços gerais (6,95%) e atuação como motorista (5,56%) e pedreiro (5,29%). Do total de trabalhadores, menos de 12% são registrados, e 15% trabalham em outras cidades, predominantemente em Santos Dumont-MG e Juiz de Fora-MG. Aqueles que possuem curso superior são funcionários públicos e atuam, principalmente, nas áreas de saúde, educação, assistência social e administração (CPS, 2010, p. 22-23).

As ocupações dos trabalhadores estão diretamente ligadas à característica do município, cuja vocação é rural e de prestação de serviços à comunidade, sob mediação da prefeitura. Com poucas chances de trabalho, seja por falta de oferta ou

por falta de capacitação, o nível de renda diminui. De acordo com os dados do CPS, a renda média familiar é de R\$650,00 (CPS, 2010, p. 25).

Observa-se que o município, em função dos aspectos já apresentados, é pequeno diante das dimensões de Minas Gerais e do Brasil, tanto no nível populacional quanto no nível econômico. Contudo, no nível social, Oliveira Fortes-MG é destaque nacional. Em 2009, a cidade conquistou o primeiro lugar no quesito social do Índice de Responsabilidade Fiscal, Social e de Gestão (IRFS) – uma pesquisa da Confederação Nacional dos Municípios (CNM) – com destaque para as áreas de educação e saúde.

Com educação de qualidade, assistência social, saúde e, ainda, segurança, o município tem conservado sua essência pacata. Segundo a fala do morador mais antigo da cidade, “ninguém rouba ninguém, as portas podem ficar sem trinco, os índices de mortalidade são baixos e o que nós precisamos a Prefeitura nos oferece¹⁶”.

A partir das características acima expostas sobre o município de Oliveira Fortes-MG, seguiremos para o esclarecimento dos critérios para a seleção dos informantes para a composição da amostra.

3.2. Seleção dos informantes

De acordo com Mollica e Braga (2003, p. 119-120), os critérios para a escolha dos informantes que devem ser levados em consideração são: homogeneidade da população, número de variáveis pesquisadas, método, orçamento e outras condições materiais.

No que tange ao primeiro critério – a homogeneidade da população –, seguimos, em nosso universo de pesquisa, a divisão demográfica da localidade pesquisada. O município de Oliveira Fortes-MG possui 2123 habitantes, sendo que 1177 estão na zona urbana e 946 na área rural (IBGE, 2010). Como se vê, a distribuição da população é bem próxima entre as duas áreas e, diante disso,

¹⁶ Trecho retirado de um depoimento publicado no Jornal Ter Notícias, de 26/06/2011, numa edição especial sobre o município.

dividimos nossa amostra em 50% de falantes residentes na zona urbana e 50% de falantes residentes na zona rural.

A partir dessa primeira divisão, definida em termos do limite geográfico, julgamos relevante considerar as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade dos falantes, as quais têm sido utilizadas nos mais diversos estudos pautados na Sociolinguística Variacionista, conforme apresentado no Capítulo I. Assim, dividimos nossa amostragem a partir do sexo masculino e feminino e, posteriormente, em três faixas etárias, sendo que a primeira faixa (FAIXA 1) corresponde a informantes de 15 a 25 anos; a segunda faixa (FAIXA 2) inclui falantes de 26 a 59 anos; e a terceira faixa (FAIXA 3) inclui falantes com 60 anos ou mais, seguindo as divisões etárias que classificam, gradativamente, jovens em fase escolar ou em fase de inserção no mercado de trabalho, adultos maduros e idosos (SILVA & SCHERRE, 1998)¹⁷. O terceiro critério adotado foi o nível de escolaridade, com o intuito de averiguar se haveria diferença entre aqueles que não tiveram a possibilidade de terem acesso à escolarização ou tiveram de forma precária (analfabetos ou semiescolarizados) e aqueles que vivenciaram as práticas escolares (escolarizados)¹⁸.

O próximo passo necessário foi a definição da quantidade de informantes para cada fator. A esse respeito, Tarallo (2002) nos orienta que o tamanho da amostra dependerá da natureza linguística da variável a ser estudada. Nesse sentido, como nosso objetivo é descrever, da forma mais abrangente possível, a variação encontrada no uso da concordância nominal e verbal, partimos do princípio de que o *corpus* precisava ter um tamanho considerável para garantir a representatividade da amostra.

Essa representatividade se dá, nas pesquisas sociolinguísticas de natureza quantitativa (LABOV, 1981), a partir de, no mínimo, cinco informantes para cada célula. Porém, como há que se considerar o orçamento e os recursos materiais

¹⁷ Destacamos que fizemos um adaptação das faixas etárias propostas em Silva e Scherre (1998), de modo a atualizá-las aos padrões considerados na sociedade brasileira atual. Assim, a faixa etária dos idosos, que na pesquisa de 1998 se configurava a partir dos 50 anos, agora é caracterizada por mais de 60 anos; como consequência, os adultos compreendem a faixa etária de 26 a 59 anos, e não até 49 anos, como antes.

¹⁸ A princípio, nosso objetivo era analisar o tempo de escolarização, ou seja, selecionar informantes com nenhuma escolaridade, com até quatro anos de escolarização e com mais de cinco anos de escolarização, aumentando o número da amostra para trinta e seis informantes. Porém, durante a pesquisa de campo, não foi possível completar o quadro de informantes, em decorrência das características sociais dos moradores de Oliveira Fortes-MG. Por essa causa, foi preciso reduzir os critérios, passando a considerar apenas duas condições (com ou sem escolarização), o que diminui, consequentemente, o número total da amostra para vinte e quatro informantes.

disponíveis, foi preciso adequar a amostra para que a pesquisa se tornasse viável e pudesse ser finalizada no tempo hábil para a conclusão do Mestrado¹⁹. Diante disso, multiplicamos os fatores externos selecionados (2x2x3x2) e chegamos ao total de vinte e quatro informantes. Assim, mediante uma combinação dos critérios, obtivemos o seguinte quadro de informantes:

Quadro 3 - Critérios de seleção dos informantes

Critérios				
área	Sexo	faixa etária	Escolaridade	Informante
rural	masculino	15 a 25 anos	analfabeto/semiescolarizado	01
			Escolarizado	02
		26 a 59 anos	analfabeto/semiescolarizado	03
			escolarizado	04
		mais de 60 anos	analfabeto/semiescolarizado	05
			escolarizado	06
	feminino	15 a 25 anos	analfabeto/semiescolarizado	07
			escolarizado	08
		26 a 59 anos	analfabeto/semiescolarizado	09
			escolarizado	10
		mais de 60 anos	analfabeto/semiescolarizado	11
			escolarizado	12
urbano	masculino	15 a 25 anos	analfabeto/semiescolarizado	13
			escolarizado	14
		26 a 59 anos	analfabeto/semiescolarizado	15
			escolarizado	16
		mais de 60 anos	analfabeto/semiescolarizado	17
			escolarizado	18
	feminino	15 a 25 anos	analfabeto/semiescolarizado	19
			escolarizado	20
		26 a 59 anos	analfabeto/semiescolarizado	21
			escolarizado	22
		mais de 60 anos	analfabeto/semiescolarizado	23
			escolarizado	24

Destacamos, ainda, que além dos critérios acima, exigimos que todos os informantes fossem nascidos e residentes no município, sem nunca terem se ausentado por mais de dois anos, e tivessem pais também nascidos e residentes em Oliveira Fortes-MG. Tal exigência se fez necessária devido aos nossos objetivos de identificar a ausência de concordância de número na fala oliveira-fortense, evitando alguma influência de outros contatos linguísticos que pudesse enviesar os resultados.

¹⁹ A pesquisa foi desenvolvida sem o auxílio de nenhuma agência de fomento e com o tempo hábil de quinze meses, i.e, de agosto de 2011 a janeiro de 2013.

3.3 Obtenção dos dados

Para a obtenção dos dados, foi feita uma seleção aleatória dos informantes, pautada no conhecimento da pesquisadora sobre o perfil de determinadas pessoas da comunidade. A partir de então, o contato foi estabelecido e, após a verificação do enquadramento do informante dentro das exigências da estratificação e de seu interesse em colaborar com a pesquisa, iniciava-se a coleta. Cabe salientar que todas as entrevistas foram autorizadas pelos informantes, conforme exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (cf. Resolução CNS 196/96).

A coleta foi subsidiada por três instrumentos: i) ficha social; ii) ficha de redes e iii) entrevista sociolinguística. A seguir, explicaremos no que consiste cada um desses instrumentos.

3.3.1. Ficha Social

Como a língua reflete a sociedade e a sociedade reflete a língua (TRUDGILL, 1974), as informações sociais dos indivíduos são de grande importância para a pesquisa sociolinguística.

Sendo assim, a ficha social, também conhecida como questionário social, teve, em nossa pesquisa, o objetivo principal de traçar o perfil social do informante. Além disso, Mollica e Braga (2003, p.126) destacam que, como a ficha permite o primeiro contato com o informante antes da entrevista em si, ela serve para “quebrar o gelo” e oferece informações do informante, tornando possível conhecer seus interesses para iniciar a conversa.

A composição desta ficha incluiu: nome, sexo, estado civil, idade, data e local de nascimento, endereço, tempo de residência no município, renda, profissão, escolaridade, além de espaço para preenchimento de outras informações que foram pertinentes no momento da coleta. A ficha utilizada nesta pesquisa encontra-se em anexo (ANEXO 1).

3.3.2. Ficha de Redes

Os contatos linguísticos são favorecedores de variação e mudança linguística, conforme já discutimos no Capítulo I. A partir de nossa hipótese inicial, ou seja, de que a comunidade pesquisada apresenta evidências de conservadorismo linguístico, a atenção lançada sobre as redes sociais foi de grande importância.

Assim, nosso intuito, na utilização desse instrumento, foi delimitar se o informante fazia parte de uma rede social densa ou frouxa, multiplex ou uniplex, para posteriormente discutir quais são as implicações das redes sociais no perfil sociolinguístico de Oliveira Fortes-MG²⁰.

Os itens questionados para a identificação do tipo de rede se referem às características dos contatos linguísticos, levando em consideração as relações interpessoais mais constantes, as práticas sociais, os deslocamentos geográficos, o acesso aos meios de comunicação e o convívio com as práticas letradas. A ficha encontra-se em anexo (ANEXO 2).

3.3.3. Entrevista sociolinguística

A investigação sociolinguística parte, principalmente, de registros de fala e, nesse sentido, alguns cuidados são necessários para que a obtenção dos dados seja efetuada. A maior preocupação se concentra na tentativa de se evitar o “paradoxo do observador” (LABOV, 1972), buscando, em outras palavras, que o informante não perca sua espontaneidade linguística diante da presença do pesquisador²¹. A situação de “entrevista” por si só já possui definições formais que tendenciam o estilo de fala monitorada e desfavorece o estilo menos monitorado, isto é, a fala casual.

Em nossa pesquisa, o objetivo era obter a fala espontânea, casual, utilizada no cotidiano dos oliveira-fortenses e, apesar de reconhecermos que uma observação anônima possibilitaria, de forma mais satisfatória, alcançarmos os dados que

²⁰ Não podemos, de forma alguma, afirmar que realizamos um “estudo de redes”, tendo em vista que não utilizamos metodologias específicas para tal.

²¹ Esperávamos que o fato de a pesquisadora pertencer à comunidade e ser conhecida pelos informantes favorecesse o contato e uma maior naturalidade durante a entrevista. Contudo, diante da presença do gravador, os falantes se demonstraram inibidos.

buscávamos, as exigências atuais de ética em pesquisa não permitiriam. Diante disso, recorreremos à entrevista sociolinguisticamente orientada, atentando-nos para a constatação de Labov (2008 [1972]) de que relatos sobre situações de perigo, experiências marcantes e lembranças de infância servem de pretexto para um maior envolvimento do falante com o assunto e menor monitoração do seu estilo de fala. Como suporte, foi elaborado um roteiro temático para mediar a interação entre a pesquisadora e os informantes (ANEXO 3).

Cabe ressaltar que o roteiro foi um instrumento de apoio. No momento *online* da entrevista, exigiu-se muito mais da pesquisadora. Para capturar o vernáculo, em alguns momentos, foi preciso ir além da situação da entrevista, recorrendo, por exemplo, a temas de intimidade do informante e/ou permitindo participações de terceiros na conversa.

Outro aspecto que precisou ser considerado foi o tempo. Tivemos o cuidado de não realizar entrevistas curtas demais para não prejudicar as ocorrências das variáveis pesquisadas, mas, por outro lado, não as estendemos em demasia, porque, em alguns casos, o informante demonstrava desinteresse. Como o tempo de duração variou entre os informantes²², tivemos o critério de considerar, de forma equânime, trinta minutos de entrevista.

3.4. Tratamento dos dados

No processo de tratamento dos dados, iniciamos com a digitalização do material coletado e a posterior transcrição das entrevistas em áudio. Com os dados em mãos, selecionamos as ocorrências e as codificamos para o tratamento estatístico. Num passo seguinte, verticalizamos a análise para um viés qualitativo, cruzando os dados obtidos através das fichas sociais e de redes, além de informações empíricas sobre o universo pesquisado.

Os procedimentos adotados serão detalhados a seguir.

²² Das 24 entrevistas consideradas em nossa amostra, duas excederam o tempo de uma hora, sendo que uma delas chegou a uma hora e vinte e quatro minutos. Contudo, só foram considerados os primeiros trinta minutos.

3.4.1. Transcrição

Para o tratamento dos dados, o primeiro passo adotado foi a transcrição completa das entrevistas gravadas. A transcrição tem o objetivo de transpor o discurso oral para a escrita, através de recursos gráficos. Há diversas formas de se realizar uma transcrição e, neste estudo, seguimos as normas do Projeto de Estudo da Norma Linguística Culta de São Paulo – NURC/SP – (PRETI, 1997, p.15-16), com algumas exceções no que tange a i) *truncamento*; ii) *entoação enfática*; iii) *prolongamento de vogal e consoante (como s, r)*; e iv) *silabação*. Esses tipos de ocorrência não foram marcados por se tratar de aspectos estritamente prosódicos, os quais não são de nosso interesse específico neste trabalho.

Ressaltamos, ainda, que os recursos dos quais dispomos na escrita não são suficientes para representar a fala. Conforme nos alerta Paiva (2003, p. 135), qualquer notação gráfica do oral é descontínua e dissociativa. Assim, no que tange à transcrição das palavras, alguns aspectos da oralidade que não encontram correspondência nas normas ortográficas precisaram ser anotados, de acordo com os objetivos sociolinguísticos. De modo geral, a nossa opção foi a de transcrever tentando aproximar, ao máximo, à fala, mas sem perder de vista as normas ortográficas. Os aspectos fonéticos considerados foram, por exemplo, o alteamento de vogais (e>i/ o>u), o apagamento do /r/ no infinitivo (*falar*> *falá*), a monotongação no pretérito perfeito (*falou*> *falô*), a desnalização (*falaram*> *falaru*, *homem*> *homî*), a ditongação (*nós*> *nóis*, *vez*> *veiz*, *eles*> *eis*, *aqueles*> *aqueis*, *elas*> *eas*, a vocalização da palatal (*filhu*> *fiu*, *mulher*> *muié*), fenômenos de permuta, apagamento ou inserção de diferentes segmentos sonoros (*os outro* > *zoto*, *problema*> *poblema*, *pode*> *pó*, *perto*> *per*, *como é*> *cumé*, *com a* > *ca*, *dentro da*> *den da*, *pra você*> *procê*, *para* > *pa /pra*) etc. Consideramos relevante conservar essas marcas dialetais porque são características da oralidade e da variedade rural e refletem a fala mineira e, ainda, podem servir de dados para subsidiar futuras pesquisas.

3.4.2. Critérios de análise

De acordo com a base teórico-metodológica deste trabalho – a Sociolinguística Variacionista –, sabe-se que a variação linguística não se dá de forma aleatória e que os fenômenos linguísticos variáveis apresentam regularidades a serem descritas e explicadas por restrições de ordem intralinguística e extralinguística. Nesse sentido, segundo Cunha Lacerda (2007, p. 68), cabe ao pesquisador variacionista a identificação dos fenômenos linguísticos variáveis da língua, o levantamento de suas variantes, a definição das variáveis independentes ou grupos de fatores condicionadores e, por fim, a submissão dos dados codificados ao tratamento estatístico adequado, a fim de correlacionar sistematicamente a frequência de uso de cada uma das variantes linguísticas aos fatores linguísticos e não linguísticos que as regulam. Isso quer dizer que, nas pesquisas de natureza sociolinguística, é bastante relevante a análise quantitativa dos dados, já que essa possibilita averiguar a regularidade das variações, bem como possíveis processos de mudança linguística.

Por outro lado, o enfoque restritamente quantitativo pode deixar em segundo plano aspectos não quantificáveis, principalmente quando se trata de uma pesquisa que lida com fenômenos intrínsecos à sociedade. Em função disso, Denzin e Lincoln (1994, p. 11) defendem a análise qualitativa dos dados empíricos, por oferecer ao pesquisador um vasto conjunto de métodos interpretativos interconectados. O viés qualitativo pode ser entendido como um tipo de abordagem que parte das reflexões de um pesquisador multiculturalmente situado, o qual tem por objetivo refletir sobre o mundo (em nosso caso, sobre a língua socialmente situada e suas variações), utilizando-se de um conjunto de ideias e preceitos (teorias, ontologias), com o intuito de explicar uma série de questões, as quais serão, posteriormente, analisadas de forma bastante específica (metodologia, análise).

Como se pode observar, cada abordagem (qualitativa e quantitativa) tem delineamentos específicos e se aplica a fins distintos. Neste estudo, tivemos o intuito de absorver e utilizar o que de melhor ambas as formas de análise têm a oferecer, já que a conjugação de métodos pode nos ajudar a explorar relações entre a língua e a sociedade, aumentando, significativamente, como acreditamos, o poder de nossas explicações (MASON, 2006, p. 11).

Tendo isso em vista, decidimos utilizar, neste trabalho, o método misto de pesquisa, combinando as perspectivas quantitativa e qualitativa, isto é, analisando as ocorrências e suas relações intra e/ou extralinguísticas e buscando explicações para a variação, especificamente através da análise das redes sociais dos informantes. Os procedimentos de análise serão apresentados a seguir.

3.4.2.1. O suporte quantitativo

Com os dados coletados e transcritos, prosseguimos para a pesquisa quantitativa. Os procedimentos adotados nessa etapa levaram em conta as variáveis investigadas e os grupos de fatores condicionadores internos (linguísticos) e externos (sociais) da variação. Após a busca das ocorrências, os dados foram codificados e submetidos ao programa GoldVarb/Varbrul 2001, o qual nos forneceu a frequência e os pesos relativos dos fenômenos em análise nas diversas rodadas realizadas.

Cabe salientar que tanto a frequência como os pesos relativos oferecidos pelo programa estatístico serviram como base para nossa análise. Em relação à frequência, a interpretação foi feita em relação às porcentagens das ocorrências. Já o peso relativo seguiu a seguinte interpretação: quando o valor foi superior a 0.50, há o favorecimento da aplicação da regra; quando o valor foi inferior a 0.50, há o desfavorecimento da aplicação da regra; quando o valor se aproximou de 0.50, o fator é considerado neutro diante da variação. Portanto, esses foram os parâmetros utilizados para interpretar os resultados quantitativos.

3.4.2.1.1. As variáveis e o grupo de fatores

Nesta pesquisa, dividimos o fenômeno da variação na concordância de número no português brasileiro em duas variáveis a serem analisadas: 1) a variação na concordância nominal e 2) a variação na concordância verbal.

Diante disso, nossa análise se deu em duas etapas, ou seja, primeiro analisamos a variação relacionada ao sintagma nominal e, depois, a relacionada ao sintagma verbal.

Nas subseções a seguir, apresentaremos os grupos de fatores investigados para cada variável dependente e as nossas hipóteses sobre as variáveis independentes analisadas.

3.4.2.1.1.1. Variável concordância nominal

A variação da concordância de número no sintagma nominal se apresenta através de duas variantes: a presença de concordância entre os elementos do SN (*os meninos bonitos*) e a ausência de concordância entre um ou mais elementos do SN (*os menino bonito*). Portanto, presença/ausência de concordância de número no SN foram nossas variantes pesquisadas neste caso.

3.4.2.1.1.1.1. Fatores linguísticos

Com base nos trabalhos apresentados no Capítulo II, selecionamos os seguintes fatores linguísticos: a) a saliência fônica da oposição singular/plural; b) a posição linear; c) a classe gramatical; d) as marcas precedentes dos elementos que compõem o sintagma nominal. Esses fatores foram analisados considerando a diferenciação entre os elementos nucleares e não nucleares, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 4 - Grupo de fatores linguísticos da variável concordância nominal

grupo de fatores	saliência fônica	posição linear	classe gramatical	marcas precedentes
elementos nucleares	[+saliante]	1 ^a	substantivo	presença
	[-saliante]	2 ^a	não-substantivo	ausência
		3 ^a ou mais		
elementos não nucleares	[+saliante]	1 ^a	adjetivo	presença
	[-saliante]	2 ^a	possessivo	ausência
		3 ^a ou mais	artigo	
			demonstrativo	
			indefinido	
quantificador				

Nossa hipótese em relação aos fatores linguísticos da concordância nominal se centraliza no fato de que, em função do conservadorismo linguístico, a tendência da marcação do plural é apenas no elemento da primeira posição do SN, seja ele nuclear ou não nuclear.

De modo paralelo a essa hipótese geral, acreditamos que os nossos resultados corroboram as constatações das pesquisas já realizadas, isto é: i) os elementos com maior saliência fônica na relação singular/plural tendem a apresentar mais marcas formais de plural no SN do que os que apresentam menor saliência fônica; ii) os itens nucleares ocupam, preferencialmente, a segunda posição do SN e, nessa posição, há menor chance de concordância. Nas outras posições, a tendência de ausência de concordância que se apresenta é a das marcas precedentes (quando um ou mais itens não nucleares antepostos ao núcleo do SN não apresentam marcas formais de plural); iii) a classe gramatical mais recorrente nos elementos nucleares é o substantivo, enquanto, nos elementos não nucleares, apesar da ocorrência de várias classes, o artigo prevalece dentre os elementos antepostos ao núcleo, o adjetivo tende a aparecer posposto e o indefinido “tudo” é bastante comum nos sintagmas com ausência de concordância.

3.4.2.1.1.1.2. Fatores sociais

Os fatores sociais selecionados foram os mesmos utilizados na estratificação dos informantes da amostra (cf. seção 3.2), ou seja: a) zona de residência; b) o sexo; c) a faixa etária; d) a escolaridade.

Acreditamos, inicialmente, que os fatores zona de residência e escolaridade apresentam maior relevância no que tange à variação. Nesse sentido, a prevalência da ausência da concordância, embora ocorra nas duas áreas (rural e urbana), seria quantitativamente maior na zona rural. Por outro lado, a vivência escolar tenderia a influenciar no aumento da presença da concordância. De forma relacionada a esses dois primeiros fatores, os informantes da faixa etária 01 (15 - 25 anos) e do sexo feminino apresentariam um visível aumento da concordância, em função de estarem mais integrados à vida escolar ou ao mercado de trabalho.

3.4.2.1.1.2. Variável concordância verbal

A concordância de número no sintagma verbal do português brasileiro ocorre de modo atrelado à concordância de pessoa. Nesse sentido, dentro de um paradigma verbal padrão, há no português a seguinte configuração singular/plural: *eu amo/nós amamos; tu amas/vós amais; ele(a)ama/eles(as) amam*. Porém, de acordo com as descrições do português falado, esse paradigma verbal se apresenta do seguinte modo, na variante padrão: *eu amo/nós amamos, a gente ama; tu amas, você ama, o senhor(a) ama/ vocês amam, os senhores(as) amam; ele(a)ama/eles(as) amam*.

Além dessa marcação padrão de concordância, a marcação de plural também pode se dar mediante a presença, apenas, do pronome pessoal: *nós/vocês/os senhores(as)/eles(as) ama*. Nessas ocorrências, a configuração é de ausência de concordância.

Também se observa, a depender da morfologia dos verbos, uma variação morfofonética nas formas do plural, especialmente nas formas de primeira e terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo (*nós chegamos/nós chegemu; eles amaram/eles amaru*). Nessas situações, há a marcação da concordância de forma não padrão.

Diante desse cenário de variação, nos restringimos à terceira pessoa do plural, e a nossa variável dependente concordância verbal é constituída pelas variantes: presença/ ausência de concordância verbal. Cabe salientar que, na variante “presença”, incluímos todos os casos (padrão e não padrão)²³. Porém, durante a análise dos dados, quando necessário, consideramos a diferenciação entre a presença de concordância verbal padrão e presença de concordância verbal não padrão, uma vez que a presença não padrão, como mostrado no Capítulo I, na subseção 1.2.1.2, é uma alteração fonética das desinências do pretérito perfeito do indicativo (*foram> foru; andaram> andaru*), comum na fala rural (conservadora).

²³ A análise da variação entre a presença padrão e a presença não padrão foi realizada inicialmente, mas verificamos que a discussão dos resultados alargaria, em demasia, o escopo desta pesquisa. Tal variação é um objeto profícuo para futuras pesquisas, já que não encontramos abordagens variacionistas a esse respeito.

3.4.2.1.1.2.1. Fatores linguísticos

Os fatores linguísticos para a análise do fenômeno em variação no que tange à concordância verbal foram estabelecidos em função do princípio de saliência e do paralelismo linguístico. Assim, selecionamos dentro do primeiro princípio: a) a posição e a distância entre o sujeito e o verbo; b) a saliência fônica da oposição singular/plural da forma verbal; c) o traço humano do sujeito. Já em relação ao segundo princípio, consideramos a marcação de número no sujeito²⁴.

A descrição detalhada do grupo de fatores linguísticos encontra-se a seguir:

Quadro 5 - Grupo de fatores linguísticos da variável concordância verbal

	posição/distância sujeito/verbo	saliência fônica	traço humano do sujeito	marcação de número no sujeito
grupo de fatores	anteposto- 0 síl. anteposto- 1 a 5 síl. anteposto- mais de 5 síl.	[+saliante]	[+humano]	presença de concordância no sujeito
	posposto- 0 síl. posposto - 1 a 5 síl. posposto – mais de 5 síl.	[-saliante]	[-humano]	ausência de concordância no sujeito

Para essa análise, nossas hipóteses são as seguintes: i) o sujeito posposto desfavorece a concordância; ii) quanto maior a distância entre o sujeito e o verbo, menor a chance de concordância; iii) o sujeito cuja estrutura interna do SN não apresenta concordância não favorece a concordância verbal; iv) o sujeito com traço [-humano] tende a se apresentar com um verbo sem concordância.

3.4.2.1.1.2.2 Fatores sociais

Os fatores sociais utilizados na análise da variação da concordância verbal foram: a) zona de residência; b) sexo; c) faixa etária; d) escolaridade – ou seja, os mesmos do critério de seleção dos informantes e, conseqüentemente, os mesmos da variável concordância nominal.

²⁴ Cabe destacar que a variável independente “marcação de número no sujeito” é uma adaptação da variável independente “marcas precedentes”, já que optamos por investigar o sujeito do SV, mesmo quando este estava posposto, pois entendemos que, também nesse caso, atua o princípio do paralelismo linguístico.

Nossa hipótese é a de que a variante presença de concordância é mais frequente nos falantes escolarizados, e a ausência da escolarização favorece a ausência da concordância. Além disso, acreditamos que os habitantes da zona rural não efetuam a concordância e, quando efetuam, há apenas ocorrências de concordância não padrão. Em relação ao sexo e à faixa etária, os falantes apresentam a seguinte tendência: os jovens e as mulheres se aproximam mais dos usos de marcação da concordância em comparação com os homens e com os mais idosos.

3.4.2.2. O suporte qualitativo

A base para a análise qualitativa foram os resultados quantitativos obtidos através do GoldVarb/Varbrul 2001. A partir disso, procuramos interpretar os dados além dos números e associar os resultados a informações oriundas da ficha de redes e da ficha social dos informantes. Nessa etapa, olhamos para o fenômeno da variação da concordância de número por indivíduo, considerando o papel de cada informante no universo geral dos resultados.

Assim, o suporte qualitativo nos atendeu, principalmente, na percepção da influência das redes sociais no comportamento linguístico de cada informante. Por essa razão, também recorreremos a características da comunidade pesquisada e buscamos evidências empíricas, pautadas na etnografia, para explicar os nossos achados.

3.5. Síntese metodológica

A metodologia adotada neste estudo sociolinguístico sobre o município de Oliveira Fortes-MG foi delineada através do método misto de pesquisa, tendo como suporte a metodologia quantitativa na obtenção e tratamento dos dados, seguida por uma análise qualitativa dos resultados.

A composição da amostra foi um processo precedido por um grande rigor teórico-metodológico, que, apesar de entremeado de dificuldades causadas,

principalmente, pelas condições climáticas na época da coleta dos dados, possibilitou que a proposta de nossa pesquisa fosse alcançada. Assim, o nosso *corpus* foi composto por vinte e quatro entrevistas, numa amostragem aleatória e estratificada de falantes nativos e residentes no município de Oliveira Fortes-MG.

Após a transcrição das entrevistas (ANEXO 4) e o levantamento das ocorrências, os dados foram analisados, codificados e submetidos ao programa estatístico GoldVarb/Varbrul 2001. O GoldVarb/Varbrul 2001 nos auxiliou na obtenção dos resultados quantitativos dos fenômenos em variação, os quais se configuraram pelas variáveis concordância de número no sintagma nominal e concordância de número no sintagma verbal, frutos do fenômeno geral da variação na concordância de número no português brasileiro.

No que se refere às variáveis dependentes – concordância nominal e concordância verbal –, ambas foram constituídas pelas variantes presença da concordância e ausência da concordância, considerando a marcação explícita ou não do morfema de plural nos elementos do sintagma. Porém, no caso do SV, considerou-se, também, a divisão entre a presença padrão e a presença não padrão.

Em relação aos fatores condicionadores, as análises das duas variáveis compartilharam os mesmos fatores externos: a) zona de residência (rural/urbano); b) sexo (feminino/masculino); c) faixa etária (faixa 1, 2 ou 3); d) escolaridade (analfabetos ou semiescolarizados/escolarizados). Os fatores internos, em contrapartida, foram específicos para cada variável dependente. A definição de cada um deles se pautou em pesquisas anteriores, conforme apresentado no Capítulo II.

A partir dos resultados quantitativos, tecemos considerações de viés qualitativo, com a justificativa de ampliar a interpretação dos dados e de associá-los, ainda mais, aos aspectos sociais da comunidade pesquisada, dando-lhes a particularidade adequada.

Nos próximos capítulos, apresentaremos e discutiremos os resultados.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE QUANTITATIVA

A investigação acerca do perfil sociolinguístico de Oliveira Fortes-MG possui, como já esclarecemos no decorrer deste trabalho, fortes evidências de ausência de concordância de número na fala dos moradores do município. Em decorrência dessas evidências, nossa hipótese principal é de que a comunidade de fala pesquisada apresenta um perfil marcado pelo conservadorismo linguístico.

Neste capítulo, mostraremos e analisaremos os dados do fenômeno em variação pesquisado – a concordância de número nos sintagmas nominais e nos sintagmas verbais –, de modo quantitativo, a fim de chegarmos a resultados que nos permitam confirmar ou não nossa hipótese inicial.

Aqui, trataremos os dados de modo analítico e objetivo, deixando para o Capítulo V as reflexões que sejam mais pontualmente qualitativas. Na análise quantitativa que será aqui apresentada, abordaremos os resultados obtidos através do programa estatístico GoldVarb/Varbrul 2001.

A análise dos dados apresentada neste capítulo será organizada da seguinte maneira: primeiramente, trataremos da variação na concordância nominal e, em um segundo momento, abordaremos a variação na concordância verbal. Em ambos os casos, exporemos os resultados dos fatores linguísticos e sociais, dividindo subseções para cada fator analisado. Ao término da análise de cada variável dependente, teceremos algumas considerações pontuais que possam auxiliar na compreensão dos fenômenos variáveis em questão. Por fim, ao final do capítulo, apresentaremos uma conclusão geral acerca dos achados.

4.1. Análise da variável concordância de número no sintagma nominal

Conforme apresentado no Capítulo III, a variável concordância de número no sintagma nominal constitui-se de duas variantes: i) presença de concordância e ii)

ausência de concordância, as quais são evidenciadas pela marcação explícita ou não do morfema de plural nos elementos do sintagma nominal.

No *corpus* investigado, foram encontradas 1407 ocorrências da variável concordância de número no sintagma nominal. Destas, 146 apresentam a concordância e as demais – que totalizam 1261 ocorrências – se caracterizam pela ausência de concordância nominal. Em termos percentuais, são 10,4% da variante presença de concordância nominal no SN e 89,6% da variante ausência de concordância nominal. O gráfico que ilustra essa distribuição segue abaixo:

Gráfico 1 - Distribuição das variantes da variável dependente concordância de número no SN



Como podemos observar, a aplicação da regra da não concordância é quase categórica em nossos dados. Apenas por essa constatação já nos seria possível confirmar nossa hipótese de conservadorismo linguístico na comunidade pesquisada, especificamente no tocante ao sintagma nominal. Porém, como nosso objetivo é, também, entender quais fatores linguísticos e sociais podem ser responsáveis por esse resultado, analisaremos as variáveis independentes delimitadas para este trabalho, de modo a demonstrar a relevância de cada uma delas para a variação investigada. Para tanto, recorreremos às porcentagens e aos índices de pesos relativos²⁵ oferecidos pelo programa GoldVarb/Varbrul 2001.

4.1.1. Fatores linguísticos

Conforme já apontado no Capítulo III, os fatores linguísticos associados à variação na concordância de número no sintagma nominal, nesta pesquisa, foram: a

²⁵ Os valores apresentados como pesos relativos foram calculados levando em consideração a variante ausência de concordância de número no SN, dada a sua maior produtividade em nossos dados.

saliência fônica da oposição singular/plural, a posição linear, a classe gramatical dos constituintes do sintagma nominal e a existência de marcas precedentes em forma de plural ao elemento do SN analisado. Como os sintagmas nominais por nós investigados se configuram por mais de um item lexical, analisamos seus elementos nucleares e não nucleares.

Em relação aos elementos nucleares, o programa estatístico GoldVarb/Varbrul 2001 selecionou, na rodada do peso relativo, as variáveis independentes saliência fônica, classe gramatical e marcas precedentes, eliminando, portanto, a variável posição linear. Já para os elementos não nucleares, a única variável selecionada foi a classe gramatical.

Nas próximas subseções, apresentaremos e discutiremos os resultados de cada uma dessas variáveis independentes.

4.1.1.1. Saliência fônica

Entre os 1407 sintagmas nominais analisados, o elemento nuclear do SN apresenta a oposição singular/plural mais saliente em 184 ocorrências, enquanto as demais 1223 são menos salientes. Isso significa, em termos percentuais, que o traço [+saliente] compõe 13% dos dados e o [-saliente] 87%.

A predominância do traço [-saliente] é ainda mais evidente em relação aos elementos não nucleares, dos quais apenas um apresenta o traço [+saliente] em um universo de 1604 elementos analisados. A única ocorrência é a seguinte:

(1) [...] *essi aí tinha as fazenda maió tinha mais leiti* [...] - INF06

Na direção dessa prévia constatação, pudemos evidenciar, através dos pesos relativos (PR) dos elementos nucleares²⁶, que o traço [-saliente] é favorecedor da variável ausência de concordância, já que esse traço exibiu o PR de 0.52, enquanto o traço [+saliente] teve o PR 0.35, como pode ser visto na tabela a seguir.

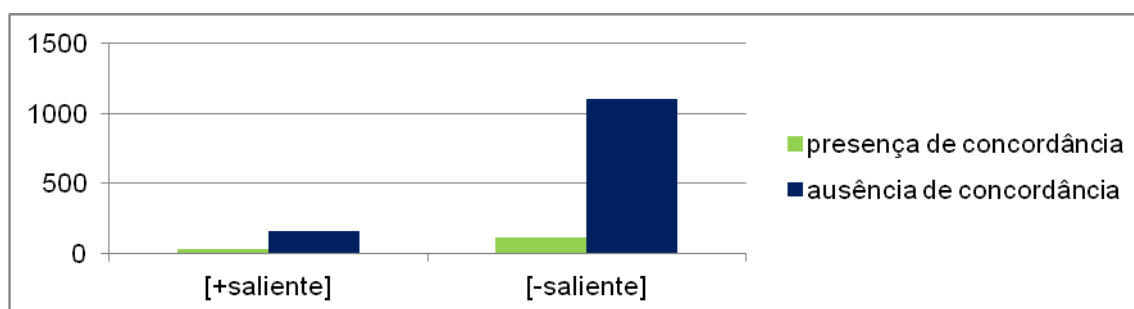
²⁶ Não foi possível calcular o peso relativo (PR) dos elementos não nucleares para a variável saliência fônica, pois houve *KnockOut*.

Tabela 1 - Distribuição dos elementos nucleares em função da saliência fônica (SN)

saliência fônica	concordância de número no SN					visualização geral
	presença		ausência			
	n.º	%	n.º	%	PR	
[+ saliente]	30	16%	154	84%	0.35	
[- saliente]	116	9%	1107	91%	0.52	
total	146		1261			

Através da tabela 1, também averiguamos que apenas 116 ocorrências (9%) com o traço [-saliente] no elemento nuclear apresentam marcação de concordância, ou seja, nos demais 91% há ausência de marcação da concordância de número. O traço [+saliente], por sua vez, ocorre em SNs com presença de concordância em 16% dos dados, e os demais 84% figuram em SNs com ausência de concordância. O gráfico a seguir permite uma melhor visualização da variação.

Gráfico 2 - Distribuição dos elementos nucleares em função da saliência fônica (SN)



Indubitavelmente, a variante ausência de concordância prevalece sobre a variante presença de concordância, independente do traço de saliência fônica. Apesar disso, percebemos que o traço [+saliente] é percentualmente maior para a variante presença de concordância: das 146 ocorrências, 20% são [+salientes], enquanto, nas 1261 ocorrências da variante ausência de concordância, esse índice se reduz para 12%.

Diante desses resultados, é possível, por um lado, confirmar as evidências de pesquisas anteriores no que se refere ao favorecimento da ausência de concordância pelo traço [-saliente] e ao favorecimento da presença de concordância pelo traço [+saliente]. Entretanto, em nosso contexto de pesquisa, essa variável independente não nos deixa um cenário claro da variação, tendo em vista que: i) em

ambos os tipos de saliência fônica, houve predomínio da ausência de concordância; e ii) as ocorrências do traço [+saliente] foram bastante reduzidas em comparação com as de traço [-saliente].

Em relação a esses dois aspectos elencados, acreditamos que haja grande influência do valor social (LABOV, 2008 [1972]) atribuído às variantes na comunidade pesquisada²⁷. Isso porque a prevalência da variante ausência de concordância mesmo para os itens com maior saliência fônica na oposição singular/plural pode apontar a não existência, entre os informantes, de um julgamento de valor negativo para a variante ausência de concordância nominal e, em função disso, parece que não se aplica, nessa comunidade, o que é destacado por Scherre (1988, 1994, 1998), isto é, que a variação nas formas mais salientes é mais perceptível para os falantes e ouvintes e, por serem mais marcadas, tendem a ser estigmatizadas.

Sob outro ponto de vista, no entanto, podemos refletir sobre a baixa frequência de itens lexicais com o traço [+saliente] no *corpus*, de tal modo a relacioná-la à atribuição de valores sociais negativos às variantes. Esse enfoque nos direciona para a percepção de que as escolhas lexicais dos falantes de Oliveira Fortes-MG tendem a ser menos complexas, como recurso de monitoração estilística, a fim de evitarem ser vítimas de preconceito linguístico-social, já que, como também destaca Scherre (1988, 1994, 1998), a variação nas formas menos salientes (cuja marcação de número se dá mediante o acréscimo de “s”) é menos percebida pelos ouvintes. De qualquer modo, o valor social parece influenciar as escolhas linguísticas dos falantes, mas essa questão precisa ser melhor explorada. Voltaremos a essa discussão no Capítulo V.

Destacamos que retomaremos, ainda neste capítulo – precisamente, na subseção 4.1.2.4. –, a abordagem da variável independente saliência fônica quando a cruzarmos com a variável escolaridade.

²⁷ Salientamos que essa constatação é empírica, pois não houve nenhuma metodologia específica para averiguar crenças e atitudes em relação às variantes.

4.1.1.2. Posição linear

A análise da variável independente posição linear foi realizada considerando a ocupação do elemento nuclear e dos elementos não nucleares no SN, cuja distribuição foi apresentada em diferentes tipos de SNs, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 - Tipos de SN, considerando a variável posição linear

tipo de SN	posição linear				Ocorrências		Visualização geral
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	n.º	%	
01	EN	ENN	∅	∅	03	0,2%	
02	ENN	EN	∅	∅	1142	81,2%	
03	ENN	EN	ENN	∅	41	2,9%	
04	ENN	ENN	EN	∅	220	15,6%	
05	ENN	ENN	ENN	EN	01	0,1%	
Total					1407	100%	

Conforme esquematizamos na tabela acima, encontramos cinco tipos de SNs. O tipo 01 (constituído pelo elemento nuclear na primeira posição e pelo elemento não nuclear na segunda posição) e o tipo 05 (formado por quatro itens lexicais, sendo os três primeiros elementos não nucleares e o quarto nuclear) foram os menos frequentes: o tipo 01 ocorreu três vezes (0,2%), e o tipo 05 ocorreu apenas uma vez (0,1%). O tipo 03, no qual o elemento nuclear ocupa a segunda posição e é precedido e sucedido por elementos não nucleares, foi exibido em 41 ocorrências, o que representa 2,9% dos SNs. O tipo 04 (com elemento nuclear na terceira posição precedido por dois elementos não nucleares) ocorreu 220 vezes, representando 15,6 % dos dados dentro do total de SNs.

O tipo de SN mais recorrente foi o tipo 02. Dos 1407 SNs, 1142 seguem a estrutura simples de elemento não nuclear na primeira posição seguido de elemento nuclear. Isso representa 81,2% dos sintagmas analisados e parece evidenciar que a preferência dos falantes de Oliveira Fortes-MG é pelo SN curto, constituído por apenas dois elementos.

Reforçando essa evidência, observamos, especificamente em relação aos elementos não nucleares, que apenas 3% ocorrem na terceira posição do SN. O que

encontramos, em geral, foram os SNs do tipo 02, em que o elemento não nuclear ocupa a primeira posição, e do tipo 04, cujos elementos não nucleares ocupam a primeira e a segunda posições.

Pormenorizando a análise da variável independente posição linear, mediante o direcionamento para os resultados do GoldVarb/Varbrul 2001, observamos que essa variável não foi selecionada pelo programa, já que os pesos relativos da 2ª e 3ª posições dos elementos nucleares e das 1ª e 2ª posições dos elementos não nucleares foram bastante próximos, e os pesos relativos dos elementos nucleares da 1ª e da 4ª posições e dos não nucleares da 3ª posição, em função dos *knockOuts*, não puderam ser calculados. Apesar disso, julgamos pertinente analisar essa “não relevância” da variável posição linear, pois, ainda que não nos elucide questões a respeito da variação na concordância de número, pode nos sinalizar algumas características dos SNs produzidos na comunidade pesquisada. Por isso, analisaremos a distribuição dos elementos nucleares e não nucleares dentro dos SNs.

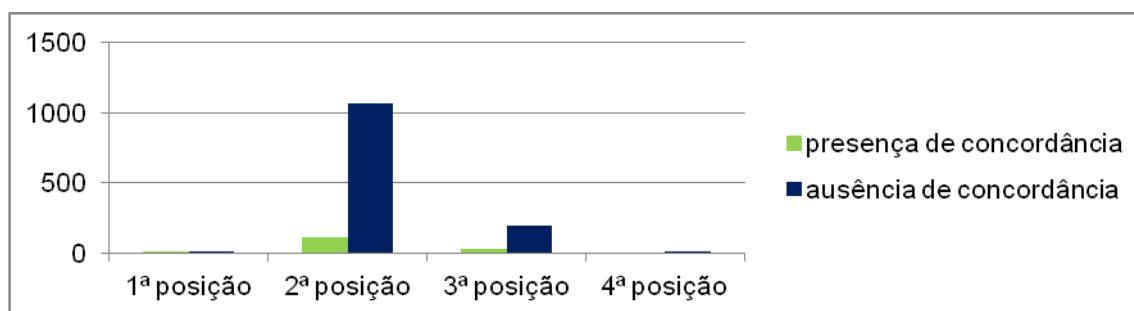
A tabela a seguir exibe os índices dos elementos nucleares em função da posição linear.

Tabela 3 - Distribuição dos elementos nucleares em função da posição linear (SN)

posição linear elemento nuclear	concordância de número no SN					Visualização geral
	presença		ausência			
	n.º	%	n.º	%	PR	
1ª posição	02	67%	01	33%	-	<p> <input type="checkbox"/> 1ª posição <input type="checkbox"/> 2ª posição <input type="checkbox"/> 3ª posição <input type="checkbox"/> 4ª posição </p>
2ª posição	115	10%	1070	90%	0.51	
3ª posição	29	13%	190	87%	0.42	
4ª posição	0	0%	01	100%	-	
<i>total</i>	146		1261			
	1407					

O gráfico que representa a relação da posição linear dos elementos nucleares com a variação na concordância de número no SN encontra-se a seguir:

Gráfico 3 - Distribuição dos elementos nucleares em função da posição linear (SN)



Através dos dados acima, vimos que, dos 1407 elementos nucleares, 1185 se situam na segunda posição. Desses, 10% dos SNs apresentam a presença de concordância, enquanto 90% exibem ausência de concordância. Isso revela que a segunda posição, além de ser majoritária, favorece a ausência de concordância de número no SN, conforme já havia demonstrado Scherre (1988).

Já a primeira posição do SN foi a menos preenchida pelos elementos nucleares. Foram apenas três ocorrências (0,2% do total de SNs), as quais, cumpre dizer, foram produzidas pelo mesmo informante, com o mesmo elemento núcleo repetido três vezes, na posição de argumento do verbo existir, de forma variável (uma ocorrência com ausência de concordância no SN e duas com presença de concordância), o que nos impossibilita tecer algum tipo de conclusão. As ocorrências são apresentadas abaixo.

(2) [...] *eu achu assim...num exisiti pessoas ruim...i num existi família boa também não...cê sabi dissu né?...existi pessoas boas na família...pessoas boas na família [...]*
 – INF16

Na terceira posição do SN, a qual apresenta 219 ocorrências de elementos nucleares – constituindo 16% do total de SNs –, 13% dos SNs exibem presença de concordância, e 87% ausência. Já a única ocorrência de elemento nuclear na quarta posição apresenta a variante ausência de concordância:

(3) [...] *as minha duas minina todas duas quem mi levou foi u NP...pra eu ganhá [...]*
 – INF10

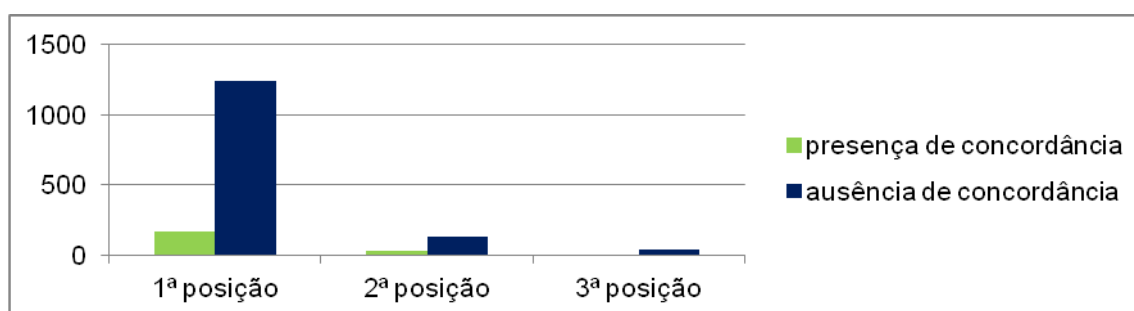
Para entender a variação nas últimas posições do SN, é fundamental olhar para os elementos não nucleares antecedentes, especialmente para a presença ou não de marca de plural. Por isso, retomaremos essa análise após conhecermos os resultados da posição linear dos elementos não nucleares, através da próxima tabela:

Tabela 4 - Distribuição dos elementos não nucleares em função da posição linear (SN)

posição linear elemento não nuclear	concordância de número no SN					visualização geral
	presença		ausência			
	n.º	%	n.º	%	PR	
1ª posição	163	12%	1241	88%	0.60	<p>□ 1ª posição ■ 2ª posição ■ 3ª posição</p>
2ª posição	27	17%	132	83%	0.49	
3ª posição	0	0%	41	100%	-	
total	190		1414			
	1604					

A representação gráfica dos dados da tabela 3, com foco na variação presença/ausência de concordância de número no SN, encontra-se a seguir:

Gráfico 4 - Distribuição dos elementos não nucleares em função da posição linear (SN)



Como é possível verificar, os elementos não nucleares ocupam, majoritariamente, a primeira posição e, nessa posição, 12% dos SNs apresentam presença de concordância. Esse percentual se eleva um pouco na segunda posição (17%), mas se reduz totalmente na terceira posição (0%). Diante disso, não pudemos constatar, apenas pela posição linear dos elementos não nucleares, o que favorece a presença de concordância no SN. Assim, procuramos identificar qual a relação entre a posição linear dos elementos não nucleares e a presença ou não de marca de plural²⁸, levando em conta o trabalho de Santos (2010). O que verificamos está exposto a seguir:

²⁸ Os numerais, que integram a classe dos quantificadores, foram considerados como marca \emptyset , apesar de serem invariáveis. Não julgamos que, para a nossa análise, fosse necessário separá-los das demais classes gramaticais.

Tabela 5 - Posição linear dos elementos não nucleares em função da marca de plural (SN)

marca de plural	variantes	posição linear - elementos não nucleares						PR
		1ª posição		2ª posição		3ª posição		
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	
marca "s"	ausência	891	90%	34	71%	0	-	0.42
	presença	97	10%	12	29%	0	-	
	total	988/ 1404	70%	46/159	29%	0/41	0%	
marca ∅	ausência	350	84%	98	87%	41	100%	0.64
	presença ²⁹	66	16%	15	13%	0	0%	
	total	416/1404	30%	113/159	71%	41/41	100%	

De modo bastante nítido, observamos, independentemente da variante, um decréscimo de presença de marca de plural em função das posições, ou seja, na primeira posição, 70% dos elementos não nucleares apresentam marca "s"; na segunda posição, o índice se reduz para 29% e, na terceira posição, não há nenhuma ocorrência. Em sentido inverso, a marca ∅ aumenta: na primeira posição, apenas 30% dos elementos não nucleares apresentam marca ∅; na segunda posição, 71%; e, na terceira posição, 100% das ocorrências se caracterizam pela ausência de marca morfológica de plural.

No que se refere à variação na concordância de número, constatamos que a marca ∅ favorece a variante ausência de concordância com PR 0.64. Se olharmos os percentuais, encontramos, em todas as posições, a predominância da ausência de concordância. Em função disso, apesar de a marca "s" aparecer com o PR 0.42, o qual desfavorece a aplicação da regra de ausência de concordância, não podemos afirmar que a marca "s" favorece a variante presença de concordância. No entanto, evidenciamos que, ao longo do SN, quanto mais houver a marca "s", maior a tendência da variante presença de concordância (na segunda posição, a presença de marca "s" eleva o índice da presença de concordância para 29%).

²⁹ Fazemos uma ressalva em relação às ocorrências de marca ∅ em SNs com a variante presença de concordância, já que parece contraditório tal fenômeno. Isso pode ser justificado pela nossa opção de categorizar os numerais como marca ∅, já que, como aponta Scherre (1978), o numeral favorece a presença de marcas nos elementos do SN, porque ele possui apenas marca semântica de pluralidade e pode estar sendo menos percebido como plural do que aquele segmento precedente que tem a marca.

Percebemos, então, que a marca explícita de plural no SN, especialmente quando se encontra em mais de uma posição linear, influencia a presença de concordância. Contudo, ainda assim, os resultados encontrados na variável independente posição linear e/ou na sua relação com marca de plural não nos diz muito sobre o que estaria, num contexto de predominância da variante ausência de concordância, influenciando as ocorrências da variante presença de concordância. Ainda voltaremos a essa discussão quando analisarmos a variável independente marcas precedentes.

Neste momento, nossa percepção é de que a variável posição linear sozinha não nos esclarece sobre a variação, confirmando o que Scherre (1988, 1996) nos aponta, isto é, que é preciso cruzá-la às variáveis classe gramatical e marcas precedentes para entender a influência desses fatores linguísticos na variação da concordância de número no SN. Faremos isso nas duas próximas subseções, nas quais os resultados da classe gramatical e das marcas precedentes serão expostos.

4.1.1.3. Classe gramatical

Para a análise da classe gramatical dos elementos que compõem os SNs encontrados em nosso *corpus*, separamos os elementos nucleares dos não nucleares, tal como fez Santos (2010). Para os primeiros, o enfoque foi direcionado à oposição binária, ou seja, se o elemento nuclear era substantivo ou não substantivo. Para os segundos – elementos não nucleares –, a divisão foi mais específica, considerando sete categorias (substantivo, adjetivo, possessivo, artigo, demonstrativo, indefinido e quantificador).

Mesmo sabendo que os achados da classe gramatical são melhor compreendidos quando cruzados com a posição linear (SCHERRE, 1988), a investigação separada sobre as classes gramaticais que ocorrem no sintagma nominal nos permite traçar um panorama sobre qual classe gramatical é mais comum entre os elementos nucleares e entre os elementos não nucleares.

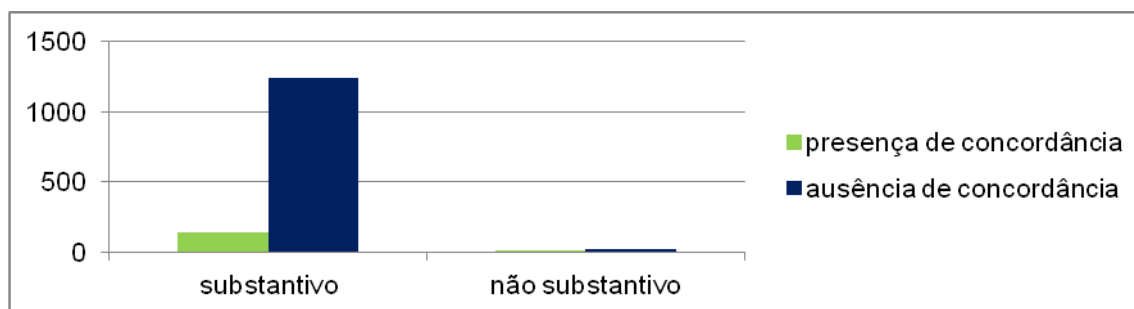
Na rodada dos dados, o GoldVarb/Varbrul 2001 nos proporcionou os seguintes resultados para o elemento nuclear:

Tabela 6- Distribuição dos elementos nucleares em função da classe gramatical (SN)

elemento nuclear	concordância de número no SN					visualização geral
	presença		Ausência			
classe gramatical	n.º	%	n.º	%	PR	
substantivo	142	10%	1244	90%	0.50	
não substantivo	04	19%	17	81%	0.20	
total	146		1261			

O gráfico abaixo ilustra estes resultados:

Gráfico 5 - Distribuição dos elementos nucleares em função da classe gramatical (SN)



Como se pode observar, a classe gramatical predominante nos elementos nucleares foi substantivo. Dos 1407 núcleos do SN, 1386 (98,5%) são substantivos. Os demais núcleos, considerados como não substantivo, se apresentam como adjetivo, demonstrativo, possessivo e, geralmente, fazem referência anafórica a algum substantivo ou se configuram como uma categoria substantivada pela presença do artigo, como se pode observar, respectivamente, a partir das ocorrências (4) e (5):

(4) [...] *tem três casadu* [...] – INF11

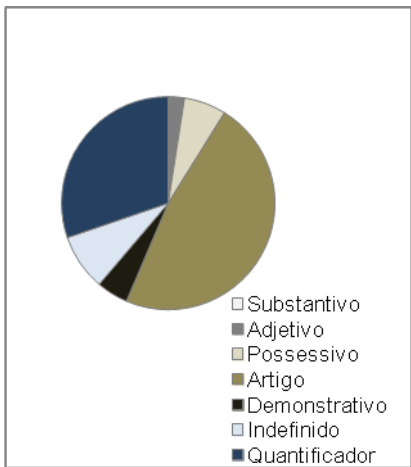
(5) [...] *us mais peludinhos* [...] – INF19

Em relação à variação investigada, vimos que, independentemente da classe gramatical do núcleo do SN, prevalece a ausência de concordância. Porém, em termos de peso relativo, é a classe gramatical substantivo que favorece a aplicação da regra da não concordância. Apesar disso, as ocorrências de classes gramaticais

não substantivo foram tão reduzidas (apenas 21, representando 1,5% dos dados), o que não nos permite concluir algo sobre a sua influência para a presença de concordância. O que nós podemos afirmar é que os elementos nucleares dos SNs produzidos pelos falantes de Oliveira Fortes-MG são, em sua maioria, substantivos.

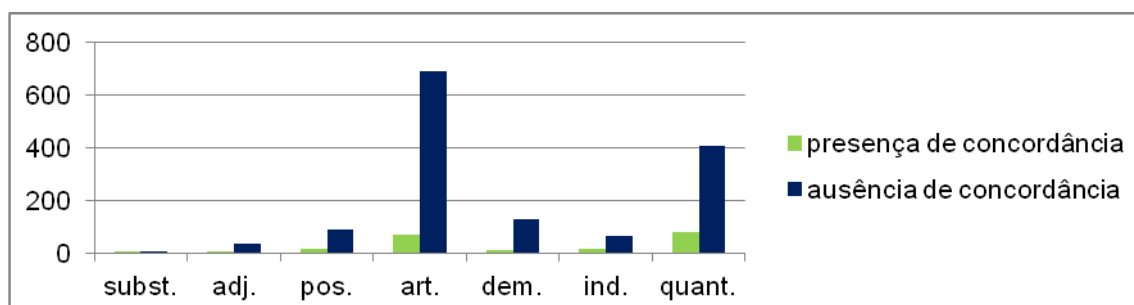
No que se refere aos elementos não nucleares, a distribuição que encontramos foi a seguinte:

Tabela 7 - Distribuição dos elementos não nucleares em função da classe gramatical (SN)

elemento não nuclear	concordância de número no SN					visualização geral
	presença		ausência			
classe gramatical	n.º	%	n.º	%	PR	
Substantivo	1	50%	1	50%	0.14	
Adjetivo	3	8 %	34	92%	0.17	
Possessivo	13	13%	90	87%	0.51	
Artigo	71	9 %	692	91%	0.62	
Demonstrativo	10	7 %	127	93%	0.68	
Indefinido	14	18%	63	82%	0.37	
Quantificador	78	16%	407	84%	0.28	
Total	190		1414			

Os dados da tabela 7 estão ilustrados no gráfico que se segue:

Gráfico 6 - Distribuição dos elementos não nucleares em função da classe gramatical (SN)







Como se vê, a classe gramatical mais recorrente é o artigo (763 ocorrências, representando 47,5% dos dados totais), seguida pelo quantificador (com 485 ocorrências, ou seja, 30%). Em menor escala, aparecem as classes dos

demonstrativos, dos possessivos e dos indefinidos, com 8,5%, 6,2% e 5,3%, respectivamente; e, em número bastante reduzido, as classes dos adjetivos (2,4%) e substantivos (0,1%).

A partir dessa distribuição de classes, observamos quais foram aquelas que favorecem a aplicação da regra de não concordância: o demonstrativo, com PR 0.68; o artigo, com PR 0.62; e o possessivo, com PR 0.51. Vimos, também, através dos percentuais, que apenas a classe dos substantivos apresenta índice equivalente para a variante presença de concordância, mas, dada à pequena representatividade dessa classe dentre os elementos não nucleares (2 ocorrências no total), não é possível, também neste caso, chegar a nenhuma conclusão pontual.

Buscando conclusões mais sólidas e seguindo os apontamentos de Scherre (1988), cruzamos a variável independente classe gramatical com a variável independente posição linear. Os resultados obtidos encontram-se a seguir:

Tabela 8 - Classe gramatical dos elementos nucleares em função da posição linear (SN)

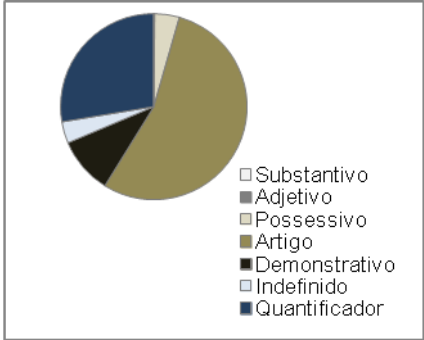
elemento nuclear						
posição linear	classe gramatical	concordância de número no SN				visualização geral
		presença		ausência		
		n.º	%	n.º	%	
1ª posição	substantivo	2	67%	1	33%	 □ substantivo ■ não substantivo
	não substantivo	0	-	0	-	
	total	2		1		
2ª posição	substantivo	114	10%	1057	90%	 □ substantivo ■ não substantivo
	não substantivo	1	8%	12	92%	
	total	115		1069		
3ª posição	substantivo	26	12%	185	88%	 □ substantivo ■ não substantivo
	não substantivo	3	38%	5	62%	
	total	29		190		
4ª posição	substantivo	0	0	1	100%	 □ substantivo ■ não substantivo
	não substantivo	0	-	0	-	
	total	0		1		

Como nos mostram a tabela e os gráficos apresentados, não há muita relevância em separar a classe gramatical dos elementos nucleares, já que, independente da posição linear, as ocorrências apresentam, majoritariamente, a classe gramatical substantivo. Apesar disso, percebemos que não há ocorrências de outras classes na primeira e quarta posições e que há um tênue aparecimento de não substantivos na segunda (13 ocorrências) e terceira posições (8 ocorrências).

No que se refere à variação na concordância de número, esse cruzamento da classe gramatical dos elementos nucleares com a posição linear não nos fornece evidências, pois, como já dissemos, a classe gramatical substantivo foi predominante em todas as posições.

Vejamos, agora, o que os elementos não nucleares nos revelam a partir de suas classes gramaticais analisadas em função da posição linear.

Tabela 9 - Classe gramatical dos elementos não nucleares em função da posição linear (1.^a posição) (SN)

elementos não nucleares					
1 ^a posição	concordância de número no SN				visualização geral
classe gramatical	presença		ausência		
	n. ^o	%	n. ^o	%	 <ul style="list-style-type: none"> □ Substantivo ■ Adjetivo ■ Possessivo ■ Artigo ■ Demonstrativo ■ Indefinido ■ Quantificador
substantivo	1	50%	1	50%	
adjetivo	0	0%	0	0%	
possessivo	10	17%	50	83%	
Artigo	69	9%	689	91%	
demonstrativo	10	7%	127	93%	
indefinido	7	13%	45	87%	
quantificador	66	16%	329	84%	
Total	1404				

Em relação aos elementos não nucleares, percebemos que, dos 1407 sintagmas nominais analisados, 1404 tem a primeira posição linear preenchida por um elemento não nuclear. Desses, 54% são artigo, 28% quantificador, 10% demonstrativo, 4,2% possessivo, 3,7% indefinido e 0,1% substantivo. Nesta posição, não houve ocorrências de adjetivo. Diante desses resultados, confirmamos que a classe gramatical que ocupa a primeira posição do SN é, predominantemente, o artigo. No que concerne à variação, todas as classes apresentam maior índice de não concordância, exceto o substantivo, que apresenta equivalência.

Para a segunda posição, encontramos os resultados expostos a seguir.

Tabela 10 – Classe gramatical dos elementos não nucleares em função da posição linear (2ª posição) (SN)

elementos não nucleares					
2.ª posição	concordância de número no SN				visualização geral
classe gramatical	presença		ausência		
	n.º	%	n.º	%	
Substantivo	0	0%	0	0%	
Adjetivo	3	30%	7	70%	
Possessivo	3	8%	36	92%	
Artigo	2	40%	3	60%	
Demonstrativo	0	0%	0	0%	
Indefinido	7	47%	8	53%	
Quantificador	12	13%	78	87%	
Total	159				

Na segunda posição, como se verifica na tabela acima, há uma redução de ocorrências de elementos não nucleares. Do total de SNs analisados, apenas 159 (11%) possuem elemento não nuclear na segunda posição, pois a tendência dos SNs de nosso *corpus* é a de apresentar o elemento nuclear nessa posição, conforme mostramos na subseção 4.1.1.2. Ainda assim, encontramos quantificadores, possessivos, indefinidos, adjetivos e artigo, os quais apresentam, respectivamente, um índice de 58%, 25%, 9,5%, 6,5% e 1%. Como se observa, quantificadores e possessivos ocupam mais de 80% da segunda posição.

Nessa posição, o cenário da variação que se apresenta é de que a presença de indefinidos na segunda posição – como se pode observar na ocorrência (6) – amplia o percentual de ocorrências da variante presença de concordância no SN, tendo em vista que o percentual das duas variantes ficou bem próximo nessa classe gramatical (47% e 53%). Por outro lado, a variante ausência de concordância, que é mais recorrente em todas as classes, mostra-se percentualmente maior quando há, na segunda posição do SN, elementos não nucleares da classe dos possessivos – conforme demonstrado na ocorrência (7).

(6) [...] *eu sempri mantivi us mesmus amigus* [...] – INF08

(7) [...] *as minha minina já vai crismá* [...] – INF10

Para a terceira posição dos elementos não nucleares, obtivemos os resultados a seguir.

Tabela 11 - Classe gramatical dos elementos não nucleares em função da posição linear (3ª posição) (SN)

elementos não nucleares					
3ª posição	concordância de número no SN				visualização geral
classe gramatical	presença		ausência		
	n.º	%	n.º	%	
substantivo	0	0%	0	0%	
adjetivo	0	0%	27	100%	
possessivo	0	0%	4	100%	
Artigo	0	0%	0	0%	
demonstrativo	0	0%	0	0%	
indefinido	0	0%	10	100%	
quantificador	0	0%	0	0%	
total	41				

Na terceira posição, encontramos baixa frequência de elementos não nucleares. Ao todo, foram 41 ocorrências, todas compondo um SN com ausência de concordância. Nessa posição, apenas as classes gramaticais adjetivo, possessivo e indefinido se fazem presentes. Em relação ao adjetivo e ao indefinido, observamos que os adjetivos ocorrem pospostos ao núcleo do SN, como se pode verificar na ocorrência (8), e os indefinidos, especificamente “tudo”, aparecem na última posição do SN com ausência de concordância, conforme exemplificado em (9):

(8) [...] *era umas vilinha fraquinha num dinuzim [...]* – INF06

(9) [...] *porque a genti pirdia as ixpricação tudu [...]* – INF08

O preenchimento da terceira posição por possessivos apresenta, curiosamente, a exclusividade do pronome possessivo de primeira pessoa no feminino “minha”. As quatro ocorrências foram:

(10) [...] *mai eu cortu mais é pra tratá duas vaca minha [...]* – INF01

(11) [...] *mexu mais cas criação minha [...]* – INF 01

(12) [...] *só aqui pra cima qui tem duas irmã minha [...]* – INF 06

(13) [...] *as prima minha mesmu qui mora im Barbacena* [...] – INF10

Diante das informações expostas sobre a variável independente classe gramatical, pudemos destacar que, na fala dos informantes de Oliveira Fortes-MG: i) os elementos nucleares são majoritariamente da classe substantivo, independente de sua posição dentro do SN; ii) o elemento não nuclear que ocupa a primeira posição do SN é, principalmente, o artigo; iii) na segunda posição, os quantificadores e os possessivos são mais recorrentes; e iv) não é muito frequente a ocorrência de SN com elemento não nuclear na terceira posição, mas, quando há, o adjetivo e o indefinido “tudo” são as classes gramaticais predominantes.

Contudo, no que se refere à variável dependente, consideramos, assim como Santos (2010, p. 81), que

[...] mesmo através do cruzamento, sugerido por Scherre, entre estes dois grupos de fatores (posição e classe gramatical) é impossível chegar a um resultado exato de qual fator favorece ou desfavorece a ausência ou a presença de concordância nominal.


4.1.1.4. Marcas precedentes

A análise da variável marcas precedentes levou em consideração apenas os elementos contidos do SN. Dessa maneira, ao analisarmos cada elemento do SN (nuclear e não nucleares), observamos o elemento imediatamente antecedente e não consideramos os elementos da primeira posição do SN (pois suas marcas estariam fora do SN).

Destacamos que tivemos dificuldades em realizar essa análise, pois “a forma de codificar esta variável não tem sido uniforme nos diversos trabalhos sobre o Português”, como reconhece Scherre (1998, p. 169). A nossa opção foi a análise binária: presença ou ausência de marca formal de flexão antes do segmento analisado. Além disso, separamos a análise dos elementos nucleares dos não nucleares.

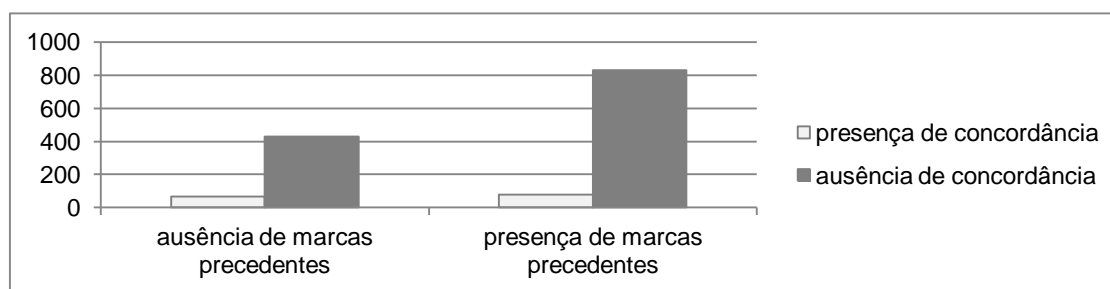
Durante as rodadas, o GoldVarb/Varbrul 2001 selecionou essa variável independente como relevante para os elementos nucleares, atribuindo-lhe os seguintes resultados:

Tabela 12 – Distribuição dos elementos nucleares em função das marcas precedentes (SN)

marcas precedentes	concordância de número no SN					visualização geral
	presença		ausência			
elemento nuclear	n.º	%	n.º	%	PR	 <p>□ presença de marcas ■ ausência de marcas</p>
presença	77	8%	830	92%	0.57	
ausência	67	13%	430	87%	0.37	
total ³⁰	144		1260			
	1404					

A variação na concordância de número em relação às marcas precedentes aos elementos nucleares está ilustrada no gráfico a seguir:

Gráfico 7 - Distribuição dos elementos nucleares em função das marcas precedentes (SN)



Como é possível observar, os elementos nucleares possuem, em sua maioria, a presença de marcas precedentes. Dos 1404 elementos nucleares analisados, 907 (65%) têm o antecedente com a marca “s”, e os demais 497 (35%) são precedidos, imediatamente, por elementos com marca \emptyset .

Em relação à variável dependente, observamos que a presença de marcas precedentes favorece a aplicação da regra da não concordância, com peso relativo de 0.57, o que, à primeira vista, pode parecer contraditório, já que o efeito das marcas precedentes no SN é apontado como um princípio que atua de tal modo que a presença da marca de plural no elemento antecedente influencia na presença da marca de plural no elemento seguinte, e a ausência da marca de plural no elemento antecedente influencia na ausência da marca de plural no elemento seguinte, considerando que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (cf. POPLACK,

³⁰ Lembramos que foram retiradas as três ocorrências em que o elemento nuclear se apresentou na primeira posição, dada a inviabilidade de analisar a sua marca precedente dentro do SN.

1980; NARO & SCHERRE, 1991, 1993; SCHERRE, 1988, 1994, 1998). Entretanto, um olhar mais amplo nos permite observar uma relação entre as variáveis marcas precedentes e posição linear e, ainda, em relação aos tipos de SN encontrados em nosso *corpus*. De modo mais direto, pudemos verificar a influência dos SNs constituídos por apenas dois elementos (elemento não nuclear + elemento nuclear) no favorecimento da regra da não concordância quando o elemento nuclear apresenta marcas precedentes, pois, nesses casos, o que ocorre é a presença de marca “s” no elemento da primeira posição e a ausência de marca “s” no elemento nuclear da segunda posição. Diante disso, constatamos que, em SNs curtos, o efeito das marcas precedentes é menor, já que o que parece prevalecer é a influência da variável posição linear (ou seja, a marca de plural apresentada no primeiro elemento do SN).

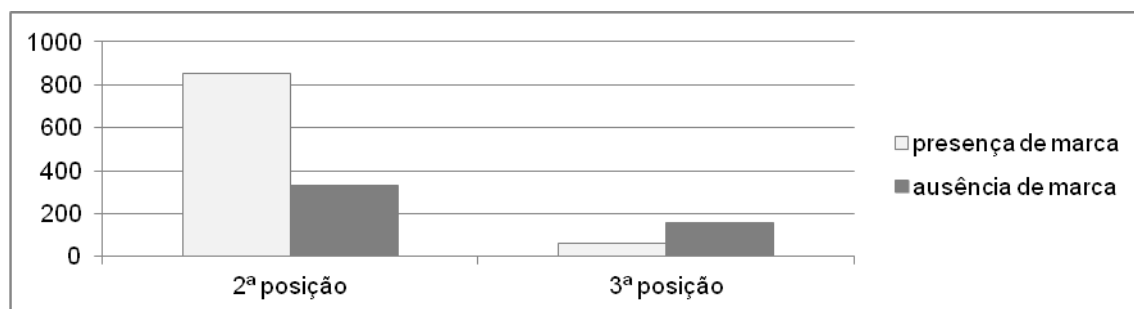
Para comprovar isso, cruzamos a variável marcas precedentes com a variável posição linear dos elementos nucleares.

Tabela 13 – Ocorrências de marcas precedentes aos elementos nucleares em função da posição linear (SN)

elemento nuclear	2ª posição				3ª posição				4ª posição			
	concordância de número no SN				concordância de número no SN				concordância de número no SN			
marcas precedentes	presença		ausência		presença		ausência		presença		ausência	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
presença de marca	67	8%	783	92%	12	20%	47	80%	0	-	0	-
ausência de marca	48	14%	286	86%	17	10%	143	90%	0	0%	1	100%
total	115		1069		29		190		0		1	
	1184				219				1			
	1404											

A fim de uma melhor visualização dos resultados da tabela acima, estruturamos o gráfico que se segue:

Gráfico 8 - Ocorrências de marcas precedentes aos elementos nucleares em função da posição linear – visualização geral – (SN)





Através do panorama geral em relação à posição do elemento nuclear/marcas precedentes (gráfico 8), vemos que os elementos da segunda posição são precedidos por marcas em 850 ocorrências (71% do total); os da terceira posição em 59 ocorrências (22% do total); e os da quarta posição em nenhuma ocorrência. A ausência de marcas, em contrapartida, é 100% na quarta posição, 88% na terceira posição e 29% na segunda posição, o que nos revela que a presença de marcas precedentes ao núcleo do SN também segue a linearidade do SN. Nesse sentido, ratificamos que, em nossos dados, a influência das marcas precedentes aparece entrelaçada à posição linear, sendo esta última mais perceptível.

Em relação ao favorecimento da regra da não concordância, observamos que, em todas as posições, há a predominância da variante ausência de concordância, independentemente da presença ou ausência de marcas precedentes. Entretanto, cabe ressaltar que as ocorrências da variante presença de concordância em SNs cujos núcleos não apresentam marcas de plural precedentes é decorrente, principalmente, dos numerais.

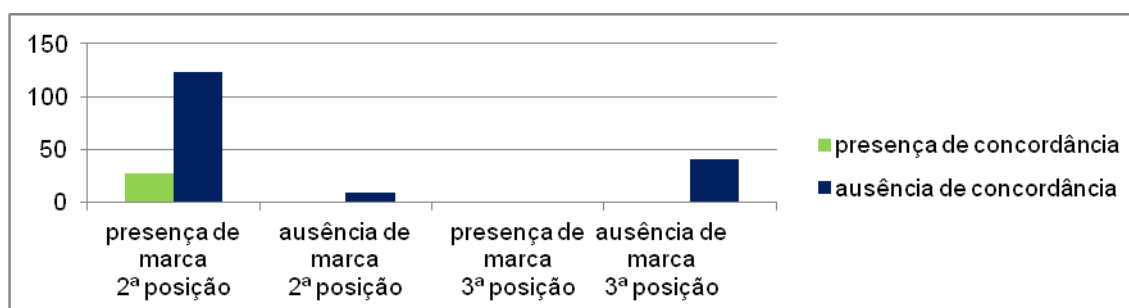
Vejamos, agora, os resultados encontrados para os elementos não nucleares do SN.

Tabela 14 – Distribuição das marcas precedentes aos elementos não nucleares em função da posição linear (SN)

elemento não nuclear	marcas precedentes	concordância de número no SN				visualização geral
		presença		ausência		
		n.º	%	n.º	%	
2ª posição	presença	27	18%	123	82%	 □ presença de marcas ■ ausência de marcas
	ausência	0	0%	9	100%	
	total	27		132		
3ª posição	presença	0	-	0	-	 □ presença de marcas ■ ausência de marcas
	ausência	0	0%	41	100%	
	total	0		41		

A variação na concordância de número no SN, considerando as marcas precedentes aos elementos não nucleares e a posição linear desses elementos, está representada no gráfico a seguir:

Gráfico 9 - Distribuição das marcas precedentes aos elementos não nucleares em função da posição linear (SN)



Na análise dos resultados das marcas precedentes para os elementos não nucleares, considerados como não relevantes pelo GoldVarb/Varbrul 2001, observamos que, dos 159 elementos não nucleares que ocupam a segunda posição do SN, 150 (94%) são precedidos por uma unidade lexical que apresenta marca explícita de plural. O restante dos SNs (6%) nos surpreendeu, pois há a presença do artigo na primeira posição, mas sem a marca de plural:

(14) [...] a morti du meus vô [...] – INF07

(15) [...] *eu num dependu du meus fiu [...]* – INF05

(16) [...] *u seus aparej vai trabalhá muito mais [...]* – INF16

Em todos os casos (9 ocorrências), o segundo elemento do SN é um pronome possessivo, o qual apresenta a marca de plural. Ao que parece, nesses casos, a característica de marcar o plural no primeiro elemento do SN se transfere para o segundo elemento, pois a presença do artigo aparece aglutinada à exigência de preposição da regência nominal e verbal (como nos exemplos: *morte de (dos) meus avô; dependu de (dos) meus fiu*) e/ou poderia ser retirada (\emptyset *seus aparej*).

No que se refere à relação entre marcas precedentes e presença de concordância, vimos que todas as ocorrências da variável presença de concordância apresentam marcas precedentes à segunda posição. Apesar disso, não pudemos verificar o contrário: nem sempre que há marcas precedentes há concordância (foram 123 ocorrências – 82% – de presença de marcas precedentes em SNs com ausência de concordância).

Por outro lado, na terceira posição, na qual nenhum elemento apresentou marcas precedentes, foi categórica a ausência de concordância. Obviamente, quando se chega à terceira posição e algum elemento anterior não exhibe marcas de plural, é configurado um caso de ausência de concordância. Entretanto, observamos que nenhum falante manteve a concordância em SNs mais complexos (com mais de três elementos), o que nos parece ter uma intrínseca relação com a preferência pelos SNs curtos, já discutida nas seções anteriores.

4.1.2. Fatores sociais

Os fatores sociais analisados – como já mencionado no Capítulo III – foram: i) a zona de residência; ii) o sexo, iii) a faixa etária e iv) a escolaridade dos informantes.

Em relação aos resultados provenientes do programa estatístico GoldVarb/Varbrul 2001, vimos que, na rodada do peso relativo, foram apontados como relevantes os fatores sexo, faixa etária e escolaridade. O fator zona de residência, portanto, foi eliminado. Apesar disso, interessa-nos saber qual(is)


razão(ões) estariam por detrás dos valores e, por isso, os quatro fatores serão apresentados e discutidos nas subseções que se seguem.

Cabe destacar que, na análise dos fatores sociais, além de buscarmos suporte em pesquisas anteriores – conforme apresentado no Capítulo II e como foi feito na análise dos fatores linguísticos –, procuramos explicar os resultados quantitativos através do perfil social da comunidade, o que traz a esta seção uma perspectiva distinta da anterior.

4.1.2.1. Zona de residência

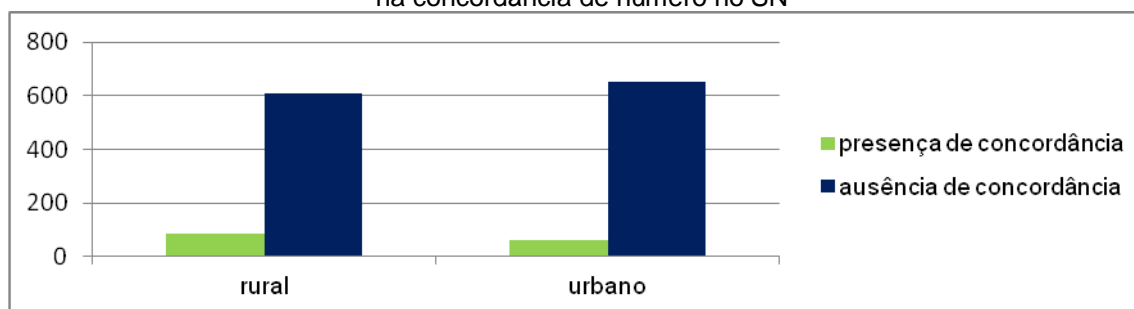
O fator zona de residência foi analisado com base na divisão geográfico-social do município de Oliveira Fortes-MG, ou seja, em termos de rural-urbano e, como já informamos anteriormente, não apresentou um peso relativo relevante para a variação na concordância de número no SN, pois os pesos relativos das duas zonas (rural/urbana) foram equivalentes. Apesar disso, é importante a observação dos dados em termos de ocorrências e porcentagens:

Tabela 15 - Distribuição da zona de residência em relação à variação na concordância de número no SN

zona de residência	concordância de número no SN					visualização geral
	presença		ausência			
	n.º	%	n.º	%	PR	
Rural	84	12%	607	88%	0.50	 □ rural ■ urbano
Urbano	62	8%	654	92%	0.50	
Total	146		1261			

Os dados acima podem ser melhor visualizados no gráfico que se segue:

Gráfico 10 - Distribuição da zona de residência em relação à variação na concordância de número no SN



Como mostram a tabela e o gráfico acima, as duas zonas de residência apresentam ausência de concordância de modo proeminente: na zona rural, 88% das ocorrências não exibem marcação da concordância de número no SN e, na zona urbana, o índice é de 92%. Conseqüentemente, a presença de concordância é bastante sutil – 12% na zona rural e 8% na zona urbana.

O que nos surpreende nesses resultados é o fato de a zona rural apresentar mais presença de concordância do que a zona urbana. Tal situação contraria nossa hipótese, mas, por outro lado, nos revela que não é possível separar, dentro da comunidade pesquisada, os espaços rurais e os urbanos. Como apontamos no Capítulo III, a urbanização do município de Oliveira Fortes-MG é superficial. Portanto, independentemente do local de residência do informante, prevalecem as características rurais, as quais, no âmbito linguístico, se refletem no conservadorismo em relação ao uso da não concordância.

Esse resultado encontrado por nós, em termos de comparação, se aproxima da constatação de Santos (2010) sobre a alta frequência de ausência de concordância no espaço urbano de Pedro Leopoldo-MG, ao mesmo tempo em que dissipa as diferenças mostradas por Dias (1993), em que o fator zona rural foi favorecedor da ausência de concordância. Em relação a ambas, a nossa aproximação e o nosso distanciamento são significativos, pois evidenciam a necessidade de especular as particularidades das comunidades pesquisadas. Santos (2010) pesquisou uma cidade mineira situada na região metropolitana de Belo Horizonte, com pouco mais de 60 mil habitantes. Dias (1993), por sua vez, investigou Brasília-DF, a capital do país. Sem dúvidas, o perfil de urbanização das localidades é o que torna a distinção rural-urbana mais ou menos polarizada. No nosso caso, vimos que não é satisfatório pensar a variação da concordância nominal em Oliveira Fortes-MG sob essa ótica, pois há outras questões sociais envolvidas, tais como a noção de redes sociais

(MILROY, 1980). Devido à sua importância, aprofundaremos esta discussão no Capítulo V.

Por hora, o que nos parece pertinente é enfatizar os índices de 88% de ausência de concordância na zona rural e de 92% na zona urbana, corroborando a nossa hipótese geral de que o perfil sociolinguístico no município de Oliveira Fortes-MG é conservador em relação à concordância de número no SN, independentemente da zona de residência dos moradores.

4.1.2.2. Sexo

A análise da influência do fator sexo nos permitiu constatar a relevância dessa variável independente, bem como confirmar a evidência de diversas pesquisas sociolinguísticas, nas quais se verifica que os falantes do sexo feminino tendem a se aproximar mais da variante de prestígio do que os do sexo masculino (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980). Os nossos resultados, expostos na tabela e no gráfico a seguir, mostram isso:

Tabela 16 - Distribuição do sexo em relação à variação na concordância de número no SN


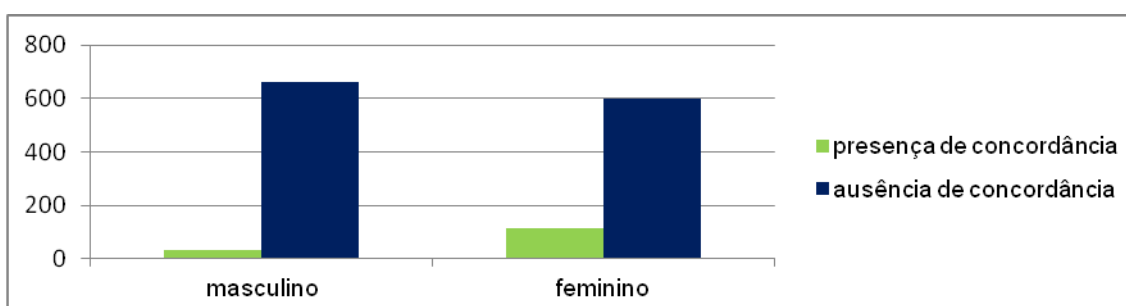
sexo	concordância de número no SN					visualização geral
	presença		ausência			
	n.º	%	n.º	%	PR	
masculino	33	4%	663	96%	0.67	 □ masculino ■ feminino
feminino	113	15%	598	85%	0.33	
total	146		1261			

Gráfico 11 - Distribuição do sexo em relação à variação na concordância de número no SN



Levando em consideração os pesos relativos, vemos que o sexo masculino favorece em 0.67 a aplicação da regra da não concordância. O sexo feminino, por sua vez, possui um peso relativo de 0.33 e, portanto, não favorece a ausência de concordância. Nessa direção, ao observarmos as outras informações oferecidas pelo GoldVarb/Varbrul 2001 – ou seja, número de ocorrências e porcentagem para cada variante –, constatamos que o sexo feminino apresenta maior frequência de uso variante presença de concordância em comparação ao sexo masculino, pois o sexo feminino realiza a concordância em 15% das ocorrências, enquanto o sexo masculino só a faz em 4%. Além disso, observando apenas o total de ocorrências de cada variante, temos que o sexo feminino é responsável por 77% dos SNs com presença de concordância (113 das 146 ocorrências).

Contudo, no que se refere à variante ausência de concordância, vimos que, apesar de o sexo masculino apresentar maior frequência de ausência de concordância, não podemos negar que, também no sexo feminino, o índice de ausência de concordância é bastante superior ao da presença de concordância – 85% contra 15% de presença de concordância.

Assim sendo, no delineamento do perfil da comunidade, podemos constatar que ambos os sexos realizam com alta frequência a ausência de concordância de número no SN – 96% (sexo masculino) e 85% (sexo feminino) –, o que ratifica nossa hipótese de conservadorismo linguístico em Oliveira Fortes-MG no que se refere à concordância de número no SN.

4.1.2.3. Faixa etária

O fator faixa etária, como já antecipamos, demonstrou relevância no que concerne à variação investigada. Os resultados quantitativos obtidos foram os seguintes:

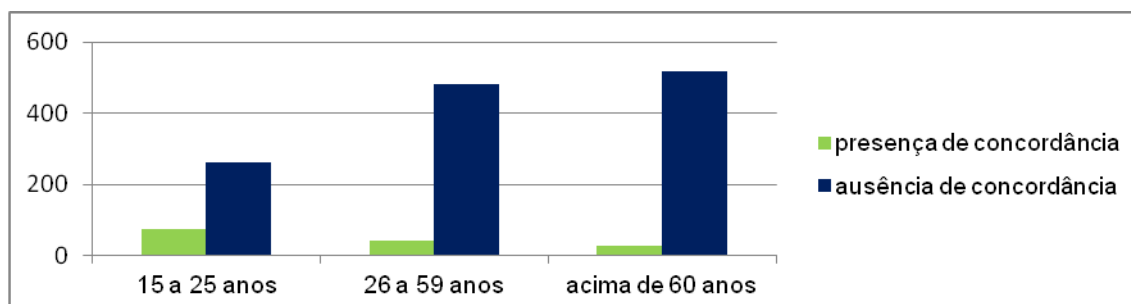
Tabela 17 - Distribuição da faixa etária em relação à variação na concordância de número no SN

faixa etária	concordância de número no SN					visualização geral
	presença		ausência			
	n.	%	n.	%	PR	
15 a 25 anos	74	22%	262	73%	0.25	<p> <input type="checkbox"/> 15 a 25 anos <input type="checkbox"/> 26 a 59 anos <input type="checkbox"/> acima de 60 anos </p>
26 a 59 anos	44	8%	480	92%	0.53	
acima de 60 anos	28	5%	519	95%	0.62	
total	146		1261			

Através da tabela acima, evidencia-se como a faixa etária se mostra relevante para o fenômeno em variação pesquisado. Os pesos relativos de cada faixa etária evidenciam qual possui maior influência para a predominância da variante ausência de concordância: a faixa etária acima de 60 anos apresenta um peso relativo de 0.62 no favorecimento da regra da não concordância; a faixa etária intermediária (26 a 59 anos) possui um peso relativo de 0.52, também favorecedor da regra; e a faixa etária mais jovem (15 aos 25 anos) não favorece a aplicação da regra, pois seu peso relativo é 0.25, ou seja, inferior a 0.5.

Além disso, a frequência de uso de cada variante também se difere de acordo com a idade dos informantes. A presença de concordância é bem maior nos falantes mais jovens (22%) e segue um declínio em função do aumento da idade (8% nos adultos e 5% nos idosos). Consequentemente, a ausência de concordância possui um caminho inverso: são os mais idosos que lideram a porcentagem das ocorrências (95%), seguidos pelos adultos (92%) e pelos jovens (73%). Essa trajetória pode ser melhor visualizada no gráfico a seguir:

Gráfico 12 - Distribuição da faixa etária em relação à variação na concordância de número no SN



O que notamos, através dos dados, é exatamente o que havíamos suposto: quanto maior a idade, maior o uso da variante ausência de concordância; e quanto menor a idade, maior o uso da variante presença de concordância.

Essa constatação de que há uma nítida distribuição de variante por faixa etária nos leva a pensar que, talvez, daqui a algum tempo, seja possível observar, com mais clareza, um processo de mudança linguística na comunidade, já que os jovens têm se direcionado para o uso da variante de prestígio. Se atentarmos para o total de ocorrências de cada variante e aos usos dos informantes de 15 a 25 anos, vemos que 50%³¹ das ocorrências da variante presença de concordância foram proferidas por eles, enquanto apenas 20%³² foram da variante ausência de concordância. Por outro lado, essa diferença observada na faixa etária mais jovem pode estar, simplesmente, relacionada à escolarização, que acaba sendo mais influente nessa etapa da vida, devido à necessidade de inserção no mercado de trabalho, conforme discutido no Capítulo II. Tal especulação será retomada na próxima subseção, na qual apresentaremos os resultados para o fator escolaridade, assim como no Capítulo V, no qual buscaremos conclusões mais voltadas para o perfil dos falantes, considerando suas particularidades.

Apesar dessa evidência, o que nos parece importante destacar, neste momento, diante dos resultados gerais para o fator faixa etária, é que a configuração linguística está bastante delineada para a manutenção da ausência de concordância, pois o que prevalece é a variante conservadora em todas as faixas etárias, ainda que se distingam em termos de pesos relativos, número de ocorrências e porcentagens.

Diante do exposto, concluímos que o fator faixa etária, até o momento, é o que mais nos leva ao esclarecimento do fenômeno em variação investigado, pois sinaliza a manutenção linguística (a prevalência da variante ausência de concordância de número no SN) em todas as faixas etárias e, ainda, aponta a necessidade de haver maior exploração dos resultados da faixa etária mais jovem, considerando as hipóteses de uma possível mudança no perfil da comunidade no futuro e/ou de uma forte influência da escolaridade/do mercado de trabalho. A faixa etária, portanto, será retomada na próxima subseção e no próximo capítulo.

³¹ Porcentagem relacionada ao total de ocorrências da variante presença de concordância, ou seja, 146 ocorrências.

³² Porcentagem relacionada ao total de ocorrências da variante ausência de concordância, ou seja, 1261 ocorrências.

4.1.2.4. Escolaridade

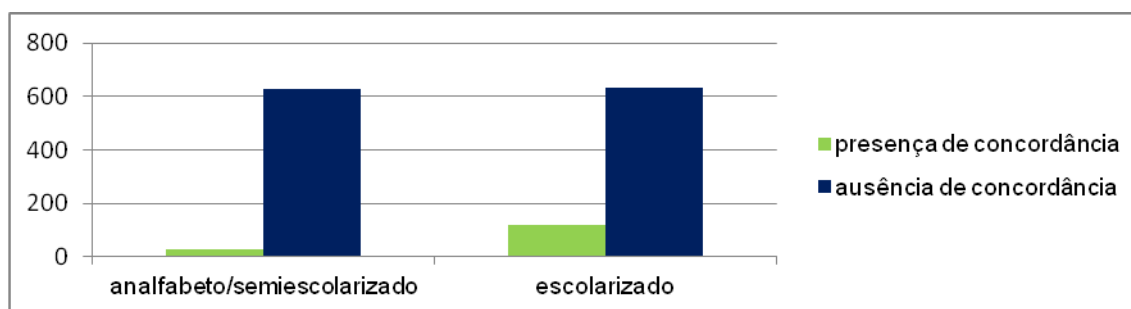
O fator escolaridade foi analisado com base em duas condições de escolarização: analfabeto/semiescolarizado e escolarizado (cf. Capítulo III). Os resultados obtidos através do programa GoldVarb/Varbrul 2001 seguem abaixo:

Tabela 18 - Distribuição da escolaridade em relação à variação na concordância de número no SN

escolaridade	concordância de número no SN					visualização geral
	presença		Ausência			
	n.º	%	n.º	%	PR	
analfabeto/ semiescolarizado	27	4%	630	96%	0.67	<p>□ analfabeto/semiescolarizado ■ escolarizado</p>
escolarizado	119	15%	631	85%	0.35	
total	146		1261			

Os dados da tabela 18 estão representados no gráfico a seguir:

Gráfico 13 - Distribuição da escolaridade em relação à variação na concordância de número no SN



Conforme é possível observar, tanto os analfabetos/semiescolarizados como os falantes escolarizados fazem mais uso da variante ausência de concordância, já que, respectivamente, essa variante aparece em 96% e 85% dos usos variáveis.

Apesar disso, os dados da tabela nos mostram que são os falantes analfabetos ou semiescolarizados que favorecem a aplicação da regra da não concordância, já que apresentam peso relativo 0.67. Esses falantes utilizam, majoritariamente, a variante ausência de concordância, de tal forma que o uso da variante presença de concordância é minoritário, ou seja, 4%.

Cabe destacar, ainda, que, nesses 4% da variante presença de concordância entre os falantes analfabetos ou semiescolarizados, os usos são bastante simples, em palavras corriqueiras, como exemplificadas a seguir:

(17) [...] *eu já tava cum trezi anus* [...] – INF09

(18) [...] *aí eu fiquei até novi horas da noiti* [...] – INF15

(19) [...] *naqueli tempu...u saláriu era...duzens reias* [...] – INF21

Além disso, notamos que essas construções com presença de concordância realizadas por esses falantes apresentam, geralmente, um sintagma nominal composto por um numeral/quantificador. Tal configuração pode ser interpretada, com base em Scherre (1978), em função da não percepção, pelos falantes analfabetos/semiescolarizados, da pluralidade nos numerais e da consequente necessidade de marcar o número no SN.

Ainda sobre os falantes analfabetos/semiescolarizados, é válido ressaltar que aqueles que realizam ocorrências da variante presença de concordância não as fazem de modo sistemático, ou seja, o mesmo informante utiliza, em alguns momentos, a forma no plural e, em outros, no singular, como nos exemplos a seguir:

(20) [...] *tava cum onzi anu* [...] – INF09

(21) [...] *eu já tava cum trezi anus* [...] – INF09

(22) [...] *aí eu fiquei até novi horas da noiti* [...] – INF15

(23) [...] *eli é té seis hora* [...] – INF15

Considerando esses achados, podemos assegurar que a ausência de concordância tem sua utilização bastante (quase totalmente) produtiva nos informantes com pouca ou nenhuma escolarização.

Já os falantes escolarizados³³ apresentam um perfil diferente, conforme havíamos previsto. O índice de ocorrências da variante presença de concordância

³³ Vale lembrar que os níveis de escolarização dos informantes variam, pois seguem a tendência do município no que tange à relação entre faixa etária e escolarização. Assim, os informantes da faixa etária 1 concluíram ou estão cursando o Ensino Médio; os informantes da faixa etária 2 cursaram do 6º ao 9º ano; e os informantes da faixa etária 3 possuem apenas até o 5º ano.

foi de 15% (119 ocorrências), o que também sinaliza que, no resultado total de presença de concordância (146), 81,5% pertencem aos escolarizados.

A característica das construções desses falantes em que há concordância de número no sintagma nominal é mais elaborada do que as dos outros informantes exemplificados acima. Nos falantes escolarizados, encontramos:

(24) [...] *essa bobera assim di colocá essis apilidus carinhosus assim* [...] – INF08

(25) [...] *fiquei em casa pra cuidar das obrigações aqui* [...] – INF10

(26) [...] *u padri divia di perguntá lá igreja assim “quem tá satisfeito cum as suas mulheres?”* [...] – INF16

Como se pode observar, há sintagmas nominais menos simples, ou seja, sintagmas compostos por mais de dois elementos e com nomes (substantivo/adjetivo) cuja oposição singular/plural é mais saliente (obrigação/obrigações; mulher/mulheres; carinhoso/carinh[os]os). Esses dados evidenciam que, de fato, a escolarização provoca mudanças perceptíveis nos usos linguísticos dos falantes. Para investigar mais cuidadosamente essa questão, cruzaremos, ainda nesta subseção, a escolaridade com a saliência fônica.

Por outro lado, também encontramos usos variáveis de construções simples nas entrevistas desses falantes, de modo semelhante aos analfabetos/semiescolarizados:

(27) [...] *us otrus mora cum meu pai i minha mãe* [...] – INF04

(28) [...] *essa aí eu num acreditava não... falava cus otu qui num acreditava* [...] – INF04

(29) [...] *as coisas vai mudanu* [...] – INF10

(30) [...] *quandu precisa resorvê as coisa pa minha mãe eu sempri vô* [...] – INF10

Esses exemplos nos trazem o alerta de que não podemos conjecturar que é a escolarização que “determina” as escolhas linguísticas dentro da variável. Soma-se a essa constatação o fato de que o uso predominante feito pelos falantes escolarizados é o da variante ausência de concordância. Os escolarizados compõem 50% dos usos da não concordância, dividindo, de forma igualitária, a quantidade de ocorrências com os informantes analfabetos/semiescolarizados, como

se observa na tabela 18. Além disso, o percentual de 85% de frequência da não concordância nos levanta um importante aspecto a ser aprofundado: por que, mesmo com a escolarização, os informantes utilizam em tão alto grau a variante desprestigiada? Acreditamos que, por enquanto, não podemos apresentar propostas claras de resposta a essa questão. Portanto, a levaremos para reflexão no Capítulo V.

Neste momento, ainda no âmbito quantitativo, buscaremos compreender melhor a variação na concordância de número no SN na comunidade de Oliveira Fortes-MG, cruzando a variável independente escolaridade com a variável independente faixa etária e, posteriormente, com a variável independente saliência fônica, a fim de suprir algumas das lacunas deixadas ao longo de nossas análises quantitativas (subseções 4.1.2.3 e 4.1.1.1, respectivamente).

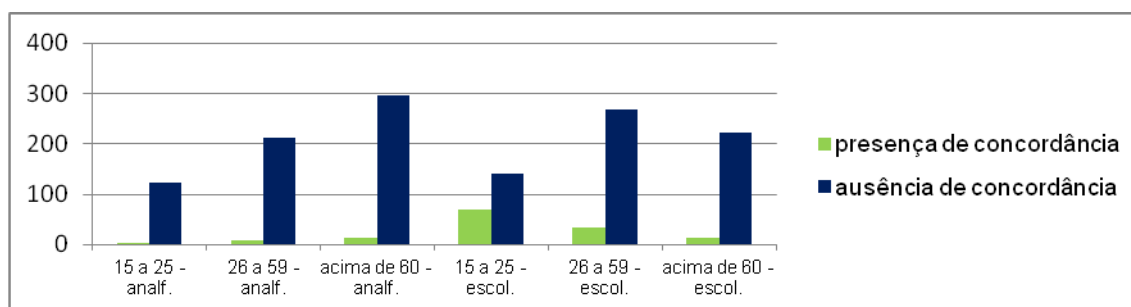
Em relação à faixa etária, nosso intuito ao realizar o cruzamento com a variável independente escolaridade é entender, especificamente, os resultados da variação na concordância de número encontrados, especificamente, na faixa etária de 15 a 25 anos, os quais nos levam a pensar na forte influência da escolaridade entre os jovens, em função, talvez, de sua entrada no mercado de trabalho. O resultado do cruzamento da variável independente escolaridade com a variável independente faixa etária está exposto a seguir:

Tabela 19 - Cruzamento das variáveis independentes escolaridade e faixa etária em relação à variação na concordância de número no SN

escolaridade	faixa etária	concordância de número no SN			
		presença		ausência	
		n.º	%	n.º	%
analfabeto/ semiescolarizado	15 a 25 anos	4	3%	122	97%
	26 a 59 anos	9	4%	212	96%
	acima de 60 anos	14	5%	296	95%
escolarizado	15 a 25 anos	70	33%	140	67%
	26 a 59 anos	35	12%	268	88%
	acima de 60 anos	14	6%	223	94%
	total	146		1261	

Os dados da tabela 19 também estão representados no gráfico a seguir para melhor visualização:

Gráfico 14- Cruzamento das variáveis independentes escolaridade e faixa etária em relação à variação na concordância de número no SN



É relevante observar nos resultados a regularidade, no caso dos falantes analfabetos/semiescolarizados, da variação na concordância de número no SN. Nas três faixas etárias, temos um índice superior a 95% de ausência de concordância, o qual diminui 1% em cada faixa etária (97% na faixa de 15 a 25 anos, 96% na faixa de 26 a 59 anos e 95% na faixa acima de 60 anos). Conseqüentemente, a presença de concordância se eleva em 1% à medida que aumenta a faixa etária (3% na faixa de 15 a 25 anos, 4% na faixa de 26 a 59 anos e 5% na faixa acima de 60 anos).

Para os falantes escolarizados, o delineamento da variação é distinto: a presença de concordância diminui à medida que aumenta a faixa etária. Na faixa etária mais jovem, o índice de presença de concordância chega a 33%, mas, já na faixa etária intermediária (26 a 59 anos), se reduz para 12% e, entre os falantes acima de 60 anos, o valor é de 6%.

Acreditamos que essa constatação responda aos questionamentos apresentados ao final da subseção 4.1.2.3. no que se refere ao uso da variante presença de concordância pelos jovens, ou seja, revela a possibilidade de um processo de mudança na comunidade investigada ou indica que o resultado obtido está, simplesmente, atrelado à influência da escolarização. Para nós, a segunda evidência é mais forte, pois vimos que, após o período de escolarização regular e/ou a etapa de inserção no mercado de trabalho, há uma redução no uso da variante prestigiada.

Mesmo com essa constatação, entendida como satisfatória para nós, retomaremos a discussão da faixa etária e sua relação com a escolarização, assim

como a dos demais fatores sociais já tratados, na análise qualitativa que será apresentada no Capítulo V.

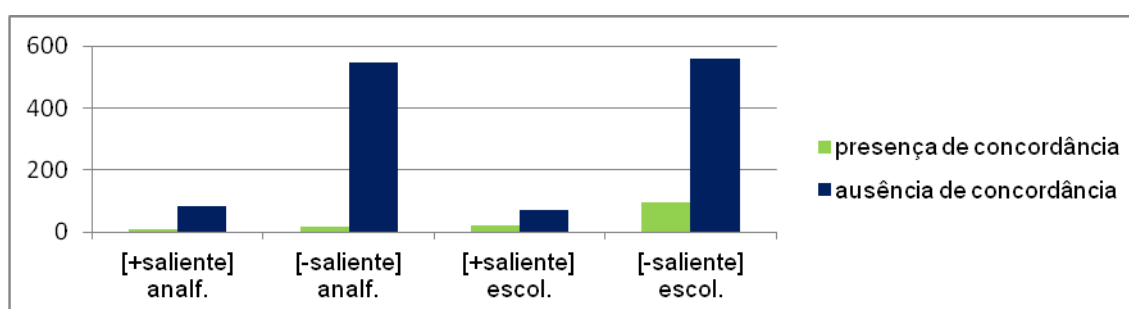
Prosseguindo os cruzamentos, buscamos uma relação entre a saliência fônica dos elementos nucleares³⁴ e a escolaridade. Os resultados encontrados foram os seguintes:

Tabela 20 – Cruzamento das variáveis independentes escolaridade e saliência fônica em relação à variação na concordância de número no SN

escolaridade	saliência fônica	concordância de número no SN			
		presença		ausência	
		n.º	%	n.º	%
analfabeto/semiescolarizado	[-saliente]	19	3%	548	97%
	[+saliente]	8	9%	82	81%
escolarizado	[-saliente]	97	15%	559	85%
	[+saliente]	22	23%	72	77%
	total	146		1261	

Em termos da distribuição da variável independente saliência fônica entre os falantes analfabetos/semiescolarizados e os escolarizados, cujos valores estão expostos na tabela acima, obtivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 15 - Cruzamento das variáveis independentes escolaridade e saliência fônica em relação à variação na concordância de número no SN



Como se pode observar, as formas com traço [-saliente] predominam nas duas condições de escolaridade. Do total de ocorrências por escolarização, ou seja, 657

³⁴ Relembramos que não foram relevantes os resultados para a variável independente saliência fônica em relação aos elementos não nucleares. Por isso, cruzamos apenas os resultados dos elementos nucleares.

por falantes analfabetos/semiescolarizados e 750 por falantes escolarizados, o traço [-saliente] é encontrado em 567 ocorrências dos falantes com nenhuma ou pouca escolarização (86,3%) e em 656 ocorrências dos falantes escolarizados (87,5%). Através desse resultado inicial, verificamos como a preferência dos falantes, independente da escolarização, é por unidades lexicais cuja oposição singular/plural é [-saliente] e, portanto, menos complexa, como já vínhamos constatando ao longo deste trabalho.

Apesar disso, é relevante observar as nuances da distribuição do traço [+saliente]. No total de ocorrências proferidas pelos falantes escolarizados, 94 núcleos do SN (12,5%) apresentam a oposição singular/plural de modo [+saliente]. Desses, apenas 23% ocorrem em sintagma com concordância nominal. Já os analfabetos ou semiescolarizados utilizaram núcleos mais salientes em 90 sintagmas nominais (13,8% das 657 ocorrências) e, em apenas 9%, houve presença de concordância.

Diante disso, percebemos que há uma diferença, mesmo que pequena, entre os falantes escolarizados e os analfabetos/semiescolarizados, pois, ainda que a ausência de concordância prevaleça em ambas as condições de escolarização, os escolarizados utilizam mais formas [+salientes] em sintagmas com concordância nominal. Nesse sentido, podemos conjecturar que a escolarização exerce, sim, uma pressão na monitoração linguística do falante, pois as formas mais salientes são mais percebidas e a não concordância nesses casos é mais estigmatizada. Isso nos parece ainda mais evidente quando olhamos para o percentual de concordância nas formas [-salientes]. Nesses casos, o falante escolarizado efetua menos concordância (apenas 15%), pois tende a haver um relaxamento da monitoração, já que o estigma é menor em relação às formas [-salientes].

Portanto, corroborando os resultados de pesquisas anteriores (cf. Capítulo II), vimos que realmente há a influência da saliência fônica na marcação da concordância, especialmente quando se trata de falantes escolarizados. Em contrapartida, apesar dessa constatação, prevalece, em nossos dados, a sobrepujança da ausência de concordância, mesmo nos falantes escolarizados e nas formas [+salientes]. Ao que nos parece, o perfil sociolinguístico conservador do município de Oliveira Fortes-MG é mais forte do que tendências linguísticas e sociais sobre o fenômeno em variação. Aprofundaremos sobre essa questão no Capítulo V.

4.1.3. Aspectos principais: síntese

A variação na concordância de número nos sintagmas nominais proferidos pelos informantes do município de Oliveira Fortes-MG nos mostrou que a variante ausência de concordância prevalece na comunidade de fala, representando 89,6% dos usos. Como consequência disso, todas as variáveis independentes investigadas apresentaram maior índice de ausência de concordância.

Através dos resultados dos fatores linguísticos, concluímos que, em função de haver, em todos os fatores, a prevalência da variante ausência de concordância de número no SN, as diferenças estatísticas entre as variantes não nos possibilitam identificar, claramente, qual seria o fator responsável pelo conservadorismo linguístico na comunidade de Oliveira Fortes- MG. Por outro lado, conseguimos encontrar uma tendência de uso entre os falantes dessa comunidade, a qual parece favorecer essa ausência. Essa tendência foi percebida na configuração dos SNs recorrentes no *corpus*, nos quais predominam os SNs curtos (constituídos por um elemento não nuclear na primeira posição e por um elemento nuclear na segunda posição), compostos por unidades lexicais menos complexas (com menor saliência fônica na oposição singular/plural). Diante disso, acreditamos que todos os resultados dos fatores linguísticos se tornam dependentes dessa configuração: i) o traço [-saliente] é predominante nos SNs; ii) as posições mais preenchidas são a primeira e a segunda; iii) a classe gramatical do núcleo do SN majoritária é o substantivo e, nos elementos não nucleares, prevalece o artigo; iv) as marcas de plural ocorrem, na maior parte dos SNs, na primeira posição, fazendo com que as marcas precedentes à segunda posição favoreçam a ausência de concordância, já que o plural tende a ser marcado apenas na primeira posição do SN.

Em outra direção, também conseguimos confirmar os apontamentos de pesquisas anteriores (cf. Capítulo II) em relação aos aspectos linguísticos relevantes para o uso da variante presença de concordância de número no SN, tais como a maior saliência fônica e a presença de marcas precedentes ao longo do SN. Esse achado nos é também importante, pois, através dele, justificamos a inovação em um contexto em que prevalece o conservadorismo linguístico.

Por meio dos fatores sociais, vimos que a distinção rural/urbana, de fato, não se sustenta linguisticamente na comunidade pesquisada, já que os informantes das duas zonas de residência utilizaram, em grande escala, a variante ausência de

concordância de número no SN. Os outros três fatores sociais – sexo, faixa etária e escolaridade – nos apontaram, de maneira mais clara, uma relação entre a variação e o perfil social da comunidade, a qual, embora ainda necessite ser explorada no Capítulo V, revelou, quantitativamente, que a ausência de concordância é favorecida pelo sexo masculino, pelos falantes de faixas etárias mais elevadas e pelos menos escolarizados. Vale destacar que, nos usos linguísticos das mulheres, dos jovens e dos escolarizados, embora haja maior índice de ocorrências da variante presença de concordância no SN entre esses falantes – em comparação com os demais –, também predomina a variante conservadora.

Portanto, através dessa análise, pudemos traçar um panorama da variação da concordância de número no sintagma nominal e, embora o resultado inicial de 89,6% de ausência de concordância já nos fosse suficiente para confirmar nossa hipótese principal de conservadorismo linguístico na comunidade de Oliveira Fortes-MG, acreditamos ter sido válido esmiuçar a análise das variáveis independentes, pois, assim, pudemos dialogar com outras pesquisas sobre o tema, confirmar tendências e/ou procurar novos caminhos de investigação. Uma proposta de interpretação dos dados, complementar a esta análise, será desenvolvida no Capítulo V.

4.2. Análise da variável concordância de número no sintagma verbal

A variável concordância de número no sintagma verbal (SV) é composta pelas variantes i) presença de concordância e ii) ausência de concordância.

Como já expomos no Capítulo III, a variante presença de concordância manifesta-se quando há marca explícita de plural no verbo cujo sujeito expressa pluralidade. A variante ausência de concordância, por sua vez, mostra-se através da ausência de marca explícita de plural nas desinências verbais. A ideia de plural, nesse caso, é identificada no sujeito do verbo.

Em nosso *corpus*, encontramos 810 ocorrências da variável dependente relacionada ao SV. Foram 157 (19,4%) ocorrências da variante presença de concordância e 653 (80,6%) ocorrências da variante ausência de concordância no SV. O gráfico que ilustra essa distribuição segue abaixo:

Gráfico 16 - Distribuição das variantes da variável dependente concordância de número no SV



A variante ausência de concordância, como se vê, é majoritária nos sintagmas verbais, o que corrobora a hipótese do conservadorismo linguístico. Contudo, assim como fizemos na seção 4.1. (sobre a variação da concordância de número no sintagma nominal), os fatores linguísticos e sociais atrelados aos resultados serão analisados nas próximas subseções, com base nas porcentagens e nos índices de pesos relativos³⁵ oferecidos pelo programa GoldVarb/Varbrul 2001.

4.2.1. Fatores linguísticos

Os fatores linguísticos analisados na variação na concordância de número no SV foram: i) a posição/distância do sujeito em relação ao verbo; ii) a saliência fônica da oposição singular/plural; iii) o traço humano do sujeito e iv) a marcação de número no sujeito. As três primeiras compõem o que Naro e Scherre (1999) tratam como “princípio de saliência”, e a última faz parte do “princípio do paralelismo linguístico” (POPLACK, 1980; NARO & SCHERRE, 1991, 1993; SCHERRE, 1988, 1994,1998), como já explicamos no Capítulo II, na subseção 2.1.1.

Dentre essas variáveis independentes, o GoldVarb/Varbrul 2001 apontou, como relevantes para a ausência de concordância no SV, as variáveis saliência fônica, traço humano do sujeito e marcação de número no sujeito. A variável posição/distância sujeito/verbo foi a única rejeitada.

A seguir, exporemos os resultados específicos de cada fator linguístico analisado.

³⁵ O peso relativo foi calculado em função da variante ausência de concordância de número, tal como fizemos na análise do sintagma nominal.

4.2.1.1. Posição/distância do sujeito

A variável que considera a posição do sujeito em relação ao verbo (ou seja, se anteposto ou posposto) e a distância de sílabas entre eles (0, de 1 a 5 sílabas, mais de 5 sílabas³⁶) inclui, também, o sujeito não realizado, como já apresentamos no Capítulo III.

Como dissemos na seção anterior, o GoldVarb/Varbrul 2001 não apontou a relevância dessa variável para o fenômeno em variação, mas cumpre detalhá-la, pois a não relevância também pode nos indicar aspectos importantes para a compreensão do fenômeno pesquisado. Os resultados encontram-se a seguir:

Tabela 21 - Distribuição da variável posição/distância do sujeito em relação à variação na concordância de número no SV

posição do sujeito	concordância de número no SV					visualização geral
	presença		ausência			
	n.º	%	n.º	%	PR	
anteposto 0 sílaba	71	16%	364	84%	0.52	<p> <input type="checkbox"/> anteposto - 0 sílaba <input type="checkbox"/> anteposto - 1 a 5 sílabas <input type="checkbox"/> anteposto - + de 5 sílabas <input type="checkbox"/> posposto - 0 sílaba <input type="checkbox"/> não realizado </p>
anteposto 1 a 5 sílabas	24	15%	134	85%	0.54	
anteposto + de 5 sílabas	21	26%	60	74%	0.43	
posposto 0 sílaba	9	9%	89	91%	0.62	
não realizado	32	84%	6	16%	0.06	
total	157		653			

Como é possível observar, mais do que a metade dos sintagmas verbais segue a ordem canônica sujeito-verbo. Dos 810 SVs analisados, 435 (53,7%) apresentam sujeito imediatamente anteposto ao verbo. Dos 43,3% restantes (ou seja, 375 ocorrências), a anteposição do sujeito segue predominante, com 239 ocorrências; o sujeito é posposto em 98 ocorrências e não realizado em 38 ocorrências.

³⁶ No *corpus*, todas as ocorrências de sujeito posposto vieram combinadas com a distância de 0 sílaba. Portanto, não houve ocorrências de sujeito posposto com distância de 1 ou mais sílabas.

Em relação à distribuição da variação, observamos, com auxílio do gráfico a seguir, que a variante ausência de concordância prevalece em todas as posições e distâncias. Essa variante só é menos produtiva nos casos em que o sujeito não é realizado, pois, nesse contexto, predomina a variante presença de concordância. Cabe ressaltar, entretanto, que a presença de concordância, nesse caso, é a da concordância não padrão, a qual está presente em 31 das 32 ocorrências de presença de concordância com sujeito não realizado³⁷, como no seguinte exemplo:

(31). [...] *fizeru a igreja* [...] – INF05

A única ocorrência de presença padrão é em contexto em que a história de uma santa é relatada pelo informante:

(32). [...] *acharam u corpu dela* [...] – INF19

De qualquer modo, o peso relativo do sujeito não realizado (0.06) mostra o quanto ele é irrelevante para a variação. Como mostra a tabela 21, apenas o sujeito posposto aparece como favorecedor da regra da não concordância, com peso relativo de 0.63.

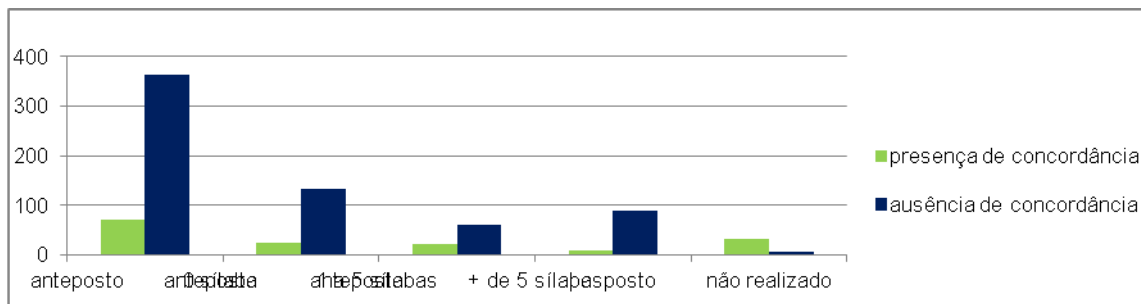
Os sujeitos antepostos imediatamente ou em até 5 sílabas apresentam pesos relativos de 0.52 e 0.54, respectivamente, o que, ainda, favorece a ausência de concordância nos dados pesquisados. Essa variante só é, de fato, desfavorecida pelo sujeito anteposto ao verbo em mais de cinco sílabas (PR 0.43), como em:

(33). [...] *us bobu tava acompanhanu iam só ficanu pra tráis* [...] - INF08

A distribuição da variável pode ser melhor visualizada no gráfico que se segue:

³⁷ Destacamos a distribuição da variante não padrão (específica para os casos em que o verbo sofre uma redução morfofonética) nos casos do sujeito não realizado porque entendemos que, embora haja a “presença” de concordância, ela é tão desprestigiada e, ainda, tão conservadora quanto à variante ausência.

Gráfico 17 - Distribuição da variável posição/distância do sujeito em relação à variação na concordância de número no SV




Os resultados encontrados para a variável posição/distância do sujeito em relação ao verbo, embora não selecionados, são relevantes, pois nos permitem traçar um cenário da variação. Nesse sentido, apesar de a variante presença de concordância de número apresentar uma distribuição bastante tímida na comunidade investigada, observamos, em conformidade com pesquisas anteriores (cf. LEMLE & NARO, 1977; NARO, 1981; NARO & SCHERRE, 1999), que, quanto mais próximo (e anteposto) está o sujeito, maior o índice de concordância. Por sua vez, a posposição do sujeito não favorece a presença de concordância.

Apesar dessas especificidades no que se refere à distribuição da presença de concordância de número no SV, o que vemos é que o conservadorismo linguístico – o qual, especificamente no fenômeno da variação da concordância verbal, engloba a presença não padrão da variante presença de concordância e a variante ausência (cf. Capítulo II) – é mais produtivo em todas as posições. Isso, mais uma vez, vem a reforçar o perfil conservador dos falantes de Oliveira Fortes-MG.

4.2.1.2. Saliência fônica

A variável independente saliência fônica da oposição singular/plural foi analisada em função das formas [+ salientes] e [-salientes], como já explicitado no Capítulo III. Os resultados da distribuição das variantes estão a seguir:

Tabela 22 - Distribuição da variável saliência fônica em relação à variação na concordância de número no SV

saliência fônica	concordância de número no SV					visualização geral
	presença		ausência			
	n.	%	n.	%	PR	
[+saliente]	132	34%	256	66%	0.26	 □ [+saliente] ■ [-saliente]
[-saliente]	25	6%	397	94%	0.72	
total	157		653			

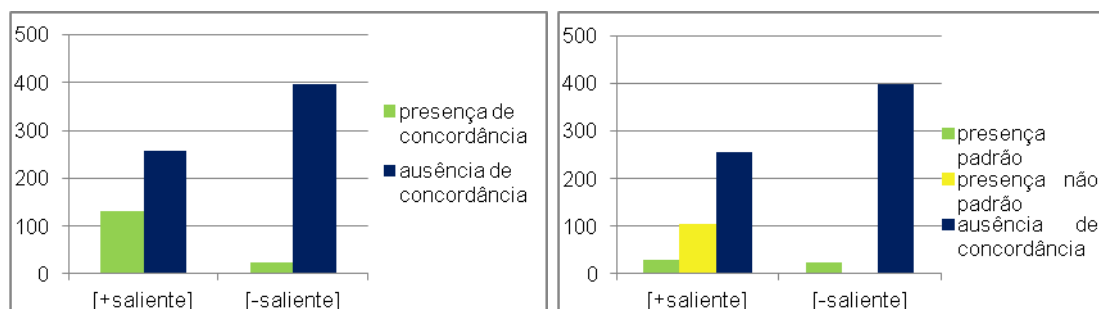
Conforme é possível visualizar, as ocorrências das formas [+ salientes] e [-salientes] no *corpus* apresentam uma distribuição bastante uniforme. No geral, são 388 formas [+salientes] e 422 [-salientes], o que nos dá uma diferença de apenas 2% entre elas.

Apesar dessa distribuição semelhante, a variável independente saliência fônica da oposição singular/plural foi selecionada pelo programa estatístico como relevante, de tal modo que as formas com menor saliência favorecem em 0.72 a aplicação da regra da não concordância. Esse resultado já era previsto por nós e já fora evidenciado nas pesquisas de Naro (1981) e Naro e Scherre (1999).

No que se refere à variação, observamos que tanto as formas [+salientes] como as [-salientes] apresentam maior índice da variante ausência de concordância, comprovando a nossa hipótese de conservadorismo linguístico. Apesar disso, nossos resultados também corroboram a evidência das demais pesquisas em relação à variante presença de concordância, isto é, de que as formas [+salientes] são mais propícias à presença de concordância. Em nossos dados, vimos que o percentual dessas formas é bem maior do que aquelas [-salientes]: enquanto na primeira temos 34% (132 ocorrências), na segunda são apenas 6% (25 ocorrências).

Entretanto, assim como constatamos na variável independente posição/distância sujeito/verbo, a variante presença de concordância, tão produtiva nas formas [+salientes], é, na verdade, a forma não padrão de concordância verbal. Das 132 ocorrências, 104 aparecem no pretérito perfeito com redução morfofonética (ram>ru), o que representa 78% dos usos [+salientes] com presença de concordância. Sob essa ótica, vemos ainda mais evidente o predomínio do conservadorismo linguístico nos dados. Os gráficos seguintes nos auxiliam nessa observação:

Gráfico 18 - Distribuição da variável saliência fônica em relação à variação na concordância de número no SV



Portanto, reunindo a forma não padrão da variante presença de concordância à variante ausência de concordância, o perfil conservador mostra-se de forma mais clara: temos 92% (360/388) de variante conservadora para o traço [+saliente] e 94% (397/422) para o traço [-saliente].

Confirmamos, assim, mais uma vez, a tendência conservadora da comunidade pesquisada, mediante a análise da variável saliência fônica da oposição singular/plural.

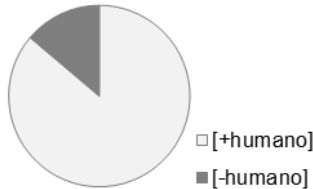
A seguir, complementaremos a investigação com a análise da variável independente traço humano do sujeito, que também compõe o “princípio de saliência”.

4.2.1.3 Traço humano do sujeito

A análise semântica do sujeito que acompanha o verbo no sintagma verbal em que a variação se faz presente considerou a sua referência a seres [+humanos] ou [-humanos].

O programa GoldVarb/Varbrul 2001 apontou a relevância dessa variável, através dos seguintes resultados:

Tabela 23 - Distribuição da variável traço humano do sujeito em relação à variação na concordância de número no SV

traço humano do sujeito	concordância de número no SV					visualização geral
	presença		ausência			
	n.	%	n.	%	PR	
[+humano]	150	22%	548	78%	0.46	
[-humano]	7	6%	105	94%	0.69	
total	157		653			

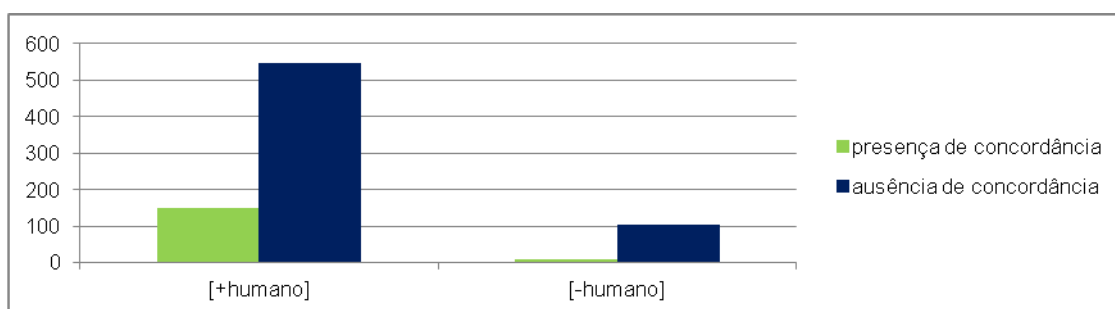
Apesar de observarmos, no gráfico acima, que os sujeitos com traço [+humano] ocorrem com maior frequência nos dados – correspondendo ao total de 86% (698/810), enquanto menos de 14% (112/810) dos sujeitos aparecem com o traço [-humano] –, o traço [-humano] favorece a aplicação da variante ausência de concordância, com peso relativo de 0.69.

Nesse sentido, vemos que o traço [-humano] é mais propício a ocorrer em SVs sem a marca explícita de plural, pois a variante ausência de concordância ocorre em 94% (105/112) dos sintagmas com sujeitos com esse traço.

Por outro lado, observamos que o traço [+humano], embora represente 78% das ocorrências da variante ausência de concordância, possui um índice de 22% da variante presença de concordância, enquanto, em apenas 6% das ocorrências com o traço [-humano], há essa variante. Assim, temos a evidência de que os falantes de Oliveira Fortes-MG marcam mais a presença de concordância quando o sujeito é [+humano].

O gráfico a seguir permite observar, mais claramente, a distribuição da variação em relação ao traço humano do sujeito.

Gráfico 19 - Distribuição da variável traço humano do sujeito em relação à variação na concordância de número no SV



Apesar das particularidades discutidas acima, observamos que há o predomínio da variante ausência de concordância em ambos os traços. Isso confirma, mais uma vez, o perfil conservador da comunidade investigada.

4.2.1.4. Marcação de número no sujeito

A marcação de número no sujeito foi analisada em função do princípio do “paralelismo linguístico” (cf. Capítulo II). Nesse sentido, atentamo-nos para a presença ou não de marca de plural no sujeito do verbo, estando ele anteposto ou posposto ao verbo³⁸. Porém, fez-se necessário analisar, separadamente, os casos em que o sujeito é manifesto por pronome pessoal, pois o pronome é apenas uma unidade lexical e, necessariamente, aparece no plural.

Assim, a variável independente marcação de número no sujeito se compôs de: i) sujeito com presença de concordância; ii) sujeito com ausência de concordância; iii) sujeito – pronome; e iv) sujeito não realizado.

O programa GoldVarb/Varbrul 2001 apontou a relevância dessa variável para a variante ausência de concordância e, a partir dos pesos relativos, vimos que o sujeito com a ausência de concordância favorece em 0.71 a aplicação da regra, confirmando o princípio do paralelismo linguístico. Os demais tipos de sujeito, como pode ser visto na tabela abaixo, apresentam pesos relativos inferiores a 0.5, desfavorecendo a aplicação da regra.

³⁸ Como esclarecemos no Capítulo III, a variável independente “marcação de número no sujeito” é uma adaptação da variável independente “marcas precedentes”, já que optamos por investigar o sujeito do SV, mesmo quando este estava posposto, pois entendemos que, também nesse caso, atua o princípio do paralelismo linguístico.

Tabela 24 - Distribuição da variável marcação de número no sujeito em relação à variação na concordância de número no SV

marcação de número do sujeito	concordância de número no SV					visualização geral
	presença		ausência		PR	
	n.	%	n.	%		
sujeito com presença de concordância	16	29%	39	71%	0.29	<p> <input type="checkbox"/> sujeito com presença de concordância <input type="checkbox"/> sujeito com ausência de concordância <input type="checkbox"/> sujeito - pronome <input type="checkbox"/> sujeito não realizado </p>
sujeito com ausência de concordância	18	7%	242	93%	0.71	
sujeito – pronome	91	24,8%	366	75,2%	0.40	
sujeito não realizado	32	84 %	6	16%	0.05	
total	157		653			

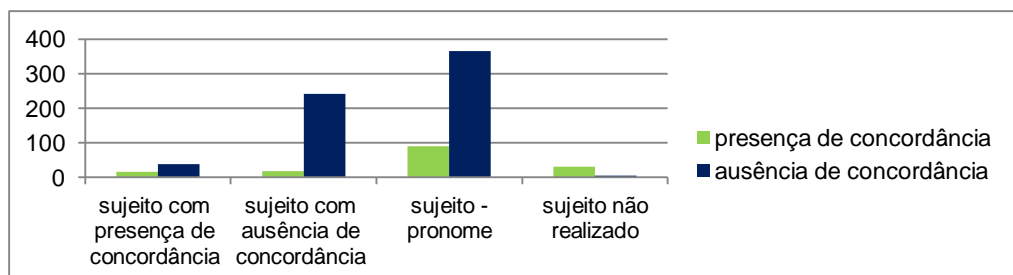
Apesar do favorecimento da aplicação da regra seguir o princípio do paralelismo linguístico, regido pela ausência de concordância de número no SN-sujeito, observamos que a presença de concordância de número no sujeito, embora não favoreça em termos de peso relativo (0.29), apresenta maiores índices da variante ausência de concordância do que da variante presença de concordância: a ausência aparece em 71% dos dados, contra 29% da presença. Isso mostra que, mesmo havendo influência do paralelismo linguístico, a tendência de não marcar explicitamente o plural em todos os elementos do sintagma é mais forte entre os falantes de Oliveira-Fortes-MG.

Também é possível verificar, no gráfico acima, que o tipo de sujeito mais recorrente é o sujeito-pronome, sobre o qual não se aplica a concordância por ser apenas um elemento. Diante disso, podemos conjecturar a preferência dos oliveira-fortenses pelo SN-sujeito curto (conforme já constatado na subseção 4.1.1.2), já que esse tipo ocorreu em 56,4% dos dados (457/810), e a predominância foi da variante ausência de concordância de número no SV (75,2%).

O sujeito não realizado, por sua vez, além de ser o menos recorrente no universo geral dos dados (4,7%), é o que menos favorece a aplicação da regra, com PR 0.05. Nesse caso, como já vimos na seção 4.2.1.1., há o predomínio da variante presença de concordância, em sua forma não padrão.

Para ilustrar melhor a distribuição das variantes em relação à marcação de número no SN-sujeito, segue o gráfico abaixo:

Gráfico 20- Distribuição da variável marca de número no sujeito em relação à variação na concordância de número no SV

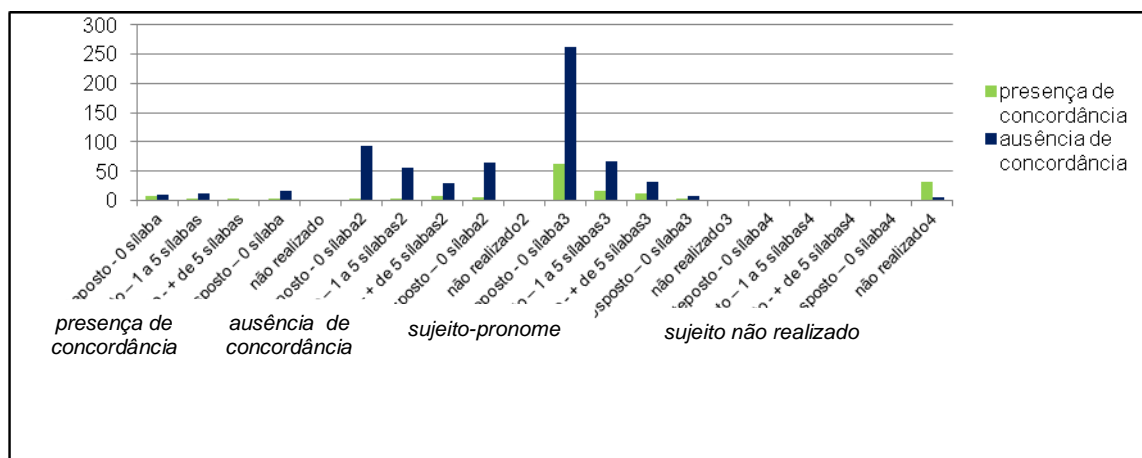


A fim de elucidar outros aspectos sobre a variável independente marcação de número no SN-sujeito, cruzamos os dados desta com a variável independente posição/distância do sujeito/verbo. A seguir, encontram-se os resultados:

Tabela 25 - Cruzamento das variáveis independentes marcação de número no sujeito e posição/distância sujeito/verbo em relação à variação na concordância de número no SV

marcação de número no sujeito	posição do sujeito	concordância de número no SV			
		presença		ausência	
		n.	%	n.	%
presença de concordância	anteposto 0 sílaba	8	44,4%	10	55,6%
	anteposto 1 a 5 sílabas	4	25%	12	75%
	anteposto + de 5 sílabas	2	100%	0	0%
	posposto 0 sílaba	2	10,5%	17	89,5%
	não realizado	0	-	0	-
ausência de concordância	anteposto 0 sílaba	1	1%	93	99%
	anteposto 1 a 5 sílabas	4	6,8%	55	93,2%
	anteposto + de 5 sílabas	7	9,5%	29	80,5%
	posposto 0 sílaba	6	8,5%	65	91,5%
	não realizado	0	-	0	-
pronomes pessoais	anteposto 0 sílaba	62	19%	261	81%
	anteposto 1 a 5 sílabas	16	19,2%	67	80,8%
	anteposto + de 5 sílabas	12	36,4%	31	63,6%
	posposto 0 sílaba	1	12,5%	7	87,5%
	não realizado	0	-	0	-
sujeito não realizado	anteposto 0 sílaba	0	-	0	-
	anteposto 1 a 5 sílabas	0	-	0	-
	anteposto + de 5 sílabas	0	-	0	-
	posposto 0 sílaba	0	-	0	-
	não realizado	32	84%	6	16%
	total	157		653	

Gráfico 21 - Cruzamento das variáveis independentes marcação de número no sujeito e posição/distância sujeito/verbo em relação à variação na concordância de número no SV



No que se refere à relação entre a marcação de número do sujeito e a posição/distância entre esse sujeito e o verbo, constatamos, através dos dados, que, com exceção do sujeito não realizado – já discutido anteriormente –, todos os demais tipos de sujeito (com presença ou com ausência de concordância e sujeito-pronome) apresentam mais ocorrências da variante ausência de concordância de número no SV em todas as posições.

Entretanto, um aspecto relevante pode ser averiguado no que se refere às ocorrências da variante presença de concordância no SV: a anteposição do sujeito com marca de plural apresenta os maiores índices de presença da variante presença de concordância no SV. Nesse sentido, quando o SN é imediatamente anteposto ao verbo, o índice é de 44,4%; quando o SN é anteposto de uma a cinco sílabas, o índice é de 25%; e, mesmo com poucas ocorrências (apenas duas), o sujeito posicionado a mais de cinco sílabas anteriores ao verbo só aparece com a variante presença de concordância no SV (100%). A posposição do sujeito, por sua vez, apresenta a menor porcentagem da variante presença de concordância (10,5%). Assim, podemos constatar a atuação do princípio do paralelismo linguístico também no caso da distribuição da variante presença de concordância.

Contudo, apesar das sutilezas evidenciadas através da análise dos fatores linguísticos, não identificamos, explicitamente, uma motivação linguística que pudesse justificar o comportamento linguístico dos falantes de Oliveira Fortes-MG no tocante à ausência de marcação explícita de concordância de número no SV, ou seja, o conservadorismo linguístico.

4.2.2. Fatores sociais

Os fatores sociais investigados foram i) a zona de residência; ii) o sexo; iii) a faixa etária; e iv) a escolaridade dos informantes, conforme exposto no Capítulo III.

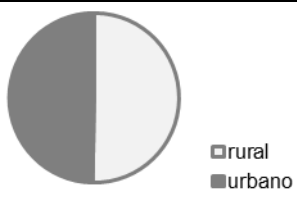
Dentre essas variáveis independentes, o programa GoldVarb/Varbrul 2001 apontou a relevância apenas da variável sexo, mostrando o favorecimento da variante ausência de concordância pelos falantes do sexo masculino. As demais variáveis independentes – zona de residência, faixa etária e escolaridade – mostraram-se irrelevantes para o fenômeno pesquisado.

Nas próximas subseções, os resultados para cada fator social serão analisados.

4.2.2.1. Zona de residência

A variável independente zona de residência, dividida entre os espaços rurais e urbanos, apresentou os seguintes resultados:

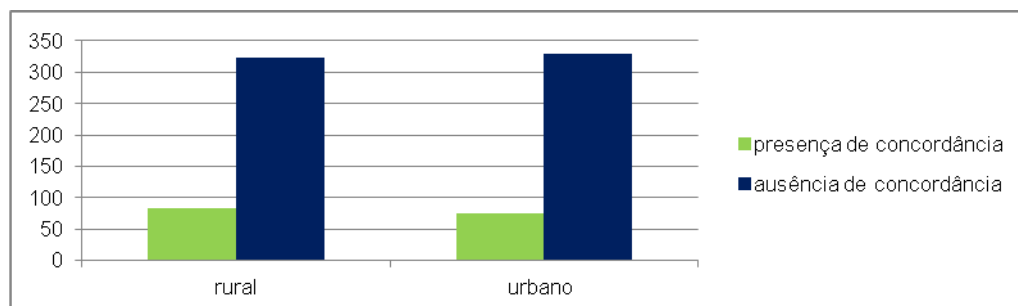
Tabela 26 - Distribuição da zona de residência em relação à variação na concordância de número no SV

zona de residência	concordância de número no SV					visualização geral
	presença		Ausência			
	n.º	%	n.º	%	PR	
rural	83	20,3%	324	79,9%	0.48	
urbano	74	18,3%	329	81,7%	0.51	
<i>total</i>	157		653			

Como mostra a tabela acima, o número total de ocorrências do fenômeno investigado foi bastante próximo (407 na zona rural e 403 na zona urbana). Além disso, a distribuição das variantes em função dos espaços geográficos no município de Oliveira Fortes-MG também é equânime e, através da proximidade dos pesos relativos (0.48 e 0.51), constatamos que a diferenciação do espaço geográfico na comunidade não é relevante para a variação.

O gráfico abaixo ilustra como as variantes presença de concordância no SV e ausência de concordância no SV estão distribuídas:

Gráfico 22 - Distribuição da zona de residência em relação à variação na concordância de número no SV



Podemos observar, através do gráfico 21 e da tabela 26, que a variante ausência de concordância é majoritária nas duas zonas de residência. Na zona rural, essa variante ocupa 79,9% dos dados e, na zona urbana, 81,7%, em oposição aos 20,1% e 18,3%, respectivamente, de ocorrências da variante presença de concordância no SV.

Apesar da proximidade, vemos um leve aumento da variante conservadora na zona urbana, o que contraria a nossa hipótese sobre a variável independente, já que esperávamos que a zona rural fosse a mais conservadora. Por outro lado, esse resultado confirma nossa hipótese geral sobre o perfil sociolinguístico de Oliveira Fortes-MG, ou seja, a de que não há uma separação nítida entre os espaços rurais e urbanos.

Portanto, assim como evidenciamos na análise sobre a concordância de número no SN (subseção 4.1.2.1.), a zona de residência revela que o conservadorismo linguístico predomina entre os oliveira-fortenses, independentemente do espaço geográfico.

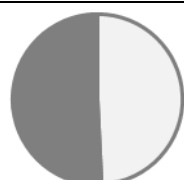
4.2.2.2. Sexo

O fator sexo, dividido entre sexo masculino e sexo feminino, foi o único fator social apontado como relevante pelo programa GoldVarb/Varbrul 2001 para o favorecimento das ocorrências da variante ausência de concordância de número no

SV. Isso se deu em função de o sexo masculino apresentar o peso relativo 0.59, em oposição ao peso relativo de 0.40 do sexo feminino.

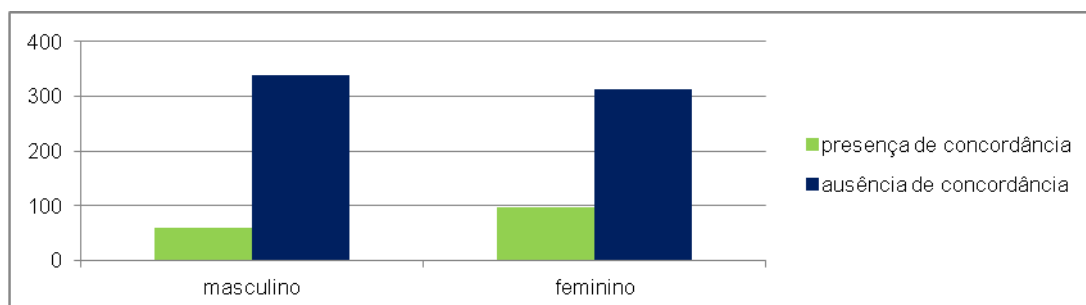
Os resultados da distribuição da variação em relação a esse fator encontram-se a seguir:

Tabela 27 - Distribuição do sexo em relação à variação na concordância de número no SV

sexo	concordância de número no SV					visualização geral
	presença		ausência			
	n.º	%	n.º	%	PR	
masculino	59	14,8%	340	85,2%	0.59	 <p>■ masculino ■ feminino</p>
feminino	98	23,8%	313	76,2%	0.40	
<i>total</i>	157		653			

O gráfico que representa a distribuição das variantes em função do fator sexo pode ser visto abaixo:

Gráfico 23 - Distribuição do sexo em relação à variação na concordância de número no SV



De acordo com o que podemos observar, a variante ausência de concordância atinge um índice superior a 75% em ambos os sexos. Contudo, é no sexo masculino que verificamos maior produtividade dessa variante conservadora, totalizando 340 ocorrências das 399 encontradas (ou seja, 85,2%).

A variante presença de concordância de número no SV aparece em maior proporção no sexo feminino. Das 411 ocorrências, 98 (23,8%) são inovadoras, enquanto no sexo masculino esse índice se reduz para 14,8% (59/399 ocorrências).

Nesse sentido, podemos reafirmar os nossos achados em relação ao SN (subseção 4.1.2.2) e ratificar as evidências de Chambers e Trudgill (1980) no que se

refere à tendência de os homens serem mais conservadores e as mulheres mais inovadoras.

4.2.2.3. Faixa etária

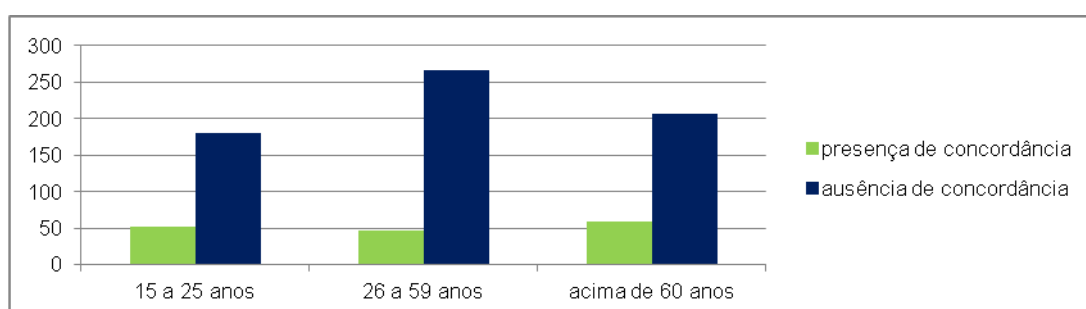
A variável independente faixa etária, de acordo com a qual os informantes foram divididos em jovens (15 a 25 anos – faixa 1), adultos (26 a 59 anos – faixa 2) e idosos (acima de 60 anos – faixa 3), não foi selecionada como relevante para a variação na concordância de número no SV pelo GoldVarb/Varbrul 2011. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Tabela 28 - Distribuição da faixa etária em relação à variação na concordância de número no SV

faixa etária	concordância de número no SV					visualização geral
	presença		ausência			
	n.	%	n.	%	PR	
15 a 25 anos	51	22%	180	78%	0.44	<p> ■ 15 a 25 anos ■ 26 a 59 anos ■ acima de 60 anos </p>
26 a 59 anos	47	15%	267	85%	0.36	
acima de 60 anos	59	22,2%	206	77,8%	0.41	
<i>total</i>	157		653			

Embora o fator faixa etária não tenha sido apontado como relevante, é possível notar uma distinção entre a distribuição das variantes em função da idade dos informantes. O gráfico a seguir mostra essa distinção de modo mais elucidativo:

Gráfico 24 - Distribuição da faixa etária em relação à variação na concordância de número no SV



Como podemos observar, em todas as faixas etárias há o predomínio da variante ausência de concordância de número no SV, o que, mais uma vez, confirma nossa hipótese sobre o perfil sociolinguístico conservador da comunidade pesquisada.

Apesar disso, vimos que a faixa 2 lidera a frequência da variante ausência de concordância, com 85%, seguida pela faixa 1 (78%) e pela faixa 3 (77,8%). Esses resultados nos levam a pensar que a faixa 2, por já estar mais estabilizada em relação ao mercado de trabalho, tende a “relaxar mais” no uso da língua do que os falantes mais jovens. Porém, não conseguimos encontrar uma explicação sólida para o índice da faixa 3 ser semelhante ao da faixa 1, já que esperávamos que a faixa 3 apresentasse os maiores índices de ausência de concordância pelo fato de os falantes dessa faixa não mais estarem inseridos no mercado de trabalho, não necessitando da variedade prestigiada (inovadora).

Em função dessa incógnita, direcionamos a nossa atenção para a verificação de que “presença” era essa, isto é, se a presença que aparece com índices próximos a 20% é a presença padrão ou a não padrão. Assim, obtivemos os seguintes valores:

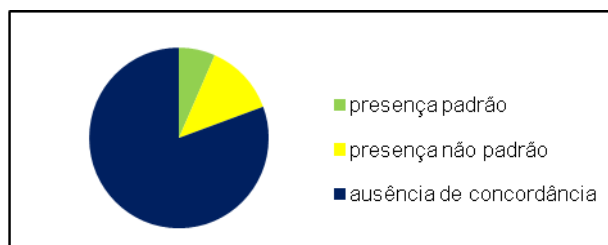
Tabela 29 - Distribuição da variante presença de concordância de número no SV: presença padrão e presença não padrão em função da faixa etária

faixa etária	concordância de número no SV					
	presença padrão		presença não padrão		variante presença de concordância (total)	
	n.	%	n.	%	n.	%
15 a 25 anos	28	55%	23	45%	51	22%
26 a 59 anos	17	36,1%	30	63,9%	47	15%
acima de 60 anos	8	13,5%	51	86,5%	59	22,2%
total	53	33,7%	104	66,3%	157	19,4%

Ao identificarmos o tipo de presença de concordância de número presente nos dados, averiguamos que a maior parte se comporta como presença não padrão (66,3%), que, por sua vez, se relaciona à variável independente saliência fônica, através do traço [+saliente] (cf. subseção 4.2.1.2). O gráfico a seguir mostra a

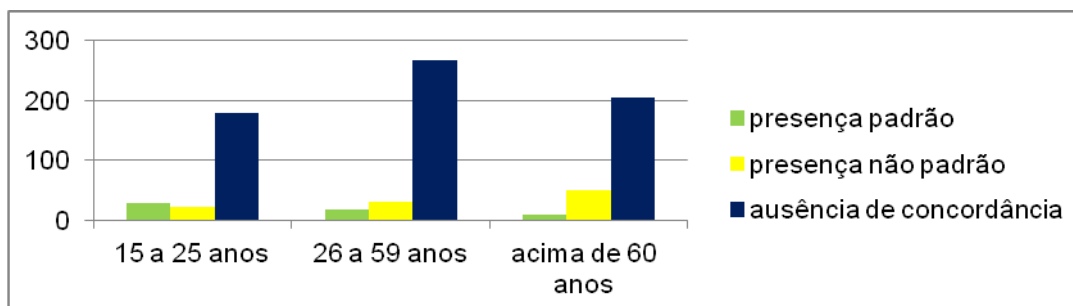
distribuição das variantes, com a divisão das formas padrão e não padrão da variante presença de concordância no SV:

Gráfico 25 - Distribuição das variantes de concordância de número no SV: presença (padrão e não padrão) e ausência de concordância



Distribuindo a variante presença de concordância em função da faixa etária, obtivemos o seguinte panorama:

Gráfico 26 - Distribuição da variação na concordância de número no SV: presença (padrão e não padrão) e ausência de concordância em função da faixa etária



Através da divisão da variante presença de concordância de número no SV entre padrão e não padrão, o quadro da variação ficou mais próximo do que havíamos suposto, tendo em vista que, conforme já esclarecemos no Capítulo II, a presença não padrão é tão desprestigiada e tão conservadora quanto à ausência de concordância.

Diante desse cenário, a faixa etária 3, mesmo apresentando maior índice da variante presença de concordância do que as demais faixas etárias, demonstra a predominância da presença não padrão (51/59 ocorrências – 86,5%). Esse resultado, somado à ausência de concordância, mostra que a faixa 3 é a menos inovadora, com apenas 8 ocorrências da presença padrão (3% do total dessa faixa etária).


A faixa 1, por sua vez, é a que se apresenta como a mais inovadora, já que o índice de presença padrão, além de ser superior em todas as faixas etárias, é maior do que o de não padrão (55% contra 45%). Essa evidência dialoga com o que foi visto sobre a variação na concordância nominal (seção 4.1.2.3), considerando que os jovens poderiam estar provocando uma mudança linguística em direção à variante inovadora, prestigiada. Nessa direção, devemos ressaltar que é essa faixa que menos apresenta a variante ausência de concordância.

A faixa 2, como podemos ver, mantém uma linearidade na distribuição: das 314 ocorrências encontradas nessa faixa, 17 (5,5%) são de presença de concordância padrão; 30 (9,5%) são de presença não padrão; e 267 (85%) são de ausência de concordância. Portanto, a faixa 2 parece ser a mais estável em relação às variações encontradas no perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes-MG.

4.2.2.4. Escolaridade

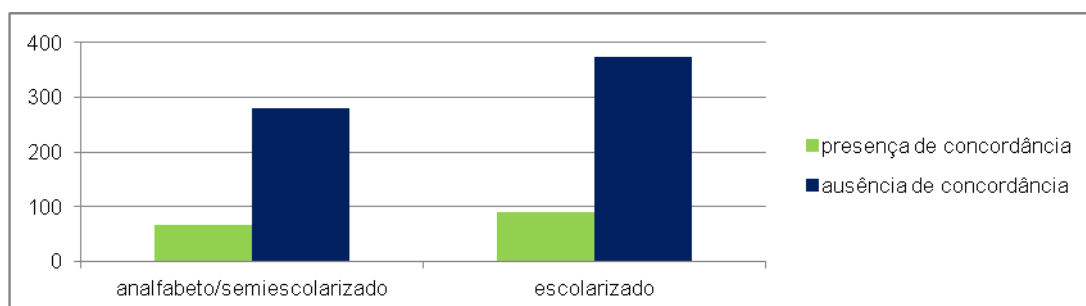
A variável independente escolaridade, a qual foi subdividida em i) analfabeto/semiescolarizado e ii) escolarizado, não foi apontada pelo programa GoldVarb/Varbrul 2001 como relevante para o fenômeno em variação. Tal fato contestou a nossa expectativa inicial de que os falantes com menor escolarização favoreciam a ocorrência da variante ausência de concordância, mas os resultados encontrados nos permitem algumas evidências:

Tabela 30 - Distribuição da escolaridade em relação à variação na concordância de número no SV

escolaridade	concordância de número no SV					visualização geral
	presença		ausência			
	n.	%	n.	%	PR	
analfabeto/ semiescolarizado	67	19,3%	280	80,7%	0.53	 <p> ■ analfabeto/semiescolarizado ■ escolarizado </p>
escolarizado	90	19,4%	373	80,6%	0.47	
<i>total</i>	157		653			

Conforme é possível verificar na tabela acima, os valores percentuais da distribuição das variantes são quase equivalentes entre os dois níveis de escolarização, ainda que o número de ocorrências seja maior dentre os escolarizados (463 ocorrências *versus* 347 dos analfabetos/ semiescolarizados). O gráfico a seguir ilustra essa distribuição:

Gráfico 27 - Distribuição da escolaridade em relação à variação na concordância de número no SV



A variante ausência de concordância predomina tanto nos usos dos falantes analfabetos/semiescolarizados quanto nos dos falantes escolarizados, configurando 80,6% e 80,7% das ocorrências, respectivamente. A variante presença de concordância, por sua vez, possui representatividade em 19,4% e 19,3% dos dados.

Essas semelhanças nas porcentagens e nos pesos relativos vêm a corroborar nossa constatação de que há outros aspectos, para além da escolarização, que influenciam na manutenção da variedade desprestigiada.

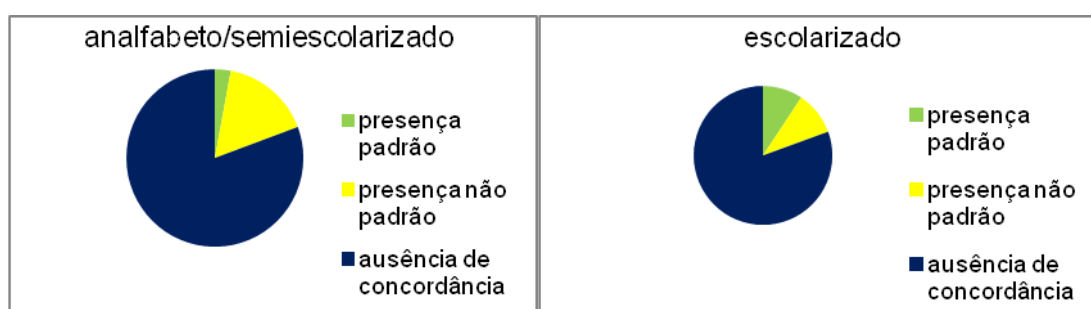
Entretanto, não podemos ignorar a importância da escolarização na difusão da variante inovadora. Se olharmos atentamente para os dados, de modo a separar, dentro da variante presença de concordância, as formas padrão e não padrão (conforme tabela a seguir), observamos que os falantes escolarizados utilizam mais a primeira.

Tabela 31 - Distribuição da variante presença de concordância de número no SV: presença padrão e presença não padrão em função da escolaridade

faixa etária	concordância de número no SV					
	presença padrão		presença não padrão		variante presença de concordância (total)	
	n.	%	n.	%	n.	%
analfabeto/ semiescolarizado	10	14,5%	57	85,5%	67	19,6%
escolarizado	43	47,8%	47	52,2%	90	19,7%
total	53	33,7%	104	66,3%	157	19,4%

Os escolarizados são responsáveis por 90 das 157 ocorrências da variante presença de concordância (ou seja, 57,3% do total). Além disso, dentre essas 90 ocorrências, 81,1% apresentam a forma padrão, restando apenas 18,9% da forma não padrão. Os analfabetos/semiescolarizados, no entanto, que constituem os demais 42,8% da variante presença de concordância (67 das 157 ocorrências), só apresentam 10 ocorrências da forma padrão (15%) e as demais 57 (85%) são da forma não padrão. Portanto, a variante inovadora fica melhor evidenciada entre os falantes escolarizados, conforme é possível ver no gráfico a seguir:

Gráfico 28 - Distribuição das variantes de concordância de número no SV: presença (padrão e não padrão) e ausência de concordância em função da escolaridade



Diante de tais dados, somos levados a pensar que o processo de escolarização exerce uma força em direção à variante de prestígio. Contudo, essa força não é maior do que a do conservadorismo linguístico que impera no município de Oliveira Fortes-MG. Como observamos nos dados da tabela e do gráfico acima, o número de ocorrências das formas padrão e não padrão da variante presença de concordância é quase o mesmo entre os falantes escolarizados, e a variante

ausência de concordância é majoritária sobre as demais. Nesse sentido, buscaremos novas explicações para conservadorismo linguístico no Capítulo V.

4.2.3. Aspectos principais: síntese

A investigação sobre a variação na concordância de número no sintagma verbal nos revelou que a variante mais recorrente entre os falantes do município de Oliveira Fortes-MG é a ausência de marcação explícita de plural em todos os elementos do SV. A ausência de concordância se mostrou em 653 das 810 ocorrências (80,6% dos dados), enquanto a variante presença de concordância apresentou-se em 157 ocorrências (19,4%). Além disso, a variante presença de concordância encontra-se, na maior parte dos dados, sob a forma não padrão (104 das 157 ocorrências – ou seja, 66,3%). Assim, sob a ótica de variante inovadora/conservadora, apenas 53 ocorrências são inovadoras (6,5%).

A ausência de concordância foi influenciada, de acordo com o GoldVarb/Varbrul 2001, pelas variáveis independentes saliência fônica, traço humano do sujeito, marcação de número no sujeito e sexo; mas todos os fatores analisados apresentaram, majoritariamente, tal variante.

De modo geral, vimos que os falantes de Oliveira Fortes-MG têm a preferência pelo sintagma verbal com sujeito imediatamente anteposto, e esse sujeito, na maioria dos casos, é [+humano] e/ou pronome pessoal. Assim, também observamos a predominância do SV curto e realizado na ordem canônica (SVO). Nos casos em que o sujeito é composto por mais de um elemento, constatamos a aplicação do princípio do paralelismo linguístico: como há, nos dados, maior produtividade de verbos no singular, os sujeitos desses verbos tendem a não apresentar concordância de número (marca explícita em todos os elementos). Foi possível averiguar também que, quando o sujeito não é realizado no sintagma, prevalece a variante presença de concordância em sua forma não padrão.

Em relação aos fatores sociais, não encontramos nenhum aspecto que pudesse definir a motivação para a prevalência da variante ausência de concordância na comunidade, embora o sexo masculino tenha sido apontado como o favorecedor em função do seu peso relativo. O que vimos foram sutilezas referentes à distribuição da variante presença de concordância. Nessa direção,

evidenciamos que: i) a zona de residência revela certa homogeneidade no tocante ao perfil sociolinguístico; ii) o sexo feminino, mesmo apresentando grande produtividade da variante ausência de concordância, é mais inovador do que o sexo masculino; iii) a faixa etária que compreende os falantes de 26 a 59 anos é a faixa etária que lidera o uso da variante ausência de concordância, mas os falantes com idade superior a 60 anos são os mais conservadores quando consideramos a ausência de concordância em conjunto com a presença não padrão; os falantes mais jovens já apresentam um uso maior da variante inovadora do que os das demais faixas, o que pode sinalizar uma mudança linguística ao longo do tempo; iv) a escolaridade sinaliza que os falantes analfabetos/semiescolarizados, quando marcam explicitamente a presença de concordância, fazem-na com a forma não padrão; enquanto os escolarizados já utilizam, com maior frequência, a forma padrão.

4.3. Considerações gerais

Diante da análise quantitativa da variação na concordância de número no SN e no SV no município de Oliveira Fortes-MG, atestamos o perfil sociolinguístico conservador da comunidade. A variante ausência de concordância se mostrou muito mais recorrente do que a variante presença de concordância, apresentando um percentual de 89,6% no SN (1261 ocorrências) e 80,6% no SV (653 ocorrências), o que, no universo geral dos dados – 2217 ocorrências –, representa 86,3% de conservadorismo linguístico³⁹.

Diante de tão elevada sobrepujança da variante conservadora, alguns fatores linguísticos e sociais foram apontados como relevantes, mas, apesar de sinalizarem importantes aspectos da variação, os fatores condicionadores foram pouco elucidativos em relação à motivação e à justificativa do perfil sociolinguístico constatado. Em contrapartida, identificamos, de modo geral, o que contribui para a

³⁹ Se incluirmos, no universo geral dos dados, as 104 ocorrências da variante presença de concordância não padrão no SV – que também sinaliza o conservadorismo linguístico –, o percentual se eleva a 91%.

presença da variante inovadora na comunidade e, a todo momento, corroboramos os resultados das pesquisas que nortearam nossa análise (cf. Capítulo II).

Entretanto, ainda continuamos com a indagação sobre o que está por detrás desse conservadorismo linguístico em relação à concordância de número na comunidade. Em busca de uma resposta, prosseguiremos para a análise qualitativa.

CAPÍTULO V

ANÁLISE QUALITATIVA

Neste capítulo, nos dedicaremos à análise qualitativa dos dados obtidos na comunidade pesquisada, visando a encontrar uma justificativa mais sólida para os resultados aferidos a partir da análise quantitativa, apresentada no Capítulo IV. Assim, partindo do já constatado perfil sociolinguístico conservador do município de Oliveira Fortes-MG em relação à concordância de número nos sintagmas nominais e verbais, buscaremos, através da investigação acerca da configuração das redes sociais dos informantes – conforme apresentado no Capítulo I, seção 1.2. –, delinear a motivação/razão da manutenção da variante desprestigiada – ausência de concordância – na fala dos oliveira-fortenses.

Para tanto, nos deteremos, primeiramente, nos aspectos gerais das redes sociais dos informantes pesquisados e, em seguida, nas particularidades de cada informante em relação ao fenômeno investigado. Por fim, faremos as considerações finais sobre a influência das redes sociais dos informantes no perfil sociolinguístico conservador do município.

5.1. A configuração das redes sociais dos falantes de Oliveira Fortes-MG

Ao tratarmos da configuração das redes sociais dos falantes de Oliveira Fortes-MG, partimos das informações obtidas durante o contato com os vinte e quatro participantes da pesquisa através da ficha social, bem como dos relatos durante a entrevista. Além disso, contou-se, também, com o conhecimento empírico da pesquisadora, conforme já destacado no Capítulo III.

Cabe destacar que, para a obtenção *corpus* desta pesquisa, os informantes foram selecionados de modo aleatório e estratificado, e não através da metodologia específica para a depreensão de redes sociais (como *friends to friends* – cf. Capítulo I, seção 1.2). A identificação das redes sociais, nesse sentido, foi feita em um

Figura 9 – Zona rural São Lourenço com destaque para as residências dos informantes 06, 08, 10 e 12



A relação entre os informantes 06, 08, 10 e 12 é familiar: o informante 06 é casado com a informante 12 e é tio das informantes 08 e 10 (que são primas). O informante 06 é produtor rural e primo do informante 04, com quem tem pouco contato, devido à residência em outra comunidade rural (Formoso).

No Formoso, zona rural com maior densidade demográfica no município, todos os informantes compartilham as mesmas atividades (religiosas, culturais, esportivas etc.). Porém, dada a maior distância entre as residências dos informantes e a diferença de seus perfis (que será mais bem discutida na seção 5.2), as relações entre os informantes 03, 04, 05, 07 e 09, 11 e 02 – que moram na parte mais baixa da localidade – são formadas por laços fracos, com exceção dos informantes 09 e 02, que são parentes (avó e neto). A imagem do espaço geográfico em que se situa o Formoso e as residências dos informantes (circuladas) segue abaixo:

Figura 10 – Zona rural Formoso com destaque para as residências dos informantes 02, 03, 04, 05, 07, 09 e 11



Apesar de serem laços fracos, os informantes 03, 04 e 05 mantêm contato entre si nas tardes de encontro no único estabelecimento comercial do Formoso, ou melhor, na “venda”. Esse local é o ponto de encontro dos homens após o cansativo

trabalho no campo. Lá, conversam, bebem cachaça, negociam gado e jogam baralho.

A informante 07 é a que menos se relaciona com os demais informantes. Ela é jovem, recém-casada e, também, recente no Formoso. Antes de casar, residia na comunidade dos Cantarinos, onde ainda mora o seu primo – informante 01, com quem ainda mantém contato através das visitas constantes à família.

A comunidade dos Cantarinos, também zona rural, é a de menor população. Há apenas quatro famílias, dentre as quais está incluída a do informante 01 (primo da informante 07), como mostra a imagem abaixo:

Figura 11- Zona rural Cantarinos com destaque para a residência do informante 01



O informante 01 é filho da informante 21, mas reside com os avós, já que sua mãe (que é tia materna da informante 07) mudou-se para a zona urbana do município. Apesar de morarem em locais diferentes, os laços entre eles ainda são fortes, pois há contato constante por meio de visitas familiares.

Na zona urbana, a informante 21 é vizinha dos informantes 17 e 23, casados. Na mesma rua, reside o informante 13, que auxilia o casal idoso (17 e 23) nas atividades diárias (fazendo compras, dando recado etc.). O informante 13 convive com a informante 19 no Centro de Assistência Social, já que ambos possuem necessidades educativas especiais.

O casal formado por 17 e 23 é atuante na igreja católica, onde interage com a informante 24. A informante 24 é mãe da informante 22, que, por sua vez, é vizinha do informante 18 e o auxilia nas atividades domésticas.

A informante 20 foi criada junto com as filhas da informante 24 e, hoje, casada, é cunhada dos informantes 15 e 16, que são irmãos. Os irmãos residem em casas diferentes e em ruas diferentes, mas mantêm contato rotineiro. O informante 16 é casado e é pai do informante 14.

A figura abaixo mostra as residências dos informantes da zona urbana:

Figura 12 - Zona urbana, com destaque para as residências dos informantes 13 a 24



O informante 14, jovem e residente na zona urbana, é o melhor amigo do informante 02, que mora na zona rural (Formoso), mas estuda na zona urbana, na mesma classe que o informante 14.

O informante 02 é neto da informante 09, e sua família mora próximo da informante 11, na comunidade do Formoso, mostrada na figura 10.

Portanto, como se observa, as redes sociais dos informantes pesquisados estão bastante interligadas⁴⁰. A configuração da rede social, como exposta, parece bastante confusa, mas, apesar do excesso de informações, evidencia-se o quanto a comunidade está integrada.

Pelo que conhecemos do município, se trocássemos os informantes, a tessitura da rede não sofreria muitas alterações: na comunidade, todos se conhecem e/ou têm relações de parentesco. Nesse sentido, costuma-se dizer, no município, que as pessoas não possuem uma árvore genealógica, mas sim uma teia, tendo em vista que todo mundo é parente em algum grau.

Em função dessa configuração, confirmamos que a tessitura da rede social dos informantes tende à alta densidade e à multiplexidade. Somando isso ao isolamento sociogeográfico da comunidade (discutido no Capítulo III, mais precisamente na seção 3.1.), torna-se ainda mais evidente que os resultados encontrados para a variação na concordância de número se devem à configuração das redes sociais,

⁴⁰ Exploramos, na figura 8, apenas um laço social por informante, mas, na verdade, é como se, tridimensionalmente, perpassasse uma linha de laço fraco (ou, talvez, um laço de conhecimento, de 3.^a ordem) entre todos.

em conformidade com o que defendem Milroy (1980) e Bortoni-Ricardo (1985, 2011) (cf. Capítulo II, seção 1.2.).

Porém, ainda é preciso explorar o perfil sociolinguístico de cada informante, pois, embora o nosso objetivo investigativo seja a “comunidade de fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 150), os resultados quantitativos de alguns fatores mostrados no Capítulo IV podem ser mais bem compreendidos através da caracterização específica de cada rede de interação. Essa análise particular será realizada na próxima seção.

5.2. O perfil social dos informantes e a sua relação com a variação na concordância de número

Conforme indicado no Capítulo III, os informantes preencheram, durante a coleta de dados, uma ficha com questões acerca das redes sociais (ANEXO 2). Essa ficha continha perguntas referentes a influências linguísticas internas e externas à comunidade, como: com quem o informante mais conversa, se frequenta outra cidade/zona, se tem amigos em outra localidade, se viaja, se é frequente o contato com os amigos, em que locais exerce atividades cotidianas (como compras, médico etc.) e qual é o contato com as práticas letradas e com os meios de comunicação de massa.

A partir das fichas e das demais informações adquiridas sobre os informantes, buscaremos, nas próximas subseções, justificar os resultados quantitativos de cada informante em relação às variantes. Assim, apresentaremos a variação individual e a correlacionaremos à caracterização da rede social por indivíduo.

Na tabela a seguir, seguem os dados quantitativos da variação na concordância de número divididos por informante, os quais servirão de base para nossa análise.

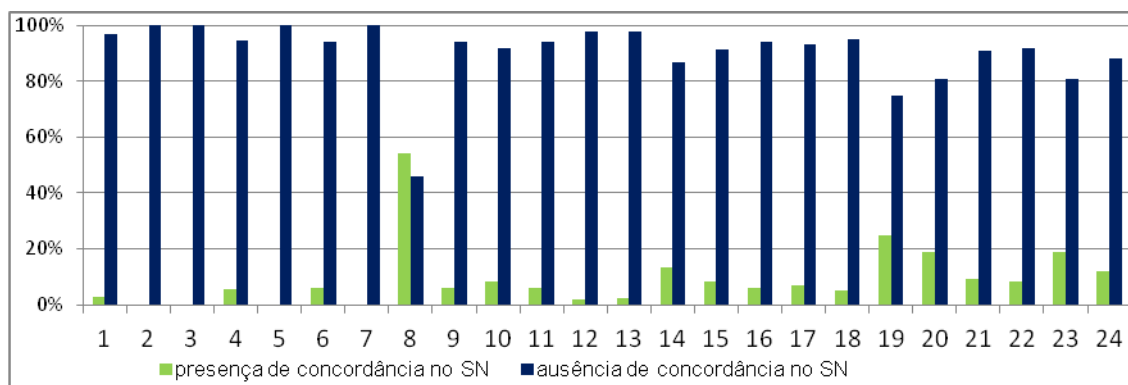
Tabela 32 - Variação na concordância de número no SN e no SV por informante

informante	variável dependente	SN		SV	
		n.	%	n.	%
01	presença de concordância	2	3%	3	12,5%
	ausência de concordância	63	97%	21	87,5%
	total	65		24	
02	presença de concordância	0	0%	2	9,9%
	ausência de concordância	38	100%	20	90,1%
	total	38		22	
03	presença de concordância	0	0%	0	0%
	ausência de concordância	30	100%	20	100%
	total	30		20	
04	presença de concordância	2	5,4%	1	3,9%
	ausência de concordância	35	94,6%	25	96,1%
	total	37		26	
05	presença de concordância	0	0%	13	37,1%
	ausência de concordância	64	100%	22	62,9%
	total	64		35	
06	presença de concordância	5	5,8%	1	2,7%
	ausência de concordância	82	94,2%	36	97,3%
	total	87		37	
07	presença de concordância	0	0%	0	0%
	ausência de concordância	16	100%	8	100%
	total	16		08	
08	presença de concordância	59	54,1%	30	41%
	ausência de concordância	33	45,9%	43	59%
	total	91		73	
09	presença de concordância	3	5,9%	1	7,1%
	ausência de concordância	48	94,1%	13	92,9%
	total	51		14	
10	presença de concordância	8	8,1%	15	21,7%
	ausência de concordância	79	91,9%	54	78,3%
	total	87		69	
11	presença de concordância	5	6%	8	17%
	ausência de concordância	79	94%	39	83%
	total	84		47	
12	presença de concordância	1	2%	4	12,5%
	ausência de concordância	50	98%	28	87,5%
	total	51		32	

13	presença de concordância	1	2,4%	3	7,7%
	ausência de concordância	41	97,6%	36	92,3%
	total	42		39	
14	presença de concordância	6	13,3%	4	10%
	ausência de concordância	39	86,7%	36	90%
	total	45		40	
15	presença de concordância	4	8,5%	5	16,7%
	ausência de concordância	43	91,5%	27	84,3%
	total	47		32	
16	presença de concordância	7	6,3%	16	20,5%
	ausência de concordância	105	93,7%	62	79,5%
	total	112		78	
17	presença de concordância	6	6,5%	7	18,4%
	ausência de concordância	86	93,5%	31	81,6%
	total	92		38	
18	presença de concordância	2	4,7%	3	25%
	ausência de concordância	41	95,3%	9	75%
	total	42		12	
19	presença de concordância	1	25%	8	80%
	ausência de concordância	3	75%	2	20%
	total	4		10	
20	presença de concordância	6	19,4%	0	0%
	ausência de concordância	25	80,6%	8	100%
	total	31		08	
21	presença de concordância	8	8,7%	4	9,3%
	ausência de concordância	84	91,3%	39	90,7%
	total	92		43	
22	presença de concordância	10	18,9%	6	19,4%
	ausência de concordância	43	81,1%	25	80,6%
	total	53		31	
23	presença de concordância	2	2,6%	15	33,3%
	ausência de concordância	74	97,4%	30	66,7%
	total	76		45	
24	presença de concordância	8	11,8%	7	26%
	ausência de concordância	60	88,2%	20	74%
	total	68		27	
total geral		1407		810	

Para efeito de visualização, elaboramos os dois gráficos seguintes a partir dos percentuais obtidos na tabela acima.

Gráfico 29 - Percentual das variantes da concordância de número no SN por informante



Através do gráfico, observamos o comportamento semelhante entre a maioria dos informantes de utilizar, em grande escala, a variante ausência de concordância no SN. Assim, verificamos que os informantes, analisados individualmente, tendem a reafirmar o resultado geral obtido em relação à variação na concordância de número do SN, mostrado no Capítulo IV (seção 4.1), o qual aponta 10,4% da variante presença de concordância nominal no SN e 89,6% da variante ausência de concordância nominal.

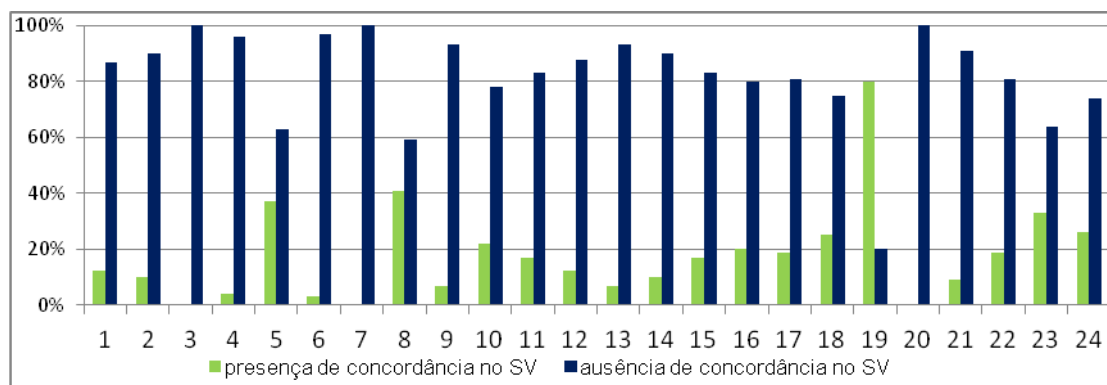
O único informante que foge a essa regra é o informante 08, que apresenta um percentual de 54,1% da variante presença de concordância no SN. As explicações para o perfil da variação desse falante serão realizadas ainda neste capítulo, na subseção 5.2.8.

Também observamos que os informantes 02, 03, 05 e 07 só utilizam a variante ausência de concordância. Para esses falantes, a variante conservadora apresenta-se como uma regra categórica, e é interessante notar que todos residem na zona rural. Exploraremos esses resultados mais adiante.

Em outra direção, os informantes da zona urbana (13 a 24) mantêm um perfil semelhante, com ocorrências da variante presença de concordância em, no máximo, 25% dos dados, e o restante com ocorrências da variante conservadora.

Veremos abaixo o gráfico referente à variável dependente concordância de número no sintagma verbal.

Gráfico 30 - Percentual das variantes da concordância de número no SV por informante



O gráfico referente ao sintagma verbal apresenta-se de modo menos linear que o referente ao sintagma nominal. Por outro lado, eles se assemelham em relação ao predomínio da variante ausência de concordância entre a maior parte dos falantes. Na verdade, apenas um informante – o informante 19 – realiza mais uso da variante presença de concordância de SV do que da variante ausência de concordância no SV, mas essa presença é não padrão, como será mostrada na subseção 5.2.19. Todos os demais confirmam o perfil geral da comunidade de manutenção da variante ausência de concordância, com valores próximos ao apresentado no Capítulo IV (seção 4.2.), isto é, de 80,6% da variante ausência de concordância no SV e 19,4% de ocorrências da variante presença de concordância, sendo que se incluem, nesse total, a presença padrão (6,5%) e a não padrão (12,9%).

A categoricidade da ausência de concordância de número no SV, por sua vez, é observada nos informantes 03, 07 e 20. Assim, diferentemente do que ocorre no SN, há também falantes da zona urbana que apresentam, exclusivamente, a variante conservadora.

Após essas considerações iniciais acerca dos resultados individuais dos informantes, analisaremos a influência das redes sociais sobre eles.

5.2.1. Informante 01

O informante 01 é residente na zona rural do município de Oliveira Fortes-MG, na região chamada Cantarinos (mostrada na figura 11). É do sexo masculino, tem 19 anos, é semiescolarizado e é trabalhador rural. No momento do primeiro contato

para a entrevista, inclusive, o informante estava ordenhando o gado da fazenda em que trabalha.

De acordo com seu relato, durante a infância, frequentava a escola que havia próximo a sua residência e, até a quarta série, repetiu três vezes. Como a escola foi fechada, a distância de sua casa até a escola urbana dificultava o acesso aos estudos, e a necessidade de auxiliar a família no trabalho no campo fez com que abandonasse a escola. No ano corrente da coleta de dados, o informante havia retomado os estudos, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno, com o objetivo de tirar a sua carteira de habilitação para motocicleta.

Em relação ao seu círculo de interação, o informante afirma que conversa mais com a família (especialmente com seu avô, com quem mora), com o seu vizinho – que também é o seu patrão – e com sua mãe (informante 21). Além das conversas, o rádio é também seu companheiro, através do qual gosta de ouvir forró. O informante diz que assiste pouco à televisão e, quando assiste, gosta das novelas.

Com a sua moto (que dirige mesmo sem habilitação), adquiriu maior mobilidade e, aos finais de semana, costuma ir às cidades próximas, como Barbacena-MG, Aracitaba-MG e Santos Dumont-MG, à procura de festas. Exceto a diversão, todas as suas atividades cotidianas estão centradas no município: trabalho, estudo, compras, médico etc.

Nos dados retirados de sua entrevista, foram poucas as ocorrências da variante presença de concordância: duas no SN (*pus otus* e *otas casas*) e três no SV, sendo que, no SV, a presença é não padrão (*exigiru*, *fecharu*, *internaru*). Todas as demais ocorrências apresentam a variante ausência de concordância, o que confirma a característica rural da sua fala, que, por sua vez, está ligada ao seu histórico de vida, ao seu trabalho e às pessoas com quem tem mais contato.

O informante 01, assim, apesar de jovem e de buscar o retorno à escola, apresenta o perfil sociolinguístico bastante marcado por sua vida rural. O seu isolamento sociogeográfico faz com que a sua fala sofra poucas influências externas ao meio rural, o que favorece a manutenção linguística da variante ausência de concordância de número. Acreditamos que esse perfil pouco mudará com o retorno à escola, uma vez que a sua perspectiva de futuro, como ele mesmo afirma, é “fazê dinheru tiranu leiti”.

5.2.2. Informante 02

O informante 02 é morador da zona rural Formoso (mostrada na figura 10), é do sexo masculino, tem 16 anos e é escolarizado. No momento da pesquisa, cursava o 1.º ano do Ensino Médio na escola urbana do município. Durante o dia, auxilia o pai no trabalho rural e, à noite, vai à “rua” estudar. Os primeiros anos de sua escolarização foram na escola rural próxima à sua residência, hoje desativada. Na trajetória escolar, repetiu o 6º ano logo que mudou de escola.

Em função dos estudos, o informante, todos os dias, está em contato com os amigos que residem na zona urbana. Além disso, aos sábados, faz aula de informática em outro município – Santos Dumont-MG –, embora os colegas de turma também sejam de Oliveira Fortes-MG.

A sua diversão é cavalgar. Nas competições da região, o informante sempre está presente, já que seu pai leva os cavalos dos participantes e, desde cedo, aprendeu a gostar do ramo. É assim que o informante também viaja: pela região, em eventos relacionados a cavalos. Os parentes mais distantes – que moram em São Paulo, por exemplo – só são vistos quando eles vão até o município (geralmente, uma vez por ano, na festa da cidade).

Além dos cavalos, o informante gosta muito de ir à *lan house* da zona urbana jogar *vídeo game*. Também tem o hábito de acessar os sites de relacionamento, como *Orkut* e *MSN*. De acordo com o informante, ele conversa com as garotas de Santos Dumont-MG e Barbacena-MG pela internet, ampliando os seus contatos. Porém, pelo telefone, só conversa com a mãe ou com algum colega mais próximo (como o informante 14, seu melhor amigo).

Em geral, o perfil social do informante situa-se no entre lugar rural-urbano do município. Como seus avós maternos migraram para a zona urbana há seis anos, o informante possui facilidade de ficar na “rua”, diferentemente dos demais moradores da zona rural. Além disso, o incentivo aos estudos (mesmo que a contragosto) deixa o informante mais próximo da influência da escola.

Ainda assim, o seu amor é pela “roça”. A cidade lhe agrada, na verdade, por causa da *lan house* e das “meninas”. A sua vida na zona rural não lhe proporciona relacionamentos além da família, e a zona urbana de Oliveira Fortes-MG, ainda que com as suas particularidades de “urbanização” já apontadas no Capítulo III, apresenta a oportunidade de interagir com mais pessoas.

Em seu relato, o informante fala de Oliveira Fortes-MG como se não pertencesse ao município, como se a roça fosse um local à parte. A pesquisadora, incomodada com tal situação, questiona-o. O trecho referente a esse momento segue abaixo:

(34) [...] **P: é ingraçadu qui cê fala Oliveira comu si você não fossi daqui... u pessual da iscola não fala qui você é da roça não?**

I: ah eis fala mai eu num ligu... eu falu ó... moru lá tô muito feliz cum u qui eu tenhu ondi qui eu moru...

P: mais elis falam mesmu? ficam ti zuandu?

I: fica.. ai só qui eu dexu pra lá... eis mexi mais aqui tamém é uma roça pió qui a minha... han... aqui é fofoca... lá em casa num tem nada é quetim... ó qui beleza [...] – INF02

Através da sua autoidentificação com a zona rural, também averiguamos o perfil sociolinguístico conservador, prototipicamente rural. Nos dados do informante 02, não há nenhuma ocorrência da variante presença de concordância no SN e apenas duas ocorrências da variante presença de concordância no SV, ambas com a mesma construção (*eas vão*). Relevante notar que o informante não apresenta nenhuma ocorrência de presença não padrão: ou é ausência ou é presença padrão (*eas vão*). Nesse sentido, a influência da escola é pouco sentida, já que o informante não gosta de estudar e está satisfeito com a vida que leva.

5.2.3. Informante 03

O informante 03 é morador da zona rural do município, na região do Formoso (assim como os informantes 02, 04, 05, 07, 09 e 11), mas sua residência situa-se na parte conhecida como Formosinho – parte abaixo do rio, com menos moradores. O informante é do sexo masculino, tem 29 anos, é casado e trabalhador rural. No momento da entrevista, o informante voltava de seu dia de trabalho, em que havia “roçado pasto”.

Sempre residente no Formoso, o informante só estudou quando era criança (até os onze anos de idade), na escola próxima à sua casa. Segundo ele, era um ótimo aluno, mas, depois que tirou a quarta série, não pode mais estudar, porque seu pai não deixou. Hoje, reconhece a falta que os estudos fazem, já que está

tentando tirar carteira de habilitação e não consegue ser aprovado na parte teórica que é exigida no exame, devido à dificuldade em interpretar os textos.

Com a sua vida centrada no trabalho na roça, seus amigos são todos do Formoso, sendo que, até a sua esposa já era moradora da localidade. O informante não tem contato nem com a parte urbana do município, em virtude do excesso de trabalho e da falta de meios de locomoção. Ele só vai à zona urbana uma vez por mês fazer compras e, só agora, com o incentivo do irmão, tomou coragem para tirar carteira de habilitação em Santos Dumont-MG.

Diante disso, pode-se afirmar que a única influência externa que o informante tem é a dos meios de comunicação, especificamente o rádio, que sempre foi seu companheiro, e a televisão, que tem desde os 15 anos.

O seu ritmo de vida, os seus poucos contatos e o seu isolamento sociogeográfico justificam o seu perfil sociolinguístico em relação ao fenômeno pesquisado: há ausência categórica de marca explícita de plural nos elementos que compõem os sintagmas, tanto nominais quanto verbais. No caso desse informante, em específico, não há variação, já que a aplicação da regra da não concordância é categórica (100%).

5.2.4. Informante 04

O informante 04 é morador da zona rural Formoso, é do sexo masculino, tem 33 anos, é casado e escolarizado – com Ensino Fundamental completo. Durante a sua vida, trabalhou na roça, mas, nos últimos anos, é funcionário da Prefeitura Municipal, onde atua como motorista no transporte escolar, levando os alunos da zona rural para a escola da zona urbana. A opção pelo abandono do trabalho no campo deu-se em função da renda e, principalmente, do desgaste físico. Como ele mesmo afirma, na roça:

(35) [...] *tem um dia qui tá chuvenu i cê tem qui trabalhá u dia interu dibá di chuva...né brincadera né não...né fácil não [...]* – INF04

Além do transporte escolar, também faz carreto pela região (Santos Dumont-MG, Aracitaba-MG e Barbacena-MG) nas horas vagas, o que o deixa sempre em movimento. Como ele mesmo afirma, é difícil encontrá-lo em casa.

Apesar disso, sua rede de relacionamento é bastante local: conversa com seus parentes, vizinhos e com as crianças que transporta para a escola. Sua vida é bastante integrada à comunidade: conhece todo mundo (tanto da zona urbana como da zona rural). O seu telefone – obtido há quatro anos – é utilizado apenas profissionalmente; além disso, gosta de ouvir a rádio de Santos Dumont-MG, que inclui músicas e noticiários da região.

Em sua fala, há poucas ocorrências da variante inovadora: são duas ocorrências no SN (*oitu anus e us otrus*) e apenas uma ocorrência no SV (*eram bravas?*), que pode ser entendida como cópia da pergunta da entrevistadora. Portanto, cerca de 95% dos dados investigados evidenciam a presença da variante ausência de concordância nos elementos dos sintagmas nominais e verbais. Esse informante, ainda que com maior mobilidade espacial do que os demais informantes da zona rural, mantém sua fala bastante marcada por seus contatos linguísticos rotineiros, o que corrobora a integração da comunidade pesquisada.

5.2.5. Informante 05

O informante 05 é também morador da zona rural Formoso. Idoso, com 69 anos, o informante é do sexo masculino, casado (no segundo casamento) e analfabeto.

Sempre residente na zona rural, morava muito distante da escola quando era criança e não teve a oportunidade de estudar. Segundo ele, as irmãs até conseguiram estudar, mas os homens tiveram que trabalhar. Portanto, sua vida foi de lavrador e, hoje, vive com sua aposentadoria.

Quase todos os dias, vai a Santos Dumont-MG. Lá, conversa com os colegas, faz compras, vai ao médico, ao banco etc. Quando volta, vai até a venda do Formoso e conversa com os vizinhos e, depois, vai para casa assistir ao jornal na televisão. Quando está em casa durante o dia, ouve no rádio as músicas caipiras e evita o trabalho no campo.

Sua relação com a zona urbana de Santos Dumont-MG é mais forte do que com a de Oliveira Fortes-MG porque a casa em que morava com a sua família quando criança era mais próxima de Santos Dumont-MG do que de Oliveira Fortes-MG e, além disso, o seu patrão era de Santos Dumont-MG. Assim, criou-se um laço de mais identificação com o outro município. Isso talvez possa explicar o fato de que, mesmo diante do analfabetismo, o informante 05 apresenta 37,1% da variante presença de concordância de número no SV, com 13 ocorrências, sendo quatro de presença padrão (como em *morreram* e *dão*) e nove de presença não padrão (*fizeru*, *desmancharu*, *levaru*).

Por outro lado, o que se faz mais forte é a variante ausência de concordância de número, que, no SV, apresenta-se com 63,9% e, no SN, não chega a ser variável, pois é categórica (100%) a aplicação da regra da não concordância.

De qualquer forma, a análise das redes sociais do informante 05 traz à nossa investigação um novo elemento: a influência de um meio urbano externo à comunidade. A mobilidade diária do informante para Santos Dumont-MG parece imprimir a seu discurso, em alguma medida, a variedade urbana. Ainda assim, não se observa um controle sobre a regra, tal como foi constatado no estudo de Bortoni-Ricardo (2011, p. 234), em que “à medida que os migrantes rurais se envolvem mais com a cultura dominante, tendem a exibir melhor controle da regra de concordância”.

No caso do informante 05, há um processo de aproximação da variante presença de concordância. Entretanto, são as formas verbais mais salientes que se situam nesse processo: algumas chegam à forma padrão (como *morreram*), outras ficam com a forma não padrão (como *internaru*), e outras – a maior parte delas – se mantêm sem a marca explícita de plural (como em *eas istudô*).

5.2.6. Informante 06

O informante 06 é morador da zona rural São Lourenço, tem 68 anos, é escolarizado, casado (com a informante 12) e trabalhador rural. O informante tem dois filhos que ainda residem com ele: uma com ensino superior completo e outro com Ensino Médio completo, o que revela o seu apreço pelos estudos.

Sempre residente no município, inclusive na mesma casa onde hoje mora com sua família, o informante tem muita experiência de vida e gosta de contar suas

histórias. Na região onde mora, é conhecido por gostar de um bom papo e por conversar com todos de São Lourenço, principalmente com a família e com os parentes que moram próximos à sua casa.

Fora da zona rural em que vive, o informante frequenta a zona urbana de Oliveira Fortes-MG e de Santa Barbara do Tugúrio-MG, município próximo. Como não dirige, costuma ir a pé para a zona urbana de Oliveira Fortes-MG ou espera alguma carona. Não gosta muito de sair de casa e, para passar o tempo, além das atividades diárias da vida na roça (como tirar leite, plantar, colher, aguar horta etc.), assiste, na televisão que tem há vinte anos, ao jornal e a jogos de futebol.

As marcas de seu isolamento sociogeográfico são refletidas em sua fala: a ausência de concordância apresenta índices de 94,2% no SN e 97,3% no SV. A influência da escolarização (por via direta – no caso da própria escolarização, há mais de 50 anos – ou por via indireta – dada a escolarização dos filhos) é pouco sentida: há apenas uma ocorrência da variante presença de concordância no SV (*são*) e cinco ocorrências no SN.

Portanto, o informante 06, finalizando o ciclo dos informantes do sexo masculino da zona rural, mostra, assim como os informantes 01, 02, 03, 04 e 05, que a integração à comunidade rural, à vida e às pessoas da zona rural, aliada a pouca influência do meio urbano e da escolarização, contribui para o alto índice de ocorrências com ausência de concordância nos sintagmas nominais e verbais na fala dos moradores de Oliveira Fortes-MG.

5.2.7. Informante 07

A informante 07, do sexo feminino, é moradora da zona rural, tem 19 anos e é semiescolarizada. Recém-casada, a informante mudou-se para a zona rural Formoso e mora com o marido, a sogra, o sogro e a filha. Antes, morava na zona rural Cantarinos com a sua mãe e seus irmãos, ao lado da casa do informante 01, que é seu primo.

Sem gosto para os estudos e com as mesmas dificuldades do informante 01 (ou seja, de morar longe da escola e ter que auxiliar a família financeiramente), parou de estudar para se dedicar aos afazeres domésticos. Muito jovem, engravidou e logo se casou. Hoje, vive em função da filha, enquanto o marido trabalha na roça.

Seu círculo de amizade é muito pequeno: não tem amigos em outras localidades, apenas nos Cantarinos. Na zona urbana de Oliveira Fortes-MG, conhece algumas pessoas (do posto de saúde, da prefeitura etc.), mas só conversa, efetivamente, com a sua tia (informante 21), que antes morava nos Cantarinos. Sua vida, portanto, é bem caseira e passa o dia assistindo televisão.

A informante 07 é, dentre os informantes, a que parece ser mais isolada das interações com os vizinhos e parentes. Talvez por ser bastante tímida e, até mesmo, inocente, prefere a sua solidão. Linguisticamente, o seu repertório evidencia esse isolamento, de tal modo que, tanto nos sintagmas nominais quanto nos verbais, há a categoricidade da ausência de concordância. Além disso, sua fala apresenta traços descontínuos da fala rural, como a vocalização da palatal/ λ /, como no verbo “colher”, em que ela diz “coiê”, e “milho”, em que fala “miu”, conforme exemplo abaixo:

(36) [...] *eu ajudava a minha mãe a coiê miu...feijão* [...] – INF07

Por outro lado, a informante apresenta uma consciência linguística bastante crítica a respeito do modo de falar “rural” e, talvez por isso, inconscientemente, tenha sido tão fechada durante a entrevista: pelo pouco acesso que teve à escola ou por influência da mídia, ela sabe que deveria falar de outro jeito. Essa consciência linguística é revelada, no final da entrevista⁴¹, quando a entrevistadora a questiona sobre o jeito de falar:

(37) [...] **P: [...] mi fala só mais uma coisa antis di eu ir imhora... que qui cê acha du jeitu di falar du pessual aqui da roça?**

I: u jeitu assim comu?

P: cê acha qui elis falam certu?

I: mais ô menus ((riu)) uas pessoa...tem pessoas qui fala erradu...

P: u quê mais ou menus?

I: ah...deporsitá ((riu)) dexa eu vê mais o quê...eh:...vai í...eis fala um mon di coisa errada...

P: e cê acha qui é pur causa di quê?

I: pur causa dus istudu...qui antigamenti num tinha iscola...só até a quarta séri...

P: aí cê acha engraçadu u jeitu delis falarem?

I: ((riu)) achu...((riu)) [...] tem u...tu num passô...tu na hora di entrá pra cá...num tem um bar ali?...intão...u donu dali fala tudu trapaíadu...((riu)) [...] – INF07

⁴¹ Cabe destacar que a referência à questão linguística foi feita ao término da entrevista sociolinguisticamente orientada, já que poderia induzir o falante a monitorar a sua fala. Porém, como houve um momento oportuno ao final da entrevista, o trecho foi gravado e considerado.

A pergunta induzida da pesquisadora revelou o que já estava subentendido: a falante julgava, negativamente, o falar da roça. Porém, ela mesma era falante dessa variedade que, segundo ela, fala “trapaiadu”.

O pouco e precário acesso à escola pode ser, como a própria informante acredita, a razão pela manutenção de traços da ruralidade em sua fala. Em relação à ausência de concordância de número, confirmamos a influência da rede social isolada no perfil sociolinguístico dessa falante, que, por sua vez, se reflete no perfil geral da comunidade.

5.2.8. Informante 08

A informante 08 é moradora da zona rural Formoso, tem 22 anos, é solteira e completou, recentemente, o Ensino Médio. É a única filha mulher de um casal idoso e tem dois irmãos mais velhos que moram fora de Oliveira Fortes-MG (um em Barbacena-MG e outro em Santos Dumont-MG). Desde que completou a escolarização básica, deseja mudar para outra cidade, como os seus irmãos, mas a obrigação de cuidar da família tem adiado tal mudança.

O perfil da informante 08 se difere do da maioria das mulheres com a mesma faixa etária na comunidade: ela não quer casar, não quer depender de marido; quer continuar estudando. Como se observa, sua mentalidade se aproxima daquela vigente nos grandes centros urbanos. Apesar disso, mantém o seu compromisso com a família, o respeito e o ritmo de vida de uma jovem do interior. Profissionalmente, a informante também tem ambições distintas da maioria de suas conterrâneas: seu sonho é ser aeromoça.

A influência da escolarização é bastante evidente na vida da informante e, talvez por isso, o seu perfil sociolinguístico destoe tanto do restante da comunidade, já que, como mostramos no início desta seção, a informante 08 é a única que apresenta índices de presença de concordância de número maiores do que o de ausência no SN (54,1% *versus* 45,9%, respectivamente), e, no SV, o percentual da variante presença de concordância é de 41%, enquanto o perfil geral é de 19,4%. Além disso, é bastante alto o número de ocorrências de presença de concordância padrão (23 das 30 ocorrências da variante presença) proferidas por essa informante,

o que, na verdade, corresponde a 43,4% do total da presença padrão no *corpus* (23 das 53 ocorrências).

Diante disso, podemos concluir, de forma bastante segura, que os resultados dessa informante devem-se à escolarização, uma vez que essa influência não se dá apenas no nível de conhecimento de mundo, mas também no nível pessoal, pois suas amizades estão diretamente ligadas ao ambiente escolar. Como ela mesma afirma:

(38) [...] *im iscola assim eu sempri mantivi us mesmus amigus digamus assim...eu nunca fui di fazer muita amizadi nova não sabi?... aí era sempri assim aquela períodu assim...a genti mudava di períodu mudava todú mundu juntú...us qui ficavam pa tráis ia ficanú...i us qui ia passanu a genti ia mantenu a amizadis ali...eu num...fazia muitas otras [...]* – INF08

O seu círculo de interação é bastante fechado e, embora esteja integrado à sua família e aos parentes de São Lourenço (como os informantes 06, 10 e 12), também é formado pelos amigos da escola de Paiva e Oliveira Fortes-MG, onde estudou. Como ainda é recente a sua saída da escola e ainda mantém contato com os amigos (por telefone e até por carta), a influência da variedade aprendida na escola se faz percebida em seu vocabulário, em seu gosto pela leitura e em sua crença de mudança de vida por meio dos estudos.

Em meio a esses contatos, a informante se situa em uma transição no contínuo rural-urbano (BORTONI-RICARDO, 2004): ela fala com seus familiares rurais e não escolarizados, mas também sabe lançar mão dos usos mais próximos da escolarização, numa estratégia de monitoração estilística. Em vários momentos da entrevista, isso é percebido: quando o tópico discursivo se refere a perspectivas ou a assuntos relacionados à escolarização, há mais ocorrências da variante prestigiada; enquanto nas circunstâncias em que são evocadas lembranças da infância e assuntos mais íntimos, há menor uso da variante prestigiada. Os exemplos abaixo ilustram isso.

(39) [...] **P: comu era a escola aqui di primeira a quarta série?**
I: *ah...a iscola era bem tranquila...era bom assim...tinha muito colega assim...aí depois uns foram sainu...aí...tamém...ia passanu di série...aquelis iam sainu assim...já iam mudanu di colégiu...mais aqui era bom...era iscola piquininha...intão assim tinha qui dividi a turma...assim uma sala pra duas turmas...intão era aquela...aquela confusão assim...mais era tranquilu [...]* – INF08

(40) [...] **P: e di assombrãção pur aqui...essas coisas...tinha muita história?**
 l: *tinha...assim...tinha um vizinhu da genti qui morava ali im cima ali...eli qui gostava di contá uns casu mais antigu assim...mais...a genti era bem pequenu assim...eli vinha...aí ficava eli i u meu pai contanu assim...qui às veiz elis saia quandu elis era solteru assim [...] – INF08*

Diante do que pudemos observar acerca da informante 08, a diferença em seus percentuais das variantes refletem, na verdade, um diferente perfil social dessa informante na comunidade. Ela é, não só linguisticamente, mas socialmente, uma pessoa incomum em Oliveira Fortes-MG, principalmente na zona rural. Essa peculiaridade parece ter ligação com o forte papel que a escola exerceu (e ainda exerce) na vida da informante. No caso dessa falante, exclusivamente, a influência da escolarização parece ser mais forte do que a de sua rede social no que se refere à variação na concordância de número no SN e no SV.

5.2.9. Informante 09

A informante 09 é moradora da zona rural Formoso, tem 56 anos e é semiescolarizada. Casada desde os 16 anos, a informante só estudou até os treze anos de idade, na escola próxima a sua casa, na zona rural, em que tirou o quarto ano.

Sua vida é típica de uma vida na roça: cuida da casa, faz biscoitos, queijos e auxilia o marido na lida com o gado, quando necessário. Tem medo da solidão, mas gosta do ritmo de vida do campo. Suas amizades são a família: o marido, o filho, a nora e os dois netos – dentre eles, o informante 02 –, além das irmãs com quem mantém contato via telefone e visitas rotineiras, já que moram em cidades vizinhas. Geralmente, são elas quem a visitam, pois não gosta muito de deixar a casa sozinha.

Portanto, a informante 09 vive bastante isolada. É o seu marido quem sai mais. A sua companhia, geralmente, é a televisão, em que assiste ao noticiário e às novelas.

O seu isolamento e a sua rede social restrita à família são refletidos nos seus usos linguísticos: no fenômeno em variação investigado, a informante realiza apenas três ocorrências de presença de concordância de número no SN (*trezi anus*,

duzentus i pocus reais e onzi anus), em vocábulos de uso cotidiano e em sintagma constituído por numeral; e uma no SV, não padrão, (*eas falaru*), prevalecendo, assim, a variante ausência de concordância.

Além disso, aparecem, em sua fala, alguns traços descontínuos, como rotacismo (troca do fonema /l/ por /r/), em *vortá* (voltar) e *reclamá* (reclamar); e, de modo semelhante à informante 07 – também rural, isolada e semiescolarizada –, a vocalização da palatal /λ/, em *trabaiá*.

Desse modo, podemos concluir que a informante 09 mantém, em sua fala, características conservadoras em função da vida rural isolada que leva. Seu círculo social, também conservador, não exige dela inovações.

5.2.10. Informante 10

A informante 10 é moradora da zona rural São Lourenço, tem 34 anos, é escolarizada, casada e mãe de duas filhas. Mesmo casada, continua morando com a sua mãe – professora aposentada – e lhe auxilia nos afazeres domésticos, além de cuidar das filhas (uma de sete e outra de quatro anos). O marido é produtor rural e passa o dia fora de casa, trabalhando em uma fazenda que fica em outra localidade.

A informante, como já dissemos no início da seção, é prima da informante 08 e sobrinha dos informantes 06 e 12. Eles moram no mesmo loteamento (mostrado na figura 09), e o contato é frequente – especialmente com a informante 08, que a ajuda a cuidar das filhas.

Além da família em São Lourenço, a informante tem sua rede de relacionamento um pouco mais expandida pelas relações com a família do marido, que é de outra zona rural, pertencente a um município vizinho, a qual visita semanalmente.

Para passar o tempo durante a semana, assiste à televisão, ouve rádio e conversa no celular com os seus parentes. Além disso, é engajada na comunidade religiosa: é catequista e auxiliar da paróquia (que tem missa uma vez por mês).

A informante é bastante conversada e, por influência da escolarização, da mãe professora e da constante atuação pública, apresenta um percentual superior à média da comunidade no que se refere às ocorrências da variante presença de

concordância de número no SV, tendo em vista que são 21,7% (15 das 69 ocorrências em variação, dentre as quais 6 são de presença padrão e 9 de presença não padrão). No SN, são 8,1% da variante inovadora, sendo que, como já destacamos no Capítulo IV, na subseção 4.1.2.4., a influência da escolaridade é visível nessas ocorrências (como no SN *das obrigações*).

Ainda assim, os percentuais de ausência de concordância no SN e no SV são bem maiores na fala da informante 10, o que mostra que, no caso dela, diferentemente do de sua prima – informante 08 –, a influência das redes sociais é mais forte do que da escolarização.

Nessa direção, evidenciamos, durante a sua entrevista, o aparecimento de traços descontínuos, característicos da variedade rural, como a mudança da vogal temática (/a/ > /e/) no pretérito da primeira conjugação, destacada no trecho abaixo:

(41) [...] *ai passô tempu passô tempu começemu a namorá i casemu vai fazê oitu anu qui nós casô [...]* – INF 10

Portanto, a informante 10 é um exemplo de uma falante rural, escolarizada, que conhece as formas inovadoras e o seu valor enquanto prestigiadas, mas, em função da força que sua rede social exibe, é mais recorrente o uso das formas conservadoras em seu discurso.

5.2.11. Informante 11

A informante 11 é moradora da zona rural Formoso, tem 73 anos, é viúva e analfabeta. Atualmente, mora com dois filhos e, dada as condições de saúde, possui pouca independência, mas ainda é bastante ativa nas atividades domésticas.

Através do telefone, mantém contato com seus filhos, principalmente com a filha. Na televisão, assiste à missa e ao jornal, mas gosta mesmo é de se ocupar com a horta, com as plantas, com a vida no campo. A informante sai pouco de casa: costuma ir à zona urbana de Oliveira Fortes-MG duas vezes por mês ao médico e a Santos Dumont-MG uma vez por mês receber o pagamento e fazer compras na companhia dos filhos.

O seu ritmo de vida é comum ao de mulheres de sua idade no município, e o seu perfil sociolinguístico é bastante próximo do perfil geral da comunidade: 6% da variante presença de concordância no SN e 17% da variante presença de concordância no SV. Nos SNs, essa presença é observada em vocábulos corriqueiros, como *muitus anus*, *us otus*; e, nos SVs, a presença ocorre em forma padrão (*eis iam*, *eis vão*) e não padrão (*eis foru*).

Mesmo com a ausência da escolarização, o convívio com seus filhos escolarizados é o que parece favorecer o uso da variante inovadora em seu repertório linguístico, o que, mais uma vez, reforça a importância dos contatos interpessoais no delineamento do perfil sociolinguístico dos informantes. Entretanto, o predomínio de características específicas da variedade rural (a ausência de concordância de número, o rotacismo (*vortei*), a mudança de vogal temática (*casemu*), a vocalização da palatal /ʎ/ (*trabaiei*) etc.) na fala da informante 11 evidencia as suas raízes, o seu isolamento e a sua ausência de escolarização e contribui para a manutenção de variantes conservadoras na comunidade.

5.2.12. Informante 12

A informante 12 é moradora da zona rural São Lourenço, tem 64 anos, é escolarizada e é casada com o informante 06, com quem tem dois filhos, como informado na subseção 5.2.6.

Diferentemente do marido, a informante 12 é bastante fechada e não gosta de conversar. Seu círculo de amigos é restrito à família. No seu dia-a-dia, gosta de assistir às novelas, aos jornais e escuta as notícias também através do rádio, enquanto faz os serviços domésticos.

O seu isolamento social, aliado à integração à vida rural – assim como ocorre com seu marido –, favorece o predomínio da variante ausência de concordância de número em sua fala. No SN, há apenas uma ocorrência de marca explícita de plural (em *sessenta e dois anus*) e, no SV, há quatro ocorrências, todas de presença não padrão.

Portanto, a informante 12 mantém-se conservadora, de modo geral, em função do seu isolamento. A escolarização já não exerce pressão sobre a vida da falante,

uma vez que o círculo de interação pouco flexível, com características linguísticas rurais compartilhadas, não a faz lançar mão da variante prestigiada.

5.2.13. Informante 13

O informante 13 é morador da zona urbana do município de Oliveira Fortes-MG, é do sexo masculino, tem 23 anos e é analfabeto. Embora tenha frequentado a escola durante a infância, o informante não conseguiu aprender devido a um déficit de atenção.

Mesmo com o analfabetismo e com suas necessidades educativas especiais, o informante possui uma vida bastante independente no município. Como ele mesmo afirma:

(42) [...] *aqui eu já tenhu mais liberdadi... aqui eu saiu a hora qui eu queru... eu voltu a hora qui eu queru... num tem muita preocupação né? [...]* – INF 13

O seu círculo de interação é restrito à comunidade: conhece todo mundo da zona urbana, embora converse principalmente com seus familiares e vizinhos (inclusive, com o casal de informantes 17 e 23).

Cabe destacar que seus familiares, embora residam na zona urbana, possuem intensa ligação com a zona rural. O seu pai, inclusive, vai trabalhar no campo todos os dias. Porém, o informante não gosta da “roça” e, além disso, revela, no decorrer da entrevista, uma relação bastante interessante com a cidade, a fim de mostrar que Oliveira Fortes-MG não é uma roça. Os trechos abaixo ilustram essa concepção:

(43) **P: i assim... u pessoal fala qui Oliveira é uma roça... cê acha... que qui cê acha?**

I: ah roça num é... tipo... a roça... eis acha qui é roça porque aqui é muito tranquilo... parado... descansa a cabeça... mais eu acho qui roça num é apropriado não...né? num é evoluída a cidade né? mas roça roça eu acho qui num é não

P: cê tinha comentadu qui não gosta di roça né? e daqui cê gosta...

I: daqui eu gosto porque aqui... roça eu num gosto muito porque roça é assim... tem uma casa aqui... outra mais lá frente... outra mais lá longe ainda... num é igual aqui qui... é... na rua tem casa... pra todo lado qui cê oia tem uma casa ne?

O sentimento de não pertencimento à “roça”, como é denominada a zona rural do município, refletido na fala do informante 13, é algo compartilhado por muitos

moradores da zona urbana, principalmente os mais jovens. Apesar disso, a visão de pessoas “mais” urbanizadas que conhecem o município é de que, como um todo, a zona urbana e a zona rural são “roças”. Essa visão externa, que causa incômodos internos, acaba se confirmando linguisticamente, uma vez que não é possível visualizar a distinção rural/urbana, “roça”/“rua” entre os oliveira-fortenses, como já mostramos no Capítulo IV.

No caso do informante 13, o perfil sociolinguístico é bastante próximo dos falantes rurais do município e, conseqüentemente, é conservador: só há uma ocorrência da variante presença de concordância no SN (*dus santus*) e três ocorrências no SV (uma padrão (*dão*) e duas não padrão (*contaru, meteru*)). Todas as demais ocorrências são de ausência de marca explícita de plural nos elementos do sintagma.

Esse perfil se justifica pela configuração de sua rede social: o informante, mesmo nascido na zona urbana, tem contato com pessoas que possuem intensa ligação e raízes rurais, conversa muito com os falantes mais velhos – que também são migrantes da zona rural (como será explorado nas subseções 5.2.17 e 5.2.23) – e não teve acesso adequado à escolarização. Vemos, assim, como é forte o papel dos contatos linguísticos na vida do informante em seu isolamento sociogeográfico “urbano”.

5.2.14. Informante 14

O informante 14 é morador da zona urbana, tem 16 anos, é do sexo masculino e escolarizado, cursando o Ensino Médio. Melhor amigo do informante 02 (apresentado na subseção 5.2.2), filho do informante 16 e sobrinho dos informantes 15 e 20, o informante 14 representa, no universo da nossa pesquisa, os diversos laços sociais que o morador de Oliveira Fortes-MG possui.

Com a sua pouca idade, o informante dedica a sua vida aos estudos. Durante a semana, cursa o Ensino Médio e, aos sábados, faz um curso de informática em Santos Dumont-MG. Suas amizades são a família (mãe, pai e irmão mais velho) e os colegas da escola, do time de futebol e os demais vizinhos que ficam na rua batendo papo. Assim como o informante 02, gosta de ir à *lan house* para jogar *vídeo game* e não pensa em mudar da cidade: está satisfeito com a vida que tem.

Em função dessa ausência de perspectiva de mudança de vida, a escola parece exercer pouca influência em seu repertório linguístico. Mais de 85% das ocorrências do fenômeno investigado são da variante ausência de concordância, tanto no SN quanto no SV. O seu perfil sociolinguístico, mesmo sendo jovem, escolarizado e morador da zona urbana do município, evidencia a manutenção linguística. Esse dado, comparado ao dos demais informantes dessa mesma faixa etária e escolarização (02 e 08), nos leva a confirmar a suposição feita no Capítulo IV, na subseção 4.1.2.3., acerca da relação entre faixa etária e inserção no mercado de trabalho: a escolarização só exerce influência se vier conjugada ao desejo de inserção no mercado de trabalho – como é o caso da informante 08. Caso contrário, mesmo na faixa etária jovem, prevalece o conservadorismo linguístico, condicionado pela força dos contatos linguísticos internos à comunidade.

5.2.15. Informante 15

O informante 15 é morador da zona urbana, é do sexo masculino, tem 37 anos, é solteiro e analfabeto. Ele, desde criança – já que não teve oportunidade de estudar –, é lavrador e trabalha na zona rural de Aracitaba (município ao lado de Oliveira Fortes-MG). Assim, todos os dias, bem cedo, desloca-se de bicicleta para o seu trabalho.

Os relacionamentos pessoais do informante 15 – embora ele resida na zona urbana e tenha irmãos (como o informante 16), sobrinhos (como o informante 14), cunhados (como a informante 20) e vizinhos urbanos – são bastante ligados à zona rural, onde passa a maior parte de seu tempo. Além do local de trabalho, o informante tem uma namorada em outra zona rural, próxima à Oliveira Fortes-MG, mas pertencente ao município de Santos Dumont-MG.

Quando está em casa, o informante gosta de assistir à televisão (novela e jornal), mas ocupa a maior parte de seu tempo com o rádio, ouvindo músicas diversas. As suas atividades de lazer são raras, mas, quando há tempo, gosta de andar de bicicleta pelas redondezas da cidade.

O seu perfil sociolinguístico, nessa direção, reflete a sua pouca mobilidade sociogeográfica. O percentual exibido para as variantes do fenômeno da concordância de número (no SN e no SV) é bem próximo do percentual encontrado

na comunidade: o falante realiza majoritariamente a ausência de marca de plural nos sintagmas (91,5% no SN e 83,3% no SV), mas apresenta 8,5% de presença de concordância no SN e 16,7% no SV. Essa frequência da variante presença de concordância evidencia que a variante inovadora não é só aprendida na escola: pode ser influência dos meios de comunicação em massa ou mesmo das conversas com os seus familiares e vizinhos mais escolarizados e, mais uma vez, reforça o valor das interações em direção à variante inovadora – e, principalmente, em direção ao conservadorismo linguístico.

5.2.16. Informante 16

O informante 16 é morador da zona urbana, é do sexo masculino, tem 44 anos e é escolarizado. Diferentemente do irmão – informante 15 –, o informante 16 esforçou-se para estudar e mudar de vida, mesmo trabalhando na roça enquanto criança. Repetiu quatro vezes o primeiro ano escolar, mas conseguiu concluir o Ensino Fundamental e, desde seus 18 anos, é funcionário da prefeitura do município, atuando como operário (pedreiro).

Em função do seu trabalho na zona urbana, distanciou-se da zona rural do município e, há mais de três anos, não vai à “roça”. Suas “viagens” são para Santos Dumont-MG e Juiz de Fora-MG, quando é preciso ir ao médico ou realizar alguma compra. Seu círculo de amizades é constituído, assim, pelos moradores da zona urbana, o que inclui a sua família (mulher e dois filhos – dentre eles, o informante 14) e os irmãos que residem na localidade.

Fora do trabalho, o informante gosta de ouvir músicas (especialmente, *funk* e *pagode*) e assiste às novelas de todos os canais televisivos. Ele relata que sempre gostou de televisão e, quando criança, mesmo não tendo o aparelho em sua residência, assistia aos programas na casa dos vizinhos.

Apesar da vida um pouco diferente, o informante 16 não apresenta muitas diferenças linguísticas em comparação com o irmão: além dos traços descontínuos que aparecem de forma variável em sua fala (como a vocalização da palatal /λ/ (*trabaiá*) e o rotacismo (*revórv*)), o percentual de presença de concordância é de 6,3% no SN (um pouco menor do que o do informante 15 – analfabeto) e de 20,5% no SV (um pouco maior do que o de seu irmão). Especialmente em relação ao SV,

cabe destacar que o informante escolarizado realiza mais ocorrências de presença padrão do que o seu irmão analfabeto: em sua fala, encontramos ocorrências como *quiserem* e *aceitavam*. Isso reforça o papel da escolarização na inserção da variante inovadora na comunidade, principalmente no sintagma verbal, como já apontamos no Capítulo IV, na subseção 4.2.2.4.

Porém, de modo geral, o perfil sociolinguístico dos dois irmãos é semelhante (entre eles e entre a comunidade de falantes pesquisada), o que corrobora o forte papel das redes sociais dos falantes, principalmente dos laços familiares (laços fortes), para além da influência da escolarização.

5.2.17. Informante 17

O informante 17 é morador da zona urbana, é do sexo masculino, tem 75 anos e é analfabeto. Casado com a informante 23, é migrante da zona rural do município, onde viveu a sua infância. Depois, conseguiu um emprego na prefeitura como auxiliar de serviços gerais e passou a vida sendo gari. Hoje, aposentado, tem orgulho da vida que construiu e da cidade que viu sendo transformada.

A família do informante, composta por cinco filhos homens, foi se distanciando por causa da falta de oportunidades para os jovens no município. Hoje, apenas dois de seus filhos ainda moram em Oliveira Fortes-MG, no mesmo terreno dos pais. Assim, os contatos mais constantes do informante são com a esposa, os filhos e a nora, além dos vizinhos (como os informantes 13 e 21).

Conhecido de todos, o informante 17, juntamente com a sua esposa, é ativo nas atividades religiosas e, além de estar presente em todas as missas, também as acompanha pela televisão. Como não lê, sente-se limitado para sair do município e o mais longe que vai é Santos Dumont-MG, quando necessário.

O informante demonstra, em sua entrevista, grande amor pela vida no campo e, mesmo morando na zona urbana, mantém as práticas rurais, como plantar milho e feijão e buscar lenha para a esposa cozinhar.

A sua linguagem, como consequência, também reflete essa sua característica, como através da vocalização da palatal /ɲ/ e /ŋ/ (*trabaiu, coí, fia vei, mia*). Na concordância de número, o seu percentual das variantes é semelhante ao resultado geral da comunidade, uma vez que apresenta 6,5% da variante presença no SN e

18,4% no SV (todas não padrão) e 93,5% e 81,6% da variante ausência de concordância no SN e SV, respectivamente.

Como não teve acesso à escolarização, podemos supor que o informante aprendeu a variante inovadora ao longo da vida, através de seus contatos linguísticos. Ainda assim, os seus contatos mais influentes (como a informante 23, que veremos na subseção 5.2.23) parecem tender à ausência de concordância nos elementos do sintagma nominal e verbal, já que é esse o uso que prepondera em seu discurso.

5.2.18. Informante 18

O informante 18 é morador da zona urbana, é do sexo masculino, tem 82 anos e é escolarizado. Solteiro, ele morou durante toda a sua vida na zona rural e, há 15 anos, com a velhice, mudou-se para a zona urbana devido às condições de saúde. Mesmo quando morava na “roça”, ia diariamente à “rua” nos finais da tarde e, principalmente, aos domingos, em que não perdia a missa.

Atualmente, o informante é bastante limitado e vive na dependência de seus sobrinhos. Além deles, o informante conta com a ajuda da informante 22 em pequenos serviços domésticos. Como não sai de casa, só conversa com quem vai até ele e, geralmente, são as pessoas da família.

Para passar o tempo, lê revistas e livros religiosos e assiste aos jornais, às novelas e ao futebol na televisão (à qual só teve acesso quando mudou-se para a zona urbana).

A escolarização na vida do informante parece ter exercido pouca influência em seus usos linguísticos, já que toda a sua vida esteve relacionada ao trabalho rural. Em seu discurso, há apenas duas ocorrências da variante presença de concordância no SN (*as duas* e *seti anus*) e três no SV (*faleceru*, *deixaru* e *foru*). O percentual de 25% que estas últimas representam acaba sendo desmistificado, uma vez que é pouco representativo no universo geral dos dados (o informante apresentou apenas 12 ocorrências de variação no SV), tratando-se, ainda, de presença não padrão, também entendida como conservadora.

Portanto, através do perfil do informante 18, vemos o quanto é significativo o isolamento sociogeográfico para a manutenção da variante da concordância de

número característica do ambiente rural. A escolarização, pelo que nos é apontado, não tem muita atuação em relação ao fenômeno para quem lida, exclusivamente, com a “roça” (nem para os jovens, nem para os adultos e, muito menos, para os idosos).

5.2.19. Informante 19

A informante 19 é moradora da zona urbana, tem 16 anos e apresenta um perfil bastante raro no município para as pessoas dessa faixa etária: é analfabeta funcional. A informante abandonou a escola aos 14 anos, depois de ter repetido diversas vezes até o quarto ano e de ter descoberto, juntamente com a família e a escola, ser portadora de necessidades educativas especiais. Ela não aprendeu a ler, efetivamente, mas sabe assinar o seu nome.

Com poucos amigos, a informante relaciona-se com a sua família (pais, irmãos e avó), com intensa ligação com a zona rural: o pai é trabalhador rural, a mãe morava na zona rural antes de se casar, e a avó mudou-se da zona rural após o falecimento de seu marido.

A informante conversa pouco, possui uma mentalidade bastante infantil, e a sua entrevista foi bastante difícil⁴². Ainda assim, foi possível identificar 14 ocorrências do fenômeno em variação e, dessas, nove foram de presença de concordância (uma no SN e oito no SV), e cinco foram de ausência de concordância (três no SN e duas no SV). À primeira vista, os 80% de presença de concordância no SV exibidos pela informante pode parecer estranhos, mas, na verdade, sete ocorrências (das oito) configuram-se como presença não padrão. Portanto, na verdade, no SV, o conservadorismo atinge 90%, e não apenas 20%. Além disso, no SN, o percentual de 25% de presença – superior ao encontrado para a comunidade – é referente a apenas uma ocorrência, o que o torna não significativo.

Nessa direção, com os esclarecimentos devidos, averiguamos que a informante 19 também sofre as pressões de suas redes sociais e de sua dificuldade de assimilação dos processos escolares. Dado o seu isolamento e a sua dificuldade

⁴² A entrevista da informante 19 foi considerada devido à ausência de outro informante compatível com o perfil da estratificação proposta neste trabalho, conforme explicitado no Capítulo III.

cognitiva, sua fala tende a reproduzir as características de seus familiares, cujas raízes são rurais. Mesmo sendo jovem, o seu perfil sociolinguístico parece contribuir para a manutenção das variantes desprestigiadas na comunidade.

5.2.20. Informante 20

A informante 20 é moradora da zona urbana, tem 23 anos, possui Ensino Médio completo e é casada. Mãe de duas filhas (uma com seis anos e outra com dois), a informante apresenta um perfil social muito comum às mulheres de sua faixa etária. Ela estudou até o nível que a cidade oferece e formou sua família. Hoje, vive para as filhas e para o marido (irmão dos informantes 15 e 16 e tio do informante 14) e, para auxiliar na renda familiar, faz alguns “bicos”.

Quando criança, chegou a morar na zona rural, mas, aos dois anos, mudou-se para a zona urbana. Os pais, com pouca condição financeira e grande número de filhos (dez), continuaram trabalhando na roça. Os filhos cresceram e alguns foram embora para cidades próximas (como Juiz de Fora-MG) trabalhar como pedreiro. A informante engravidou muito cedo (a primeira gravidez foi aos 14 anos, mas perdeu o bebê), e a perspectiva de um futuro fora da cidade não se realizou. Atualmente, com as duas filhas, ela não tem vontade de mudar da cidade, visto que é um lugar tranquilo e sossegado.

A sua ligação com a cidade e a pouca aplicação que a escolarização teve em sua vida (diferentemente da informante 08, com a mesma faixa etária e mesma escolarização) são refletidas em sua linguagem. Na concordância de número no SV, a regra de não concordância é categórica em seu discurso, mas as marcas da escolarização são sentidas no SN, em que 19,4% das ocorrências apresentam a variante presença de concordância.

Portanto, no caso da informante 20, a força da escolarização é presente, mas pouco influente, uma vez que o seu círculo social – restrito à vida pacata de Oliveira Fortes-MG – a leva em direção ao conservadorismo linguístico.

5.2.21. Informante 21

A informante 21 é moradora da zona urbana, tem 43 anos e é semiescolarizada. Migrante da zona rural, a informante é mãe do informante 01 e tia da informante 07. Na “rua”, onde mora há cinco anos, trabalha como empregada doméstica e gosta de conversar com a sua vizinhança (que inclui os informantes 13, 17 e 23).

Nos finais de semana (e sempre que pode), a informante visita a família na zona rural Cantarinos e também vai ao município vizinho Aracitaba-MG para namorar. O celular, recentemente adquirido, além de servir de instrumento de contato com as pessoas, possibilita ouvir música e é seu companheiro fiel.

No plano linguístico, observamos que a informante, por ser bastante comunicativa, manifesta em sua fala, mesmo com a forte raiz rural e ausência de escolarização, um percentual de 8,7% da variante presença de concordância no SN. No SV, o percentual também é parecido (9,3%), mas todas as ocorrências são de presença não padrão. De modo geral, o que impera é o conservadorismo linguístico, mas a inovação que se percebe no SN deve-se, como acreditamos, à influência dos contatos linguísticos na comunidade, tão integrada em seus laços sociais.

5.2.22. Informante 22

A informante 22 é moradora da zona rural, tem 34 anos, é escolarizada, casada e tem dois filhos (um com doze anos e outro com seis). O perfil da informante 22 é muito parecido com a maior parte das mulheres de sua faixa etária: vive para a família e, para auxiliar no sustento, trabalha como doméstica (na casa, inclusive, do informante 18).

Com a vida muito simples desde criança, a informante – filha da informante 24 – sempre morou na zona urbana, mas teve contato com a zona rural, como se percebe a partir do relato abaixo:

(44) [...] *eu ia muito pa roça...levantava cedo cum a minha tia i ia pra roça cum ela plantá feijão...batê feijão...limpá o feijão pa pô nu sacu...((participação de*

terceiros))...panhá café...panhei muito café tamém...mais u qui eu fiz muito mesmu tamém foi buscá lenha...eu vindia muita lenha pa padaria qui tinha[...]

A informante estudou, mas sempre teve como prioridade o casamento e a vida familiar. Hoje, com os filhos um pouco crescidos, ela almeja conseguir, no município, uma oportunidade de trabalho formal. Para tanto, investe em sua capacitação, fazendo todos os cursos que a assistência social oferece (como corte e costura, pintura etc.). Esse desejo de inserção no mercado de trabalho parece influenciar no âmbito linguístico, no qual observamos índices próximos aos 20% da variante presença de concordância no SN e no SV, sendo que, no SV, só há uma ocorrência de variante não padrão.

Ainda assim, predomina a variante ausência de concordância em seu discurso. A força que atua em direção ao conservadorismo advém da sua rede social, que possui grande influencia dos contatos de sua mãe, uma vez que a própria informante destaca:

(45) [...] cabu u meu sirviçu i venhu pa mãe...quandu eu vô assim...final di semana pá rua...aí chegu lá eu ficu cum a mãe também...eu num sô assim...di ficá em turminha di colega assim não [...]

Mesmo afirmando ter mais contato com a mãe, a densidade que a comunidade de Oliveira Fortes-MG exhibe em sua configuração de redes sociais acaba, de modo direto ou indireto, influenciando no perfil da informante. Ela também é um componente da multiplexidade de relações interpessoais que o espaço sociogeográfico do município favorece.

5.2.23. Informante 23

A informante 23 é moradora da zona urbana, é do sexo feminino, tem 66 anos e é analfabeta. Casada com o informante 17, a informante morou na zona rural até antes do casamento e possui grande apreço pela vida no campo.

Na cidade, trabalhou como lavadeira para ajudar na criação dos filhos e, hoje, aposentada, sente saudades daqueles que se mudaram para cidades maiores à procura de uma vida melhor.

Seu ritmo de vida e suas relações pessoais são bem parecidos com os do marido (cf. subseção 5.2.17) e, portanto, colaboram para a conservação de suas raízes rurais. Conseqüentemente, também contribuem para o perfil sociolinguístico conservador. Nessa direção, cabe salientar que o percentual de 33,3% da variante presença de concordância no SV refere-se, na verdade, à presença não padrão – que também é conservadora. Portanto, na fala da informante 23, de fato, só há duas ocorrências da variante inovadora, as quais aparecem nos SNs *cinquenta reais* e *dozi reais*.

Assim, através dessa informante (em complementaridade aos demais), vemos que o analfabetismo e o apreço pelas raízes rurais são peças fundamentais para compreender a não mudança linguística na comunidade.

5.2.24. Informante 24

A informante 24 é moradora da zona rural, tem 62 anos e é escolarizada. Viúva e mãe de seis filhos (inclusive da informante 22), ela vive para cuidar de suas filhas e netas, com uma realidade muito sofrida.

Quando jovem, morou na zona rural e, ao mudar para a zona urbana com o namorado – depois, marido –, trabalhou no circo que ficava localizado onde hoje é a sua residência.

Seu círculo de interação inclui a família e toda a cidade, já que conversa com todos, como mostra o trecho retirado de sua entrevista:

(46) **P: e amizade? cê tem muita amizade aqui em Oliveira?**

I: *graças a Deus...num tenhu inimizadi cum ninguém...*

P: cê conversa mais com quem?

I: *ah...cum todú mundu qui a genti vê na rua a genti cunversa né?...*

A sua rede social, integrada à alta densidade e multiplexidade da comunidade, direciona-a para o conservadorismo linguístico. O percentual de 26% da variante presença de concordância no SV é enganador, uma vez que todas as sete ocorrências são de presença não padrão. Diante disso, o conservadorismo no SV é, na verdade, categórico para essa informante, e apenas no SN é possível visualizar a

inovação – que aparece em 11,8% das ocorrências –, a qual pode ser influência de resquícios de sua escolarização e/ou de seus contatos na comunidade.

5.3. O perfil sociolinguístico dos informantes e seu reflexo na comunidade: considerações gerais

Na comunidade, em geral, em função do que foi descrito na seção 5.2., em que se deteve atenção especial a cada informante da pesquisa, podemos observar duas forças atuando na configuração linguística do município: uma em direção à ruralidade em função das raízes sociais do município; e outra em direção à escolaridade. No plano linguístico, essas forças se refletem, respectivamente, em direção ao conservadorismo linguístico e à inovação linguística. Porém, entre essas forças, há a influência da interação, dos contatos interpessoais constantes, isto é, das redes sociais. A figura abaixo objetiva ilustrar a atuação dessas forças:

Figura 13 - Forças atuantes no perfil sociolinguístico da comunidade



No perfil de todos os informantes, observamos a atuação das forças acima e, em síntese, identificamos que:

- a) para os informantes analfabetos ou semiescolarizados, as redes sociais funcionam como um intermédio para o avanço do falante à direita da seta (rumo ao polo da escolarização). Assim, o contato com falantes que utilizam a marcação explícita de plural em todos os elementos do sintagma, seja em interação direta ou indireta (como no caso dos meios de comunicação) é o que parece influenciar na aprendizagem da nova variante. Isso foi

constatado no perfil dos informantes 01, 03, 05, 07, 09, 11, 13, 15, 17, 19, 21 e 23.

b) para os informantes escolarizados, as redes sociais funcionam como uma “barreira” para a sobreposição da variante de prestígio à variante conservadora. Em decorrência de os falantes, em seu dia-a-dia, manterem o seu círculo de interação restrito à comunidade – cuja maioria dos moradores possui ligação com o meio rural –, se sentirem satisfeitos com o ambiente em que vivem e/ou não almejem mudança para um meio mais urbano, a força do apego às raízes direciona-os à ruralidade. É o que ocorre com os informantes 02, 04, 06, 08, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22 e 24.

c) para os informantes que apresentam perspectivas de mudança de vida, a qual inclui a saída da comunidade para contato com outro meio urbano, a força da escolaridade tende a ser mais forte do que o círculo social e a ruralidade. Isso ocorre apenas com a informante 08, que almeja percorrer novos caminhos fora de Oliveira Fortes-MG e se sente otimista para se inserir no mercado de trabalho que exige alto nível de capacitação. É através dessa informante que observamos, no *corpus*, o índice de ocorrências da variante inovadora sobrepujar a variante conservadora, o que nos leva a pensar numa possível mudança linguística em progresso (cf. Capítulo IV, subseção 4.1.2.3.). Porém, após esse novo olhar, acreditamos que jovens com perspectiva semelhante à da informante 08 tendem a correr atrás de seus objetivos e se mudarem da cidade. Metaforicamente, podemos dizer que “a mudança vai embora”.

d) para os informantes em que há satisfação com o ritmo de vida e com as raras possibilidades de inserção no mercado de trabalho (o que se aplica aos jovens e aos adultos), a força das redes sociais impera. Assim, tanto a ruralidade quanto a escolaridade (mais a primeira do que a segunda) são apropriadas mediante os contatos linguísticos que se configuram no município, seja na zona urbana ou na zona rural. Diante disso, somos levados a crer que os jovens que nascem, crescem e optam por continuar morando na cidade mantêm o perfil sociolinguístico conservador. Isso é bastante visível nos informantes 02, 04, 14, 20 e 22, que, mesmo com a escolarização e/ou com a vontade de trabalhar formalmente, não pensam em sair do município.

e) para os informantes com faixa etária mais elevada, a força que os move tende a ser a de apego às raízes rurais – que todos possuem, inclusive os “urbanos”. A língua que vem sendo mantida no município conta com grande atuação dos falantes mais idosos, que, em função da não escolarização ou da escolarização precária e distante da vida que levam, conservam a língua de um tempo em que não havia nenhuma escolarização e/ou nenhuma influência urbana na localidade. Como os idosos estão se tornando maioria no município e sua longevidade tem aumentado, a tendência é a preservação da língua tal como ela se mostra hoje.

Considerando todos os aspectos acima elencados, confirmamos a nossa hipótese inicial de que o perfil sociolinguístico dos oliveira-fortenses é conservador em relação à concordância de número no SN e no SV e, ao término desta análise, compreendemos esse perfil sob a ótica da configuração das redes sociais dos moradores (com alta densidade e multiplexidade – MILROY(2004)) e das particularidades do município (território, ainda, sociogeograficamente isolado – BORTONI-RICARDO (1985, 2011)).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta empreitada investigativa acerca do perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes-MG, podemos ter um panorama claro do conservadorismo linguístico na comunidade em relação à concordância de número no sintagma nominal e no sintagma verbal.

Nesse sentido, nossa hipótese inicial foi confirmada, pois as ocorrências da variante ausência de concordância foram quantitativamente majoritárias (89,6% no SN e 80,6% no SV). A variante presença de concordância, além de minoritária, ainda se divide em forma padrão e não padrão, sendo que esta última representa a maioria das ocorrências encontradas.

Mesmo com os resultados iniciais sendo suficientes para a confirmação da nossa hipótese, interessou-nos saber quais fatores estariam condicionando esse perfil. Assim, confirmamos evidências de pesquisas anteriores relacionadas ao fenômeno da concordância de número e vimos algumas particularidades da comunidade, mas a “justificativa” para o tão alto índice de ausência de concordância só encontramos a partir da realização da análise qualitativa. Nesta, o conhecimento da comunidade e a apreciação de todos os dados de que dispúnhamos foram de fundamental importância para averiguarmos que Oliveira Fortes-MG tem o perfil sociolinguístico conservador devido à configuração das redes sociais dos moradores e ao isolamento sócio-geográfico do município.

Cabe destacar que, neste trabalho, buscamos ressignificar a discussão acerca do conservadorismo linguístico, que, até então, era referenciado através da comparação entre o português brasileiro e o português europeu. Com o respaldo da perspectiva laboviana acerca da contraposição entre variante conservadora/variante inovadora e da história social do português brasileiro, concebemos o conservadorismo linguístico e a inovação linguística em relação ao fenômeno pesquisado dentro do território nacional, de modo contextualizado e situado espaço-temporalmente.

Essa ressignificação do conservadorismo linguístico veio atrelada à teorização sobre os contatos linguísticos e ratificou o papel das redes sociais dos falantes no repertório linguístico da comunidade. Nesse sentido, nossa pesquisa endossa, como um estudo de caso, o quão pertinente é a leitura de Bortoni-Ricardo (1985, 2011)

sobre a distribuição linguística rural-urbana do país, fundamentada pela configuração das redes sociais.

Diante dos resultados deste trabalho, consideramos ter sido de grande valia a adoção do método misto de análise. A análise quantitativa, por si só, não seria suficiente para elucidar os pontos que foram esclarecidos por intermédio da análise qualitativa, num viés etnográfico. Os números nos possibilitaram descrever, e o conhecimento empírico da comunidade, aliado a outras informações sobre os falantes, nos permitiram explicar (e também entender) o perfil sociolinguístico do município. Nessa direção, destacamos a importância da constituição do *corpus* específico para o objetivo da pesquisa, o qual, ainda, poderá subsidiar estudos de outra natureza, uma vez que será disponibilizado a todos os interessados.

Para nós, este trabalho forneceu um panorama sociolinguístico do município de Oliveira Fortes-MG, mas acreditamos que possa contribuir para a compreensão da realidade linguística de muitas outras localidades distribuídas ao longo do território nacional que vivem em situações correlatas às de Oliveira Fortes-MG. Não pudemos explorar todas as questões que permeiam o conservadorismo linguístico dentro da comunidade, e temos consciência de que um estudo dessa natureza pode (e deve) ter desdobramentos interessantes, principalmente no que diz respeito a questões identitárias e educacionais. Nessa direção, torna-se importante aprofundar a investigação e a discussão sobre o conservadorismo linguístico nas comunidades rurais (e/ou de vocação rural), de modo a identificar se a manutenção linguística: i) está no nível da consciência dos falantes; ii) é uma questão de “escolha” do falante; iii) é fruto do pouco ou inadequado acesso à escolarização; e iv) é condição para o pertencimento ao grupo. Também faz-se necessário refletir sobre o papel da escola e do ensino de língua materna nessas comunidades.

Esperamos que, através deste estudo, uma nova compreensão acerca da fala no município de Oliveira Fortes-MG possa ser alcançada, a ponto de legitimar o vernáculo dos moradores e amenizar os preconceitos, uma vez que agora sabemos as motivações sociais, históricas, geográficas e culturais do perfil sociolinguístico conservador do município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL/MEC, 1982 [1951].

ANDRADE, L. M.. *Rupturas e contínuos da Concordância Nominal de número em textos orais de Informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. Dissertação de Mestrado. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

ANJOS, S. E. dos A. Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1999.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Trad. Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BRAGA, M. L. & SCHERRE, M. M. P. *A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro*. In: Anais do 1.º Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC, 1976. p. 464-77.

BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1977.

CARVALHO, R. C. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CENTRO DE PESQUISAS SOCIAIS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (CPS-UFJF). *Apontamentos sobre o levantamento socioeconômico com população de Oliveira Fortes-MG*. Relatório final. 2010.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory*. 3 ed. Oxford: Blackwell, 2009.

_____.; TRUDGILL, P. *Dialectology*, 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHESHIRE, J. *Variation in an English Dialect*. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 1982.

CUNHA, C. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

_____.; CINTRA, L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, P. F. A. *A língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX: uma investigação sócio-histórica do falar da Zona da Mata Mineira*. Relatório de Pós-doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

_____. *Possessivos de terceira pessoa na língua portuguesa nos séculos XIII e XIV*. Tese de Doutorado: Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

_____. *Evidências de um conservadorismo linguístico no português do Brasil: o presente comprova o passado*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *Handbook of Qualitative Research*. California: SAGE Publications, 1994.

DIAS, M. C. A. C.. *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

ECKERT, P. *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

_____. *Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School*. New York: Teach. Coll, Press, 1989a.

_____. The whole woman: sex and gender differences in variation. *Lang. Var. Change* 1, 1989b. p. 245–67

ELIA, S. *Ensaio de Filologia e Linguística*. 3 ed. RIO DE JANEIRO: Grifo, 1976.

ESPÍNOLA, S.; HORA, D. O paralelismo linguístico e sua atuação no processo variável da concordância verbo-sujeito. *Revista da ABRALIN*, v. 3, n. 1-2, jul e dez 2004. p.217-247.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FARIA, N. V. M. *A concordância verbal no português de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: PUC/MG, 2008.

FERNANDES, M. *A concordância nominal na Região Sul*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

GAL, S. *Language shift: Social determinants of language change in bilingual Austria*. New York: Academic Press, 1979.

GONÇALVES, V. F.. *A ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce - MG*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. PhD Dissertation. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 11 nov. 2010.

INSTITUTO PAULO FREIRE – JUIZ DE FORA (IPF/JF). *Carta escolar do município de Oliveira Fortes-MG*. Relatório final, 1996.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário regional na Amazônia Acreana. *ALFA*, São Paulo, 42 (n.esp.), 1998. p. 93-107

LABOV, W. *Padrões Sociolingüísticos*. Trad. Marcos Bagno; Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. *Principles of linguistic change – social factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Principles of linguistic change – internal factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

_____. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (ed.). *Variation Omnibus*. Edmonton: Linguistic Research, 1981. p.177-199.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in Society*, n. 7, 1978.

LE PAGE, R. B. *Projection, Focusing and Diffusion*. York Papers in Linguistics. 1980.

LEMLE, M. & NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LIMA SOBRINHO, B. *A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil*, 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2000.

LIPPI-GREEN, R. L. Social network integration and language change in progress in a rural alpine village. *Language in Society* 18, 1989. p. 213-234.

LOPES, N. da S. *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Tese de Doutorado. Salvador : Universidade Federal da Bahia, 2001.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). *DELTA*. vol. 17. São Paulo: Educ, 2001.

MARQUES, M. I. M. *O conceito de espaço rural em questão*. Ano 18, n. 19. São Paulo: Terra Livre, 2002. p. 95-112

MASON, J. *Mixing methods in a qualitatively driven way*. vol. 6(1). London: SAGE Publications, 2006. p. 9–25.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola. 2004.

MELO, G. C. *Língua do Brasil*. Rio de Janeiro. Padrão Livraria Editora. 1981.

_____. *Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 549-572

_____. *Linguistic variation and change*. On the historical sociolinguistics of English. GB: Brasil Blackwell, 1992.

_____. *Language and networks*. GB: Brasil Blackwell, 1987.

_____. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, L.; MILROY, J. Linguistic change, social network and speaker innovation. In: *Journal of Linguistics*, vol. 21, Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 339-384.

_____. Belfast: change and variation in an urban vernacular. In: TRUDGILL, P. (ed.). *Sociolinguistic Patterns in British English*. London: Edward Arnold, 1978. p. 19–36.

MITCHELL, C. Networks, norms and institutions. Monograph Number 2. In: BOISSEVAIN, J. & MITCHELL, C. (eds). *Network analysis studies in human interaction*. Leiden: Monographs under the auspices of the Afrika-studiecentrum, 1973.

MOLLICA, C., BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Cortez, 2003.

MOLLICA, M. C.; RONCARATI, C. N. Questões teórico-descritivas em Sociolinguística e em Sociolinguística Aplicada e uma proposta de agenda de trabalho. *D.E.L.T.A.*, v. 17, n. esp., 2001. p. 45-55

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos floripolitanos*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2007.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes. 2000.

NARO, A. J. The Social and the Structural Dimensions of a Syntactic Change. *Language*, n. 57, 1981. p.63-98.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. A influência de variáveis escalares na concordância verbal. A cor das letras. *Revista do Departamento de Letras e Artes*. n. III. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1999. p. 17-34.

_____. Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 9, 1993. p. 437-454.

_____. Variação e Mudança Linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: *Cadernos Estudos Linguísticos Campinas* (20) Jan/Jun, 1991. p. 9-16.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NICOLAU, E. M. das D. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1984.

NINA, T. de J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC, 1980.

PAIVA, M. C. de. A variável gênero e sexo. In: MOLLICA, M.C; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p. 33-50.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PONTES, V. M. L. *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC, 1979.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W.. (eds.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p.55-67.

PRETI, D. (org). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997.

RODRIGUES, A. C. de S. A concordância verbal no português popular em São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1987.

SANTOS, L. S. M. *Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo - MG: uma abordagem variacionista*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SCHERRE, M. M. P. Phrase level parallelism effect on noun phrase number agreement. *Language Variation and Change*. n. 13. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 91-107

_____. Paralelismo Linguístico. *Revista de estudos da linguagem*. v. 7, nº 2. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. p. 29 – 59

_____. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.). *Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 1994. p. 37 – 49.

_____. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

_____. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1978.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA*. v. 9, n. 18. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p.109-131.

_____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas sujeito simples. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN,

K. (eds). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. vol. 17. Frankfurt AM Main: TFM, 2000.

_____. *Sobre a concordância de número no português falado do Brasil*. In: RUFFINO, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 509- 523.

_____. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *DELTA*, vol. 9, nº. 1. São Paulo: EDUC, 1993. p. 1- 14.

_____. The serial effect on internal and external variables. *Language Variation and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 4, n. 1, 1992. p. 1-13

SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

SILVA NETO, S. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro. Presença Edições. 1976.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLIVEIRA FORTES. Disponível em: <<http://www.oliveirafortes.mg.gov.br>> . Acesso em 08 de dezembro de 2011.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction*. Great Britain: Penguin Books, 1974.

VIEIRA, S. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

VOGT BARDEN, L. T. *A variação na concordância verbal na terceira pessoa do plural*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2004.

WEINRIECH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

4) ATIVIDADES

	OLIVEIRA FORTES	OUTRA CIDADE	FREQUÊNCIA			OBS
			COM FREQUÊN- CIA	ÀS VEZES	RARA- MENTE	
TRABALHA						
ESTUDA						
FAZ COMPRAS						
VAI AO MÉDICO						
VAI AO BANCO						
OUTRAS						

5) LEITURA

Leitura	Frequência				Quais?
	COM FREQUÊNCIA	ÀS VEZES	RARA- MENTE	NUNCA	
JORNAL					
REVISTA					
LIVRO					
OUTRO					

ANEXO 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

TEMA	PERGUNTAS
RELACIONAMENTOS PESSOAIS	<p>Com quem você mora? O que eles fazem (estudam, trabalham)? Você se dá bem com eles? Onde moram seus parentes (perto, longe)? Qual parente você tem mais contato? Por quê? Você tem amigos? Como eles são? Por que você acha que eles são seus amigos? O que você faz com seus amigos? Eles te dão conselhos? Como? Você dá conselhos a eles?</p>
HABITAÇÃO	<p>Você gosta da sua casa? Como ela é? Você gosta de Oliveira Fortes? Por quê? Você sempre morou aqui? Como era antes (a sua casa, a cidade)? O que mudou? O que você acha mais bonito onde você mora? E mais feio? Como são seus vizinhos? Por que você mora aqui e não na roça (ou na cidade) ?</p>
HISTÓRIAS	<p>Qual foi o momento mais feliz da sua vida? E o mais triste? O que aconteceu?</p> <p>Como foi a sua infância? O que você fazia? Você brincava de quê? Com quem? Onde? Você trabalhava na roça? O que seus pais faziam?</p> <p>Tem alguma história que você gostava de ouvir na escola/ dos seus pais/ ? Conte para mim.</p> <p>O que você sabe sobre a história de Oliveira Fortes? Alguém (seus pais , avós) já te contou alguma coisa?</p>
FUTURO	<p>O que você espera do futuro?</p> <p>Se pudesse, mudaria alguma coisa na sua vida? O quê? Por quê?</p>

ANEXO 4

CORPUS SOCIOLINGUÍSTICO DO MUNICÍPIO DE OLIVEIRA FORTES-MG

CD